

RENAN RIVABEN PEREIRA

SEMANA ILUSTRADA, O MOLEQUE E O DR. SEMANA:
imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado.

ASSIS
2015

RENAN RIVABEN PEREIRA

SEMANA ILUSTRADA, O MOLEQUE E O DR. SEMANA:
imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado.

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Mestre em História (História e
Sociedade)

Orientadora Prof.^a Dr.^a Tania Regina de Luca.

ASSIS
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP



P436s Pereira, Renan Rivaben
Semana Ilustrada, o Moleque e o Dr. Semana: imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado / Renan Rivaben Pereira. Assis, 2015
188 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientadora: Dr^a Tania Regina de Luca.

1. Imprensa – Rio de Janeiro – Séc. XIX. 2. Rio de Janeiro – História. 3. Periódicos – Humor, sátira, etc. 4. Caricatura brasileira. 5. Humorismo ilustrado. I. Título.

CDD 070.9

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RENAN RIVABEN PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS.

Aos 28 dias do mês de janeiro do ano de 2015, às 09:00 horas, no(a) SALA DA CONGREGAÇÃO, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA do(a) UNESP/Assis, Profa. Dra. SILVIA MARIA AZEVEDO do(a) UNESP/Assis, Profa. Dra. LAURA MOUTINHO NERY do(a) UERJ/Rio de Janeiro, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de RENAN RIVABEN PEREIRA, intitulado "'SEMANA ILUSTRADA", O MOLEQUE E O DR. SEMANA (1860/1876)". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA

Profa. Dra. SILVIA MARIA AZEVEDO

Profa. Dra. LAURA MOUTINHO NERY

Observações: A banca destaca a importância do trabalho, o bom uso do material e em particular o Capítulo 3, que contém informações inéditas a respeito da Semana Ilustrada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer os órgãos que deram sustentabilidade institucional à pesquisa e, principalmente, seus funcionários que sempre me trataram com muita cordialidade e dedicação. Agradeço ao Departamento da Pós-Graduação (UNESP/Câmpus Assis), à Biblioteca Acácio José Santa Rosa, ao Centro de Documentação de Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa (CEDAP) e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Expresso eterno agradecimento ao Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Aos funcionários, como Zaira Teodoro de Oliveira, Clarice Gonçalves Rhumann e Regina Lúcia Gonçalves Truchlaeff. E aos professores, responsáveis pela minha formação e pelo meu desejo de continuar remexendo documentos e histórias. Entre eles, destaco as excelentes aulas, encontros, conselhos e indicações da prof. Dra. Karina Anhenzini de Araujo e da prof. Dra. Lúcia Helena Oliveira Silva. Memorável também foram as palestras do prof. Dr. James Woodard da Montclair State University (New Jersey/USA). Sua passagem deixou extravagantes conhecimentos de historiografia brasileira e momentos valiosos de conversa e descontração.

Não poderia deixar de mencionar a participação decisiva da Prof. Dra. Sílvia Maria Azevedo na minha trajetória. Orientadora da iniciação científica e membro da minha banca de qualificação, a professora enriqueceu a cada encontro minha visão acerca do objeto de pesquisa e, ainda, possibilitou-me conhecer abordagens, desafios e preocupações de outra área, a Literatura.

Nada teria sido igual sem minhas idas para o Rio de Janeiro. Ver e ouvir de perto os autores que cotidianamente eu lia e relia foi revigorante, e melhor ainda, era encontrar a prof. Dra. Laura Nery da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Com a sensação de estar em casa, tinha a possibilidade de compartilhar, pessoalmente, o mesmo entusiasmo que seus textos despertavam-me. Esbanjando inteligência e domínio teórico e histórico sobre o riso, Laura Nery mostrou-me o quanto uma pesquisa sobre revistas ilustradas do século XIX poderia ser interessante. Foi admirável lê-la e conhecê-la.

Ainda entre os mestres, dois são inesquecíveis. Em sua passagem pela UNESP, conhecer o prof. Dr. Fernando Cândido da Silva e assistir suas aulas me deram a chance de repensar minha posição política enquanto historiador. Seus posicionamentos e sua bibliografia para o curso abriram-me caminho para uma mudança sensorial perante minha fonte e minha realidade.

E como não agradecer a prof. Dra. Zélia Lopes da Silva? Além das críticas valiosas na qualificação, uma referência de como deve se comportar um professor. Atribuindo singularidade para cada aluno, acredito que foi ela que, ainda na graduação, leu com atenção e senso crítico os primeiros devaneios de um limitado contador/fazedor de histórias.

Prof. Dra. Tania Regina de Luca, que grande oportunidade e prazer ter trabalhado e convivido com uma profissional desse calibre. Correções de textos, e-mails, encontros, reuniões, debates, momentos de tensão e descontração, tudo isso está guardado com muito carinho. Aprender, aprender e aprender, foi isso que busquei em cada instante ao seu lado. Quanta entrega, quanta dedicação, quanta paixão pela arte de historicizar que existe nela, um exemplo a ser seguido. Ícone da nossa historiografia, porém, acima de tudo, uma grande pessoa.

Agradeço aos amigos do ofício que me ajudaram e me ensinaram. Danilo Bezerra, Breno Sabino, Leonardo Dallacqua de Carvalho, Camila Bueno, Henrique Sena dos Santos, Alexandre Andrade, Deivid Aparecido Costruba, Pedro Henrique Victorasso, Patrícia Trizotti e Anelize Vergara. Agradeço aos amigos “das antigas” e aqueles que encontrei e levei de Assis. É, eu sei, nesses meses árduos de conclusão da dissertação, eu esqueci o samba, o futebol e a recreação.

Grato aos familiares. Aqueles que se preocupam e torcem sempre por mim, como meu pai, Irineu de Menezes Pereira. E o eterno agradecimento à minha grande amiga, aquela que admiro muito por tudo o que é, faz e pensa: Maria Regina Rivaben, uma mãe mais que especial.

Lívia Bruzasco de Oliveira, que mulher! Que orgulho ter ela ao meu lado. Obrigado por mergulhar comigo nessa empreitada e ter tido participação efetiva. Ela lia, opinava, ajudava, reclamava e aclamava. Agradeço por fazer-me sentir forte quando estava fraco e, outras vezes, mostrar-me que ninguém era tão forte. Tudo para ela, tudo por ela.

O ano de 2014 não foi fácil, quantas perdas e mortes. Pessoalmente, perdi meu avô, José Osvaldo Pereira, e meu amigo, André Michel de Andrade. Agradeço e também dedico esse trabalho a eles.

PEREIRA, Renan Rivaben. *Semana Ilustrada*, o Moleque e o Dr. Semana: imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

A partir de 1860, dois personagens tornaram-se familiares aos leitores da imprensa fluminense: o Moleque e o Dr. Semana, figuras que se transformaram em sinônimo da publicação que lhes deu vida, a *Semana Ilustrada*. Nas edições semanais, o cenário urbano da corte ganhava traços caricaturais e o jovem escravo alfabetizado e seu senhor branco circulavam livremente pelas ruas, abordavam os rumos da política imperial, as apresentações artísticas dos teatros e denunciavam as condições precárias dos serviços públicos. Dentro de uma grande comédia dos cidadãos, os mendigos, ratoneiros, pretos tigres, leões do norte, políticos e *sinhás* namoradeiras estavam sujeitos a esbarrar no esperto menino de *libré* e seu *ioiô* de cabeça avantajada e cabeleira volumosa. Para compor um heterogêneo mapa citadino, a sociedade fluminense, suas relações sociais e seus hábitos públicos e privados eram expostos pelas crônicas e caricaturas que não deixavam de cultivar a fumaça industrial, as artes civilizadoras, os estudiosos da ciência e o tempo do progresso. Tendo em conta a longevidade da revista, que atravessou diversas conjunturas que particularizaram o Segundo Reinado, a *Semana Ilustrada* apresenta-se ao historiador como uma fonte instigante, que se entrelaçou à imprensa ilustrada oitocentista, à escravidão urbana do Rio de Janeiro, aos aspectos anatômicos, afetivos e morais dos habitantes e à lógica do riso e do humor da época.

Palavras-chave: imprensa, humor, escravidão, Moleque, Dr. Semana e *Semana Ilustrada*.

PEREIRA, Renan Rivaben. *Semana Ilustrada*, o Moleque e o Dr. Semana: imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

ABSTRACT

From 1860, two characters became familiar to the readers of the Fluminense Press: the Moleque and Dr. Semana, figures that have become synonymous with the publication that gave them life, the *Semana Ilustrada*. Weekly editions, the urban setting of the Court win caricature traces and the young literate slave and his white Lord freely circulated in the streets, talked about the imperial politics directions, the artistic presentations of theatres and denounced the precarious conditions of public services. Inside of large citizens of comedy, the beggars, lurchers, black tigers, lions of North, politicians and flirt ladies were subjects to bump the smart boy of livery and your yo-yo, of a big head and voluminous hair. To compose a heterogeneous map city, the Fluminense society, their social relations and their public and private habits were exposed by the chronicles and caricatures that did not fail to worship the industrial smoke, civilizing arts, the scholars of *science* and the time of progress. Having regard to the longevity of the magazine, that crossed several times in the Second Reign, the *Semana Ilustrada* presents itself to the historian as an exciting source, that intertwined to illustrated press of 19th Century, to urban slavery of Rio de Janeiro, to anatomic, emotional and moral aspects of the inhabitants and to logic of laughter and humor of the time.

Keywords: press, humor, slavery, Moleque, Dr. Semana e *Semana Ilustrada*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1. Revistas e imprensa ilustrada no reinado de d. Pedro II.	18
1.1. Revistas em circulação no Rio de Janeiro em meados do séc. XIX.	20
1.2. Fleiuss e o projeto da <i>Semana Ilustrada</i> .	31
1.3. As revistas ilustradas humorísticas nas últimas décadas do Império.	37
1.4. O Moleque, o Dr. Semana e a <i>Semana Ilustrada</i> versus o <i>Bazar Volante</i> , <i>O Mosquito</i> , <i>A Vida Fluminense</i> , Angelo Agostini e a historiografia.	41
CAPÍTULO 2. A <i>Semana Ilustrada</i> e o Rio de Janeiro.	48
2.1. O progresso, a nação, os espaços urbanos e os trabalhadores.	50
2.2. O dispositivo de mostrar e rir: mulheres, tias e calcanhares.	65
CAPÍTULO 3. O Imperial Instituto Artístico e os impressos da seção <i>Publicações</i>.	88
3.1. O imperial Instituto Artístico.	89
3.2. A seção <i>Publicações</i> .	97
3.3. Publicações: Livreiros, tipógrafos, poetas, naturalistas e a mocidade Esclarecida.	110
CAPÍTULO 4. Dez anos depois: a <i>Semana Ilustrada</i> na década de 1870	122
4.1. O Sr. Brasil e a Guerra do Paraguai.	124
4.2. As Cruzadas da <i>Semana Ilustrada</i> .	128
4.3. Para além da corte.	134
4.4. De volta à cidade: operetas, <i>vaudevilles</i> , banhos de mar, bondes e a multidão.	143
4.5. A Lei de 1871 e a <i>instrução</i> de um povo.	160
CONCLUSÃO	171
REFERÊNCIAS	183

INTRODUÇÃO

No dia 20 de novembro de 1864, era publicado no Rio de Janeiro um aviso sobre as reformas do estabelecimento *photographico* de Matheus de Oliveira. Impresso como anexo da edição nº206 da revista *Semana Ilustrada*, o anúncio garantia trabalhos fotográficos coloridos, reproduções de quadros, retratos e tudo concernente à arte. Com maquinismo novo e peritos artistas, o estabelecimento declarava ter aparato suficiente para deixar os trabalhos em estado de perfeição.

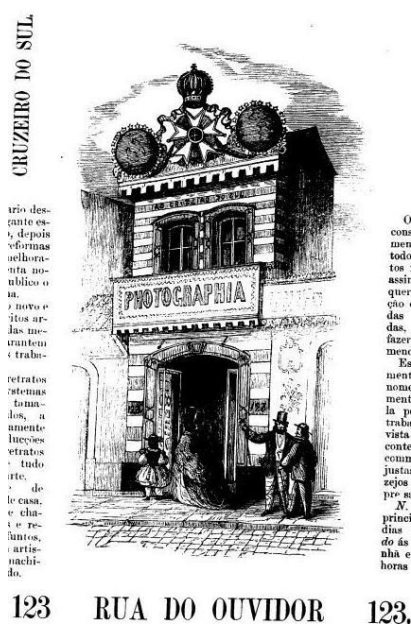


Figura 1 - *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 4, nº206, p. 9, 20 de nov. 1864.

Localizado na Rua do Ouvidor nº123, a casa de produção fotográfica, impressão e reprodução de imagens, atestava o apelo comercial que a imagem gravada já tinha adquirido na corte. Não eram poucos os empreendimentos comerciais dessa categoria que operavam na cidade e que além de produzirem um amplo rol de gravuras avulsas, desenhos de engenharia civil e militar, retratos da família imperial e de figuras aristocráticas, esses estabelecimentos eram responsáveis pela impressão das revistas ilustradas que circularam no Brasil no século XIX.

Ainda na primeira metade do século, a vinda de vários estrangeiros como Boulanger e Risso, Ludwing e Briggs, Larée, Heaton e Rensburg, Martinet, Cardoso, Lauzinger e Sisson permitiram que vários espaços de produção e reprodução de gravuras fossem estabelecidos no

Rio de Janeiro.¹ A gravura afirmava-se como meio de expressão, transmissão da informação e, ainda, produto comercial, cabendo notar que até o período final da Regência, a imagem fazia alusão, predominantemente, aos atores políticos e eventos do poder político. Porém, durante Segundo Reinado, a direção acabou por se inverter e as imagens passaram a trazer os mais diversos espaços urbanos, situações cotidianas, relações pessoais, acontecimentos e fatos de interesse público.² Apesar da longevidade e importância de grandes jornais como o *Diário do Rio de Janeiro* (RJ, 1821/1878), *O Jornal do Comércio* (RJ, 1827/2013) e a *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875/1942), o Segundo Reinado é lembrado na história da imprensa pelo florescimento da reprodução de imagens e a circulação das revistas ilustradas humorísticas.³

Dentro desse gênero de impresso, a primeira folha periódica a publicar quantidade significativa de ilustrações a cada edição e desfrutar de grande sucesso por mais de quinze anos de vida foi a *Semana Ilustrada* (RJ, 1860/1876). Pela longevidade e consagração de um padrão estético, espécie de modelo para as folhas subsequentes, o semanário de Henrique Fleiuss tornou-se pioneiro de um novo gênero da imprensa brasileira. Ainda que a produção de imagens impressas e a circulação de periódicos de cunho humorístico não tenham começado com a *Semana*, é fato que esta publicação uniu, de forma inovadora, humor e ilustração o que a consagrou como referência incontornável nas três décadas seguintes.

¹ Consultar em: FERREIRA, Orlando da Costa. *Introdução à bibliologia brasileira: imagem gravada*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 1994, p. 366.

² SANTOS, Renata. *A imagem gravada no Rio de Janeiro entre 1808 a 1853*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p.83/94. Além, de explicitar o surgimento de novas perspectivas e temas abordados pela imagem litográfica, essas páginas trazem ilustrações das litografias de crítica política desenhadas por Rafael Mendes de Carvalho e Araújo Porto Alegre, e também a série *Costumes do Brasil* de Joaquim Lopes de Barros Cabral Teives, que retratou, em cinquenta litogravuras trabalhadores(as) negros(as). Ambos os trabalhos foram produzidos no ateliê Litografia do Comércio, de posse de Frederico Guilherme Briggs.

³ CARDOZO, Rafael. Origens do projeto gráfico no Brasil. In: CARDOZO, Rafael (org.) *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p. 76.



Figura 2 - *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 4, nº206, p. 9, 20 de nov. 1864.

A *Semana Ilustrada* começa sua viagem humorística pela América Meridional

Composta por crônicas, ilustrações, caricaturas, contos e críticas teatrais o periódico de Henrique Fleiuss comentava, semanalmente, os espetáculos musicais, teatrais, as reuniões e bailes do Clube Botafogo e Fluminense. Nas ruas, era a denúncia dos problemas urbanísticos da cidade que motivava as crônicas, como passeios públicos inadequados, falta de arborização, insalubridade, inundações e a problemas no abastecimento de água. No mesmo teor de criticidade, a precariedade dos serviços públicos, como o correio, a alfândega, os fiscais das águas paradas e a polícia eram anotados. Para comentar, rir e compor as caricaturas que abordavam essas e outras questões, Henrique Fleiuss criou dos irreverentes personagens: o Moleque e o Dr. Semana.

Grandes destaques da publicação, o mais novo da dupla era um jovem escravo alfabetizado, sempre pronto para auxiliar seu senhor branco, uma figura bizarra, dotada de cabeça avantajada, coberta por vasta cabeleira e que cultivava relações com a elite e circulava livremente pela corte, o que lhe oferecia oportunidades para observar condutas, acompanhar fatos e comentá-los com seu leal companheiro. Caricaturados exaustivamente na revista, muitas das capas da edição traziam as andanças da dupla pelos cenários públicos da corte.



Figura 3 – *Semana Ilustrada*, ano2, nº70, capa, 13 de abril 1862.

- Que edifício é esse nhonhô?
- É a Câmara Municipal, onde trabalham nove cidadãos prestantes para o bem público.
- Ah... E este campo tão sujo?
- Isto é o jardim da mesma Câmara, serve de norma para que os fiscais aprendam a cuidar da limpeza nas ruas.
- De tal maneira, eu também queria ser fiscal, nhonhô

A *Semana Ilustrada* singularizava-se por fazer jus ao adjetivo “ilustrada” e pelo predomínio da comicidade, em que o contexto urbano do Rio de Janeiro ganhava expressão imagética a cada novo número. Ademais, às peças e concertos, os problemas das ruas e a crítica sobre a maneira vagarosa que o país caminha atrás do progresso, outra intenção da publicação era transformar suas páginas em uma “grande comédia urbana”. Com uma sátira de costumes, que tinha em Molière o grande exemplo cômico, a revista recriava em suas páginas personagens que circulariam pelos salões, teatros, ruas e passeios públicos da Capital do Império. Dos pretos de ganho, mucamas e moleques às sinhas namoradeiras, esposas adúlteras e os vergonhosos velhos conquistadores, a publicação compôs de forma caricatural um quadro social da corte.

A pesquisa inicia-se pelos bastidores da imprensa oitocentista, seus impressores, litógrafos e tipografias, perpassa pela Rua do Ouvidor, o Campo de Santana, os bondes, o Teatro Ginásio e escolas privadas, para terminar nos calcanhares dos pretos pedreiros, na posição de cócoras das lavadeiras e nas panturrilhas das belas representantes do “belo sexo”, retratos íntimos que não se desvencilhavam dos signos de poder racial, social e sexual que marcavam as relações do imperialismo europeu com outras regiões, povos e grupos do período. Na *Semana Ilustrada*, tomada aqui como fonte/objeto, entrecruzavam-se hierarquia, escravidão, distinções sociais,

raciais e humor, o que evidencia o potencial analítico da publicação para a compreensão do período. Tomada como espaço de fermentação intelectual e de relações afetivas,⁴ o grupo responsável pela revista debateu questões como progresso, nação, monarquia, a cidade do Rio de Janeiro, a higiene e os serviços públicos, a imprensa, os espaços urbanos, mas ainda, os trabalhadores (as), as mães, as tias e os mendigos, ou seja, a sociedade fluminense, suas relações sociais e seus hábitos públicos e privados. Para abordar alguns aspectos desse universo complexo, o trabalho está organizado em quatro capítulos.

O primeiro tem por objetivo traçar um panorama da imprensa oitocentista e especificar os impressos contemporâneos da *Semana Ilustrada*, suas tendências editoriais, projeto gráfico, agentes, colaboradores da pena e do lápis que dividiram o cenário público com a revista de Henrique Fleiuss. Procurou-se evidenciar que, antes do predomínio do gênero humorístico, revistas de cunho literário e científico, ou seja, cujos temas mais recorrentes eram arte, literatura, filosofia e doutrinas científicas, marcaram as décadas de 1840 e 1850. Nesse momento, já se anunciavam publicações diversas, em termos de formato, número de páginas e conteúdo menos denso, como atestam os impressos lançados por Manuel Araújo Porto Alegre e Paula Brito, para citar apenas os nomes mais destacados, que lançaram folhas que se valiam de ilustrações e do humor, para abordar comportamentos, teatro e moda. Ideias, tendências e valores vigentes no velho mundo que atravessavam o oceano e chegavam até nós via livros e impressos periódicos e que provocavam suspiros numa elite que sonhava com Londres e, sobretudo, Paris, mas tinha que lidar com a realidade de uma nação recém-formada nos trópicos, cuja economia era essencialmente agrícola, dependente do trabalho escravo e com a grande maioria da população analfabeta.

Em seguida aborda-se a *Semana Ilustrada*, que caiu no gosto do público ao aliar humorismo e sátira às notícias relativas às peças e concertos que entretinham a chamada “boa sociedade” fluminense. O grande destaque da publicação eram os personagens Dr. Semana e Moleque, dupla a partir na qual se materializava a empreitada satírica da revista, que incluía a denuncia a propósito da precariedade dos serviços públicos, como o correio, a alfândega ou a segurança. Sempre prontos para apontar as mazelas e as adversidades e, ao mesmo tempo, fazer troça das desgraças, a dupla composta por um senhor e um escravo era litografada em cenas

⁴ SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Rene. (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 249.

urbanas (praças, ruas, casas comerciais), interior de residências, tipografias e salões que deixavam entrever a força da presença escrava no Rio de Janeiro.

Por último, ênfase é sobre revistas como o *Diabo Coxo* (SP, 1864/1865), *Cabrião* (SP, 1866), *O Mosquito* (RJ, 1869/1877) *A Vida Fluminense* (RJ, 1868/1875), *O Mequetrefe* (RJ, 1875/1893), *Ba-Ta-Clan* (RJ, 1867/1872), *O Psit!!!* (RJ, 1877), *O Besouro* (RJ, 1878/1879) e a *Revista Ilustrada* (RJ, 1876/1898) que indicam a diversidade de publicações humorísticas ilustradas que tinham por referência, em termos de formato e padrão estético, o modelo inaugurado pela *Semana Ilustrada*, ainda que expressassem posicionamentos políticos distintos e chegassem mesmo a reivindicar transformações sistêmicas para o país. Com frequência, o Moleque e o Dr. Semana eram mencionados e se faziam presentes nessas folhas, o que evidencia o sucesso e centralidade ocupada pela revista de Fleiuss. Com um balanço historiográfico acerca da imagem negativa construída sobre Fleiuss e sua revista, buscou-se repensar essas ideias e relativizar a oposição, consagrada na historiografia, entre Henrique Fleiuss e Angelo Agostini.

No segundo capítulo, a análise volta-se para a cidade do Rio de Janeiro no início da década de 1860, tal como representada nas páginas da *Semana Ilustrada*. Frente às epidemias de febre amarela (1850) e de cólera (1855), que resultaram na criação da Junta Central da Higiene,⁵ a revista de Fleiuss preocupava-se, a cada semana, com as áreas urbanas e a insalubridade. Numa articulação que associava, de maneira imediata, doença e contágio à raça e classe social, os setores hegemônicos clamavam por maior controle social, tido como garantia de saúde, moralidade e progresso. O fato de contar com o Moleque, personagem negra presente na maioria de suas capas, não impedia que o periódico vociferasse contra a presença maciça de vendedores ambulantes, escravos de ganho e trabalhadoras nas ruas, especialmente no Campo de Sant'Ana e no porto.

O Dr. Semana e o Moleque, sutis para lidar com os códigos sociais e, ao mesmo tempo, desfiá-los com seu humor sarcástico, tinham álibi para circular pelos teatros, lojas, clubes e bailes e assim mostrar, nas páginas da *Semana Ilustrada*, o que a elite imperial assistia, escutava e lia. Nessas divagações, as condutas femininas e parte de seus corpos, como cadeiras, barrigas e pernas, eram avaliadas e comparadas, sem que nada escapasse ao olhar arguto do Dr. Semana,

⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 29/30.

principalmente quando se tratava de aspectos físicos e morais, tidos como racialmente atrasados ou degenerados.

No capítulo 3, os olhares abandonam as ruas e os passeios públicos e se voltam para os bastidores da produção e impressão da *Semana Ilustrada*. Em meados de 1860, a corte ganhava outro estabelecimento tipográfico, localizado no Largo de São Francisco. Era Fleiuss que adquiria sua própria tipografia e tornava-se responsável pela produção dos exemplares de seu periódico, atividade até então realizada por outras oficinas do Rio de Janeiro. O novo cenário propiciou mudanças e a *Semana* passou a anunciar os novos produtos que saíam dos prelos de Fleiuss, como a *História Natural Popular* e o *Almanack Ilustrado da Semana Ilustrada*, numa estratégia de autopropaganda.

Dono de órgão que colaborava para a difusão dos impressos, fossem livros, periódicos, boletins, cartazes ou propagandas, o Instituto Artístico dos irmãos Fleiuss & Linde ganhava ilustre reconhecimento ao receber o título de *Imperial*. No ano seguinte, Fleiuss também decide investir no maior produto editorial do Instituto, a *Semana Ilustrada* que, graças à organização de uma escola xilográfica pelo próprio Instituto, conseguia incorporar, por breve momento, iconografias de traços e sombras bem mais precisas.

Assim, Fleiuss somava à sua condição de caricaturista e de editor de revistas, o de impressor e sua *Semana Ilustrada* diversificava-se com a seção *Publicações*, que divulgava livros, jornais, revistas, álbuns, folhetos e brochuras, produzidos por ele e por outros editores e tipógrafos. Por seu intermédio, foi possível entrever títulos, autores, editores, mas também diversificados gêneros e lugares de impressão e/ou venda que compunha o cenário da imprensa oitocentista.

No último capítulo, os conteúdos das crônicas e caricaturas da revista voltam a ser a tônica. Agora sob a égide do contexto bélico atravessado pelo país, a campanha de incentivo à destruição do inimigo, à integração de forças, à vitória e aos combates contra os paraguaios ganhavam lances ilustrados e o humor castigava o “incivilizado” Paraguai e seu líder Solano Lopez. Ainda antes do final da Guerra, a revista assumiu de vez sua posição anticatólica, não poupando, com piadas vexatórias, os dogmas vaticanos, a ordem jesuíta e, ainda, a folha religiosa *O Apóstolo* (RJ, 1866/1901).

Já na década de 1870, as colunas da *Semana* ganhavam novo aspecto. Além dos já tradicionais contos, caricaturas e crônicas sobre a Capital, acontecimentos de províncias

figuraram nas páginas da publicação. Não se tratava de notícias de teor político partidário, científico ou literário, mas de citações e referências ao que os impressos de outras províncias publicavam de fatos anormais, estranhos, ilógicos ou até mesmo trágicos. Diga-se, uma espécie de “sensacionalismo literário”, que se aproximava das colunas *faits divers* dos jornais europeus e americanos.

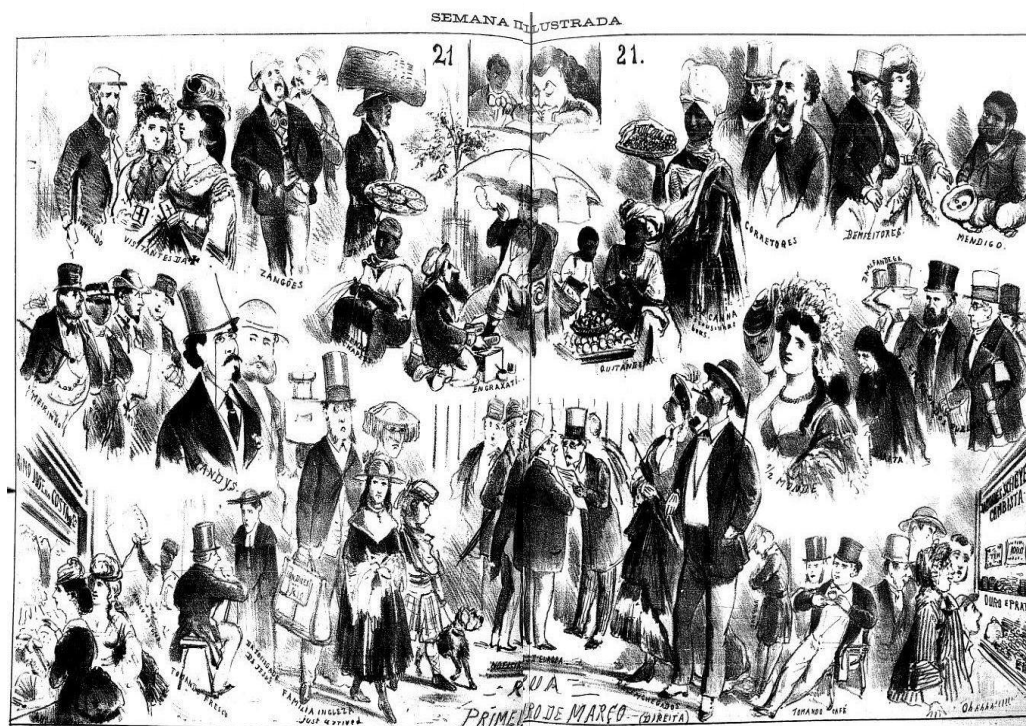
Na última parte da dissertação, as ruas do Rio, novamente, são a grande atração, mas num novo momento, os primeiros anos de 1870. Segundo as crônicas e caricaturas, o texto percorre a cidade, concentrando-se no Alcazar Lírico e no teatro Ginásio, nas comédias *vaudevilles*, nas novas revistas ilustradas humorísticas, nas praias e nos bondes. A cidade crescera e uma *multidão* ansiava por diversão. Rir das operetas do Alcazar, dos *vaudevilles* do Ginásio e das caricaturas das revistas ilustradas não era privilégios de poucos, ainda mais quando se tratava de ir à praia ou pegar um bonde.

Para finalizar, em meio às discussões que envolviam a votação da Lei de 1871, novas doutrinas sociais e políticas eram debatidas na *Semana*, no Rio de Janeiro e no país. A nova coluna da revista, *Badaladas*, desdenhava daqueles que não tiravam a república e o barrete frígio da cabeça, mas admitia que a política, assim como a cura, deveria ser atingida por meio da *ciência*, que ganhava cada vez mais legitimidade para cuidar das doenças e problemas sociais que afligiam o Rio de Janeiro e o futuro da nação. Sem deixar de lado a civilidade material e moral que a ideologia do progresso prometia, o discurso da *Semana* comportou o riso de exclusão sobre os sujeitos que circulavam no Campo de Santana nos anos iniciais de 1860, para incorporar o desejo de criação de escolas para receber pretos livres e cativos no início da década de 1870, numa mescla que envolvia instrução e medo.

Em síntese, entre os calcanhares de moças, tias, velhos, políticos, trabalhadores, escravos e maltrapilhos, o Dr. Semana e o Moleque trouxeram os “tipos sociais” e os problemas urbanos para as páginas da revista. Preocupados com a nação, o progresso, a moral, as artes, a instrução pública, a religião e tudo que envolvia a “boa sociedade” junto da *cidade negra*, a revista emitira opiniões, ora propondo soluções ora julgando penosamente, mas nunca deixando de rir.⁶ Folhear

⁶ Para Sidney Chalhoub a formação da cidade negra foi um processo que se deu no Rio de Janeiro entre 1830 e 1870. Na definição do autor: “A cidade negra é o engendramento de um tecido de significados e de práticas sociais que politiza o cotidiano dos sujeitos históricos num sentido específico – isto é, no sentido da transformação de eventos aparentemente corriqueiros no cotidiano das relações sociais na escravidão em acontecimentos políticos que fazem desmoronar os pilares da instituição do trabalho forçado. CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p. 186.

a publicação do prussiano Henrique Fleiuss é como abrir uma janela que dá para uma movimentada via pública, no caso, as ruas do Rio Janeiro da *Semana Ilustrada*.



O que se vê da minha janella.

Figura 4 – *Semana Ilustrada*, ano 11, nº543, p. 4/5, 7 de maio 1871.

O que se vê da minha janella.

CAPÍTULO 1

REVISTAS E IMPRENSA ILUSTRADA NO IMPÉRIO DE D. PEDRO II

O século XIX foi marcado pela industrialização da imagem, graças às evoluções técnicas expressas no processo litográfico, que permitiu o crescimento da produção da literatura ilustrada, dos livros de bolso, então uma novidade, dos romances de folhetim, mas também das gravuras avulsas, dos anúncios e cartazes, que conferiram outro estatuto à comunicação visual e à publicidade, presentes no cotidiano das cidades. A prática de ilustrar tornava-se ofício assalariado dentro das oficinas tipográficas, que proliferavam. Com demanda por mão de obra qualificada e exigências da divisão de trabalho, esses estabelecimentos comerciais dominavam técnicas de impressão, como a litografia e a xilografia que permitiam reproduzir imagens, estampas, cartazes, rótulos, embalagens, jornais, revistas, e outros.⁷

Por despendar menos tempo, ser menos custosa e demandar mão de obra, com menor qualificação do que a xilografia, aspecto importante num país escravista, a litografia imperou como a técnica mais utilizada dentro das casas de impressão no Rio de Janeiro. Já a xilografia, que resulta em traços delicados de maior precisão e consiste no processo de talhar a matriz de madeira, foi amplamente empregada pela imprensa europeia ilustrada, mas não fez escola por aqui, apesar de alguns incentivos. Enquanto na Europa e nos Estados Unidos as revistas ilustradas de humor e caricatura dividiram o mercado com os periódicos ilustrados noticiosos, que se utilizavam da impressão xilográfica e também da reprodução de fotografias pelo mesmo modo, aqui os ilustrados humorísticos, que se valiam da produção de caricaturas pelo processo litográfico, foram unânimes.⁸

Contudo, nas décadas anteriores, antes do predomínio do gênero, revistas de cunho literário e científico constituíram o primeiro círculo intelectual e literário de figuras importantes da imprensa no país. Não é fruto do acaso, portanto, que floresceram publicações como o *Museu Universal*, *A Lanterna Mágica*, *Ilustração Brasileira*, *O Brasil Ilustrado*, a *Marmota* que, apesar de guardarem considerável distância entre si, contribuíram para a formação de cultura visual de informação, que entrelaçava formalidade, sisudez, humor e riso em suas páginas.

⁷ “Em linhas gerais, a divisão de tarefas na oficina obedecia à seguinte ordem: ajudantes e aprendizes cuidavam das pedras, polindo-as e dando os banhos químicos de preparação para o desenho ou aplicação da tinta; o desenhista, que muitas vezes também era chamado de litógrafo, se responsabilizava pela criação na pedra; e o impressor operava a prensa. Em alguns casos havia ainda o letrista, prendado na arte de escrever invertido.” REZENDE, Livia Lazzaro. A circulação de imagens no Brasil oitocentista. In: CARDOZO, Rafael (org.) *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 /1960*. São Paulo: COSACNAIFY, 2005, p. 36.

⁸ ANDRADE, Joaquim Marçal. *Op cit.*, p. 52.

1.1. Revistas em circulação no Rio de Janeiro em meados do século XIX.

Ao tratar do processo de constituição do espaço público no Brasil oitocentista, Marco Morel assinala a sua especificidade, tendo em vista a realidade da escravidão e da dependência de Portugal. A partida do rei em 1820 e o fim da censura foram essenciais para a circulação de ideias e o debate, em grande parte travado e mesmo possibilitado pela imprensa.⁹ Nos turbulentos anos da Independência e do Primeiro Reinado, uma imprensa panfletária foi o palco no qual se travaram as disputas, muitas vezes acerbadas e numa linguagem que estava longe de seguir as regras da polidez.¹⁰ Nas décadas de 1840 e 1850, apaziguados os ânimos, o desafio era o de fazer avançar a nação, o que se deveria expressar por meio de produções artísticas, literárias, científicas, que fossem reconhecidas como contribuição efetiva para o que então se denominava de “concerto das nações”.

Depois do acordo selado entre os luzias e os saquaremas e o fim da última revolta de cunho liberal do período, A Revolta Praieira (1848) em Pernambuco, o regime não conheceu contestações importantes e seus códigos, hierarquias e formas de atuação pareciam fazer parte da ordem natural das coisas e contavam com amplo apoio social. Visto que o “despotismo” do Primeiro Reinado e a “anarquia” da Regência faziam parte da experiência de grande parte da elite que compunha o Segundo Reinado, parecia essencial evitar os excessos revolucionários causados pela “falta de ordem” que imperou no momento anterior e assegurar a paz e a estabilidade capazes de fazer o país avançar na econômica e moralmente.¹¹ Referindo-se ao tempo desperdiçado por conta dos levantes políticos e sociais que assolaram várias regiões do país, a revista *Guanabara* (RJ, 1849/1856), colocando-se como propugnadora do progresso, alertava:

A época atual, em face dos acontecimentos recentes, já provados por nós em dias calamitosos, parece que convence os espíritos de que nada mais nos resta a experimentar, e que devemos concentrar todas as nossas forças para o desenvolvimento moral e intelectual, única base de um seguro e permanente progresso.¹²

⁹ Marco Morel analisou a construção desses espaços e conceitos dentro do século XVIII ocidental, e como eles. *Opinião pública* ainda foi definida pelo autor como leis abstratas, gerais e morais construídas pelo público letrado para criticar o absolutismo no requerer de um novo tipo de poder político. MOREL, Marco *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹⁰ Sobre o tema ver Lustosa, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹¹ Ver ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 51/56.

¹² *Guanabara*, Rio de Janeiro, ano 2, tomo I, p. 2, 1850.

Nas primeiras três décadas do Império, instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Academia Imperial de Belas Artes e o Colégio Pedro II foram geridas e frequentadas por indivíduos empenhados em constituir uma nação civilizada nos trópicos e que aí encontravam cômodos espaços de atuação. Os homens que frequentavam e geriam essas instituições inspiravam-se nos “intelectuais políticos” do Segundo Império francês, a exemplo de Guizot e Victor Cousin que, com a sua teologia hegeliana afinada com o romantismo, estava entre as influências mais importantes da época.¹³ Além do prestígio por pertencerem a tais instituições que representavam o Império do Brasil, esses homens escreviam na imprensa, lançavam jornais e revistas, debatiam questões estéticas sempre na busca da desejada civilidade, que deveria se expressar na produção de uma literatura e de uma arte nacional, à semelhança das grandes nações europeias.

Além de serem balizadas pela experiência interna, essas ideias também dialogam com repertórios europeus, presentes nas revistas literárias, filosóficas e científicas.¹⁴ A *Revue des Deux Mondes* (1829/1971) e a *Quarterley Review* (1809/1967) são exemplos de revistas estrangeiras que informavam e formavam a elite imperial, quiçá não as únicas, já que a produção desse gênero impresso também obteve êxito no país.

As revistas extensas, ainda bastante próximas dos livros, como *Niterói, revista brasiliense* (Paris, 1836), *Minerva Brasiliense* (RJ, 1843/1845) e *Guanabara* tinham por objetivo discutir e promover o desenvolvimento das artes, letras e ciências do Brasil. Publicada por um grupo de jovens que residia em Paris – Manoel Araújo Porto Alegre, Domingos José de Magalhães e Francisco de Sales Torres Homem – *Niterói* é considerada marco do nosso romantismo e um brado de independência intelectual levado a cabo por essa geração. Mantendo preocupações próximas às de *Niterói*, mas incorporando nomes como Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto Souza e Silva, além de pequena participação de Joaquim Manoel de Macedo, a *Minerva Brasiliense* deixava explícita suas intenções modernizadoras ao tratar de temas literários, políticos e filosóficos. Aos primeiros românticos brasileiros também se deve a fundação de *Guanabara* que, logo no primeiro número, já agradecia o apoio do Imperador aos literatos.¹⁵

¹³ Ver ALONSO, Angela. *Op. cit.*, p. 54.

¹⁴ Idem, p. 53.

¹⁵ Ver RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 89/102 e SCHWACZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro I: um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.126/142.

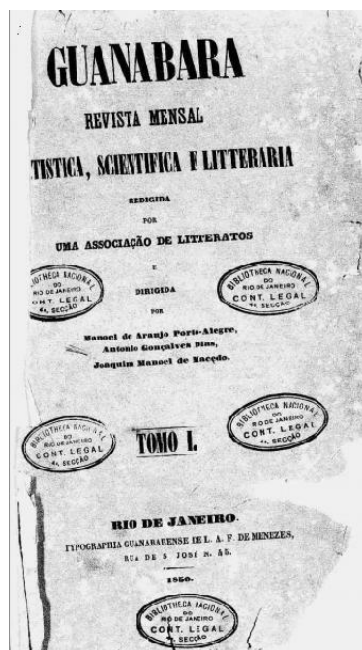


Figura 5 – *Guanabara*, Rio de Janeiro, ano 2, tomo I, capa, 1850.

Fundada por Manoel Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo, a *Guanabara* foi a última revista literária do primeiro momento romântico brasileiro. Segundo algumas fontes,¹⁶ a sua relativa perenidade explica-se pelo apoio do Imperador que, de acordo com Moreira de Azevedo, estendeu-se também àquela que pode ser considerada sua continuadora, a *Revista Brasileira* (RJ, 1857/1861), que teve à frente Cândido Batista de Oliveira, responsável pelos textos de cunho científico publicados em *Guanabara*.¹⁷

Atuando como político ou alto funcionário do Estado, escritores e intelectuais esses homens constituíam a elite do Império. Torres Homem foi Deputado, Senador, Ministro e Visconde, enquanto Joaquim Manuel Pereira da Silva exerceu as funções de Deputado e Senador. Receberam títulos de nobreza o Deputado Domingos José Gonçalves de Magalhães e o diplomata Francisco Adolpho Varnhagen. Joaquim Manuel de Macedo, por seu turno, foi membro da Câmara e Manuel José Araújo Porto Alegre Barão e diplomata.¹⁸

Araújo Porto Alegre desempenhou papel dos mais destacados nas artes plásticas e na Academia Imperial de Belas Artes. Além de ter sido presença marcante no cenário político, a

¹⁶ LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843 -1845) e Guanabara (1849 – 1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978, p. 62.

¹⁷ Idem, p. 70/72.

¹⁸ RICUPERO, Bernardo. *Op. cit.*, p. 20.

ele é atribuída à primeira caricatura feita em solo brasileiro.¹⁹ Produções como o seu primeiro álbum em 1836, a série *Caricatura* de 1837 a 1839, o periódico *A Lanterna Mágica* (1844/1845) e a série *Guerra dos Chouriços na Marmota Fluminense* (1852/1857) estão entre seus trabalhos mais destacados.²⁰ No entanto, o pintor, cenógrafo, arquiteto e dramaturgo, foi o responsável por inaugurar o mercado editorial brasileiro com um gênero de impresso de menos de quinze páginas e que possuíam força pela junção de ilustração e humor.

Entre 1830 e 1880, os termos “ilustrar”, “ilustração” e “ilustrador” expandiram-se pelo globo e a prática de ilustrar tornou-se uma profissão especializada.²¹ Nesse processo de “dessacralização da imagem”,²² o humor foi um ingrediente importante. Para muitos, o caricaturista Honoré Daumier (1808/1879), com seu personagem de conduta pouco ortodoxa, Robert Macaire, foi um dos grandes precursores do encontro entre imprensa e humor. Denominado de “século Macaire”,²³ o período foi marcado pela circulação internacional de textos, imagens, artistas e jornalistas que se valiam do cômico e da caricatura.²⁴ A difusão de um estilo de ilustração, independente das fronteiras nacionais, assim como de gêneros jornalísticos e literários, evidência a representatividade que a informação, elemento essencial do mundo urbano, ganhou nas folhas da imprensa, agora ilustrada.

Porto Alegre viajou para a Europa em 1831, em companhia de Debret, e o álbum de 1836 retrata seu itinerário, que incluiu Bruxelas, Paris e Roma. Em 1837, de volta no Brasil e certamente impactado pelo contato com o panorama artístico parisiense, repleto de estampas, cartazes variados e com uma atuante imprensa ilustrada, na qual se distinguiam as litografias satíricas de Honoré Daumier (1808/1879), lançou seu álbum *Caricatura*. Litografado na tipografia de Victor Larée, as duas primeiras estampas avulsas traziam crítica à nomeação do jornalista Justiniano José da Rocha para o cargo do *Correio Oficial*. Justiniano havia publicado crítica sobre a diminuta inclinação de Porto Alegre para a música e o teatro, na qual

¹⁹ Ainda que exista polemica no que respeita às primazias, é consenso que dentre as primeiras caricaturas desenhadas em terras brasileiras estavam as de Rafael Mendes de Carvalho e Araújo Porto Alegre. Porém, o país recém independente já havia sido alvo de caricatura anônima, publicada em Londres em 1826, que retratou os servos do império como primatas, e outra, datada de 1831, de Honoré Daumier, relativa à disputa entre os irmãos D. Pedro I e D. Miguel. Ver: MARTINS, Ana Luiza. Desenho, letra e humor. Estereótipos na caricatura do Império. In: LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, Humor e caricatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 521 e MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: Os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012, p. 56.

²⁰ Idem, p. 75.

²¹ KAENEL, Philippe. *Le métier d'illustrateur (1830 - 1880): Rodolphe Topffer, J. J. Grandville, Gustave Doré*. Paris: Ed. Messene, 1996. Apud: TELLES, Angela Cunha da Motta. *Desenhando a nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*. Brasília: FUNAG, 2010, p. 30.

²² SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Op. cit.*, p. 35.

²³ Idem, p. 114.

²⁴ TELLES, Angela Cunha da Motta. *Op. cit.*, p. 46.

restringia suas qualidades ao campo da pintura.²⁵ Rinchas pessoais à parte, o *Jornal do Comércio* (RJ, 1827/2013) noticiou a circulação desse novo tipo de arte: “A bela invenção de caricaturas, tão apreciadas na Europa, apareceu hoje pela primeira vez no nosso país, e, sem dúvida, receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa às coisas úteis, necessárias e agradáveis.”²⁶ Porto Alegre, nas suas estampas avulsas, também criticou o político Bernardo de Vasconcelos que, com grande liderança no período regencial, teria sido um dos responsáveis pela abdicação de D. Pedro I, admirado pessoalmente por Porto Alegre, com quem travou relações no Brasil e reencontrou na Europa.²⁷

Em 1844, Araújo de Porto Alegre lançou, em colaboração com Rafael Mendes de Carvalho, *A Lanterna Mágica* (1844/1845), periódico singular na imprensa oitocentista brasileira. Inspirado nas personagens Robert Macarie e Bertrand, que ganharam vida nos desenhos de Daumier, ele criou Laverno e Belchior, que circularam litograficamente pelas ruas da Corte a pregar falcatruas. Ambientados no cenário urbano, que lembrava o Largo do Paço, não raro as personagens valiam-se de disfarces, como cientistas charlatões, cantores de ópera italianos, médicos homeopatas, ou fingiam ser viajantes estrangeiros para enganar os brasileiros que se curvavam diante de tudo o que vinha de fora. Ao interpretar a sociabilidade que ganhava forma nos centros urbanos europeus, a folha de Porto Alegre marcou a chegada desse tipo de sátira na capital do Império.²⁸



Figura 6 – *A Lanterna Mágica*, Rio de Janeiro, ano 1, nº1, p. 7, - de - 1844.

²⁵ Idem, p. 58/66.

²⁶ *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, nº 277, 14 de dez. de 1837. Apud: MAGNO, Luciano. *Op. cit.*, p. 67.

²⁷ MAGNO, Luciano. *Op. cit.*, p. 71/75.

²⁸ Idem, p. 88/95

Laverno e Belchior projetando

Laverno: - O nome sempre é o mesmo pateta, a terminação faz a nacionalidade. Serei francês, sendo Lavernu; russo, Lavernoff; Inglês, Laverson; Italiano, Lavernini ou Lavernelli; Polaco; Laverniski; Alemão, Von Lavernitz; Holandês, Van Lavernick; Egípcio, Lavermuda-Bei; Espanhol, Dom Laverno d'Alfarrache, e assim por diante, porém não me interrompa mais.

Belchior: - Percebo meu amor, tu és um homem admirável.

Em fevereiro de 1854 foi lançada a *Ilustração brasileira* (RJ, 1854/1855), mensário que tinha como proprietário e redator Ciro Cardozo de Menezes. Segundo os estudiosos, a nova revista não tinha a mesma qualidade literária da *Guanabara*, porém representou grande avanço no que diz respeito às ilustrações. Seu proprietário, em constante contato com litógrafos e gravadores, mostrava-se consciente da força desse recurso,²⁹ e pode-se afirmar que a revista foi uma das primeiras a dedicar uma página inteira ao humor gráfico.³⁰

A revista teve continuidade em *O Brasil Ilustrado* (RJ, 1855/1856), de responsabilidade de Menezes, agora associado a Francisco de Joaquim Bethencout da Silva, Francisco de Paula Candido, Francisco de Paula Menezes e Francisco Nunes de Souza. Com um preço elevado frente às suas contemporâneas e mais próxima das folhas ilustradas publicadas na Europa, a revista saía ao final de cada mês, com oito páginas e texto dividido em três colunas.³¹ Logo no primeiro número trouxe o Imperador na capa e avisou que se ocuparia da moral pública, de história, economia política, indústria, comércio, ciência, belas-artes e literatura.³²

²⁹ Idem, p. 68/70.

³⁰ A *Lanterna Mágica* (1844/1845), *O Universo Ilustrado* (1858/1859), *L'Iride Italiana* (1854/1856), *O Charivari Nacional* (1859) e *O Brasil Ilustrado* (1855/1856) também configuraram pioneiras no Rio de Janeiro na arte de ilustração. MARTINS, Ana Luiza. *Op. cit.*, p. 521.

³¹ SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855/1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí/SP: Paço editorial, 2011, p. 76/78.

³² Idem, p. 102.



Figura 7 – *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, ano 1, nº1 , capa, 14 de mar. 1855.

Publicado n’*O Brasil Ilustrado* com o nome “Namoro, Quadros ao Vivo”, o alsaciano Sebastien foi o criador da primeira história em quadrinhos por aqui. Litografando cenas satíricas a propósito da moda, tipos e costumes, Sisson colaborou intensamente com *O Brasil ilustrado* e *L’Iride Italiana* (RJ, 1854/1856). No primeiro, manteve certa constância de publicação a partir do terceiro número, tendo abordado temas como a administração pública, o lixo, o custo de vida e as tramas políticas.³³ Publicação bilíngui, a *L’Iride Italiana* orgulhava-se de afirmar sua distribuição por outras cidades do Império, nas principais cidades europeias e na Itália. Quando troca de dono, no final de 1855, alterou sua feição editorial e passou a conter ilustrações e caricaturas. Visto que foi o caricaturista exclusivo da revista, Sisson teve papel fundamental no fato de a folha começar a oferecer gratuitamente álbuns de ilustrações para os seus assinantes. Próximo do Imperador, a revista tratava mais de assuntos artísticos, teatrais e musicais e evitava fazer críticas explícitas bem como temas políticos em suas ilustrações.³⁴

³³ Idem, p. 121/122.

³⁴ Idem, p. 122/131.

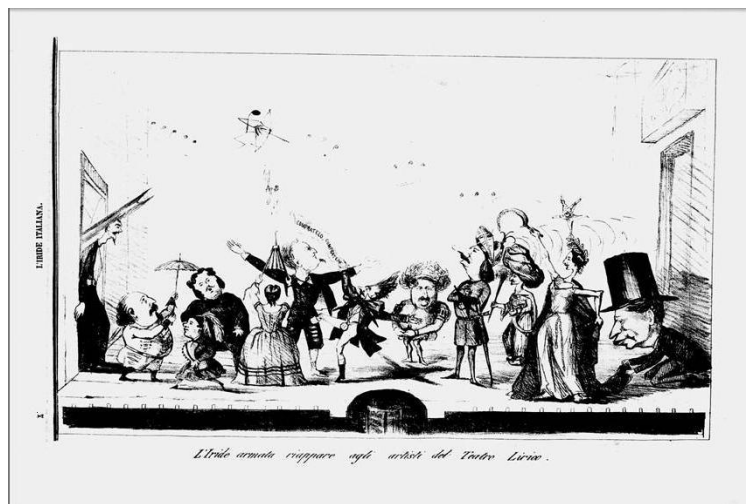


Figura 8 – *L'iride Italiana*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 16, p. 3, 4 de out. 1855.

L'Iride armata riappare agli artisti del Teatro Lirico

Litógrafo, pioneiro da caricatura de costumes e da arte dos quadrinhos, Auguste Sisson também prestou serviços para a Biblioteca Nacional, restaurando gravuras, o que lhe valeu a condecoração de Cavaleiro da Rosa (1882). Suas gravuras ilustraram revistas fluminenses na década de 1850, que dividiam espaço com as revistas de Paula Brito (1809/1861).

Na livraria da Praça da Constituição, nº 64 (atual Praça Tiradentes), nos fundos da livraria de Francisco Paula Brito, reuniam-se romancistas, poetas, dramaturgos, pintores e políticos que organizaram a Sociedade Petalógica, com a participação de Gonçalves Dias, Laurindo Rabelo, Joaquim Manuel de Macedo, Araújo Porto Alegre e outros. De origem humilde, o pai era carpinteiro descendente de escravos,³⁵ Paula Brito venceu barreiras sociais e culturais e tornou-se grande nome da imprensa oitocentista, contribuiu para a disseminação da cultura letrada no país, além de ter aberto espaço para jovens promissores, como Machado de Assis.³⁶

Poeta, tradutor, editor, tipógrafo e empreendedor, Paula Brito começou sua trajetória trabalhando na tipografia do *Jornal do Comércio* e depois abriu sua própria casa de impressão: Empresa Tipográfica Dois de Dezembro, cujo nome fazia alusão ao seu aniversário e do Imperador. Durante a Regência, distinguiu-se na produção de panfletos que criticavam os rumos do país e pediam a posse de D. Pedro II.³⁷ Mais tarde e já com o título de Impressor da Casa Imperial, a revista *Guanabara* foi uma das folhas que imprimiu e

³⁵ CAMARGO, Oswaldo de. Um negro histórico: Francisco de Paula Brito, primeiro editor brasileiro. In: DEAECTO, Marisa Midori; FILHO, Plínio Martins; RAMOS JR, José de Paula (orgs). *Paula Brito: editor, poeta e artífice das letras*. São Paulo: Edusp: Com arte, 2012, p. 13.

³⁶ Idem, p. 25/33.

³⁷ Idem, p. 13/20.

distribuiu. Por ter editado o jornal *O Mulato* ou *O Homem de Cor* (RJ 1833), no qual propugnava contra a discriminação racial, seu nome é relacionado ao surgimento da imprensa negra brasileira.³⁸

Paula Brito teve suas próprias publicações de sucesso, nas quais oferecia entretenimento em periódicos que atravessaram toda a década de 1850: a *Marmota na Corte* (RJ 1849/1852), *Marmota Fluminense* (RJ 1852/1857) e *A Marmota* (RJ 1857/1861 e 1864). A folha chegou a publicar ilustrações de sátiras de costumes e também reproduzir caricaturas do *Le Journal pour Rire* (Paris, 1848/1855) de Charles Philipon (1800/1862).³⁹ Bissemanal, a *Marmota* circulava geralmente as terças e sextas-feiras, com quatro páginas e formato 32 x 23 cm, texto dividido em duas colunas e, depois de 1852, em três. Os temas mais tratados diziam respeito à literatura, teatro, música, moda e moralidade, com destaque para o que se passava na França.⁴⁰

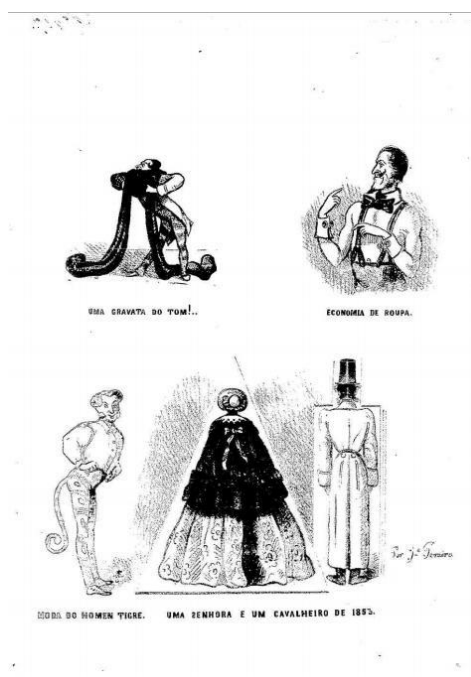


Figura 9 – *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 6, nº 467, p. 3, 5 de mai. 1854.

³⁸ Segundo estudiosos, essa imprensa alternativa tomou grande fôlego na São Paulo do início do século XX, quando as publicações tratavam de temas como violência, dominação e exclusão racial. Sobre o assunto, ver: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História, UnB, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6432/1/Ana%20Flavia%20Magalhaes%20Pinto.pdf>> Acesso em: 18 de set. 2013. FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista 1915-1963*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). FFLC H, USP, São Paulo, 1981. GARCIA, Marinalda. *Os arcanos da cidadania: A Imprensa Negra paulistana nos primórdios do século XX*. Dissertação (Mestrado em História). FFLCH, USP, São Paulo, 1997. BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afrobrasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

³⁹ SIMIONATO, Juliana. A *Marmota* de Paula Brito. In: DEAECTO, Marisa Midori; FILHO, Plínio Martins; RAMOS JR, José de Paula (orgs). *Op. cit.*, p. 170.

⁴⁰ Idem, p. 113

Na sua primeira fase, a *Marmota na Corte* (1849/1852) contou com contribuição frequente do baiano próspero Diniz, que assinou número avultado de crônicas a propósito de problemas relativos à locomoção, mal estado de conservação das ruas e deterioração de prédios. Na publicação subsequente, a *Marmota Fluminense* (1852/1857), além de ser diretor, Paula Brito foi o principal redator. A publicação reservava espaço para a seção *Folhetim*, com aumento de textos de cunho ficcional, em poesia e prosa. Nesse momento, as notícias da cidade diminuíram e aumentaram as ilustrações e caricaturas, o que dava refinamento e leveza à publicação. Por fim, ele lançou *A Marmota* (1857/1861 e 1864), que manteve enfático a parte literária e cuja existência chegou a ser ameaçada pelo fechamento da tipografia Dois de Dezembro, fato que não se concretizou pois Paula Brito formou uma nova sociedade.⁴¹



Figura 10 – *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 5, nº 391, capa, 12 de ago. 1853.

Apesar de a *Marmota* ter voltado ao público em 1864, a sequência de mais de uma década de circulação foi interrompida com a morte de Paula Brito, em dezembro de 1861. Publicada duas vezes na semana, a revista privilegiava os comportamentos sociais, as regras de etiqueta, as vestimentas e as artes, tal como vigoravam em Paris.⁴² Paula Brito proveu o público fluminense por toda a década de 1850 com suas *Marmotas*, lugar que, na década seguinte, foi ocupado por Henrique Fleiuss e seu Imperial Instituto Artístico, que sustentou a *Semana Ilustrada* entre 1860 e 1876. As publicações do brasileiro e do prussiano

⁴¹ Idem, p. 106/108.

⁴² Idem, p. 165.

compartilharam a grande longevidade, a preocupação de tratar de regras de comportamento, do vestir e do agir em espaços públicos e privados, além de serem consideradas próximas da monarquia.

No final de junho de 1861, a *Semana Ilustrada* divulgava que um dedicado amigo havia obsequiado-a “com uma excelente fotografia representando a estátua equestre de D. Pedro I”. Graças à boa qualidade do material, até os magníficos grupos de índios que ornavam o pedestal da estátua poderiam ser admirados, razão pela qual a folha reproduziu a fotografia, com a “maior fidelidade na cópia”, como suplemento no seu número seguinte.⁴³ No final, revelava-se que: “O amigo que me remeteu a referida fotografia foi o Sr. Francisco de Paula Brito, cuja bondade agradeço de todo o coração”.⁴⁴ Na *Marmota*, foram várias as ilustrações comemorativas do aniversário de D. Pedro II e, com certa constância, apareceram textos de exaltação e louvor à família imperial. Pelo fato de a *Marmota* procurar evitar temas polêmicos, como a escravidão e as disputas políticas, a revista foi tida como publicação de cunho “oficial”, que expressaria a relação de mecenato que ligaria Paula Brito e D. Pedro II.⁴⁵ Da mesma forma, por ter poupado a família real de suas sátiras e caricaturas e possuir no título de seu empreendimento editorial o nome “imperial”, a *Semana Ilustrada* e Fleiuss receberam o mesmo tipo de julgamento.



Figura 11 – *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 17, capa, 7 de abr. 1861.

Minha prezada comadre D. Marmota; não poderia deixar passar as festas, sem vir apresentar-lhe os meus respeitos e oferecer-lhe como prova de minha sincera afeição este cartuchinho de amêndoas.

⁴³ Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 29, p. 2, 30 de jun. 1861.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ SIMIONATO, Juliana. *Op. cit.*, p. 176/181.

As referências a Paula Brito e sua revista era cercada de simpatias na folha de Fleiuss. Como se observa na capa da *Semana* acima reproduzida, na qual o Dr. Semana mostrava sincera afeição pela D. Marmota e o Moleque pela “Moleca” da D. Marmota, havia boas relações mantidas por Paula Brito e Henrique Fleiuss, que compartilhavam ideais políticas e dedicavam-se ao mundo dos impressos. Entretanto, diferentemente da *Marmota*, assuntos como eleição, escravidão e precariedade urbana eram constantes na *Semana Ilustrada*, enquanto na revista de Paula Brito, fazia as vezes de uma senhora, mais recatada e próxima da literatura e do ambiente doméstico, como convinha ao seu gênero.

A partir de 1850 e 1860, uma imprensa ilustrada “caricatural” virou sinônimo de imprensa ilustrada em geral. Além dos fatores de ordem econômica e sociológica, a existência e vinda de grandes artistas, editores e empreendedores do humor caricatural litográfico, como os imigrantes Henrique Fleiuss, Rafael Bordalo e Ângelo Agostini, propiciaram um ambiente favorável para décadas de sucesso e boa aceitação desses impressos.⁴⁶ Dentro desse gênero, a primeira folha periódica a publicar quantidade significativa de ilustrações a cada edição, e deleitar-se de grande sucesso com seus mais de quinze anos de vida foi a *Semana Ilustrada* (RJ, 1860/1876). Por tantos anos de circulação e a consagração de um padrão estético, espécie de modelo para as folhas subsequentes, a *Semana Ilustrada* tornou-se pioneiro e pode ser considerada fundadora de um novo tempo para a imprensa brasileira.

1.2. Fleiuss e o projeto da *Semana Ilustrada*.

No dia 15 de julho de 1859, aportaram no Rio de Janeiro Carlos Fleiuss, Carlos Linde e Henrique Fleiuss, que trazia em mãos carta de recomendação de von Martius ao imperador D. Pedro II.⁴⁷ O trio fundou, em 11 de janeiro de 1860, um estúdio de litografia que em 1863 ganhou o reconhecimento do Imperador e recebeu o título de Imperial.⁴⁸ No final de 1860, na

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Henrique Fleiuss era filho de família tradicional, o pai era doutor em Filosofia e Diretor Geral da Instrução Pública na Prússia Renana enquanto sua mãe, católica fervorosa e dona de casa, era filha do conselheiro professor da Universidade de Coblença.⁴⁷ Henrique, ainda criança, mostrou aptidão para o desenho e cursou Belas Artes em Colônia e Dusseldorf e, depois, Música e Ciências Naturais em Munique, quando se tornou amigo e discípulo de Karl Friederich Phillipe von Martius, famoso por seus estudos e expedições botânicas em terras brasileiras e que mantinha relações próximas com a Corte Imperial e com o recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que reunia a elite intelectual brasileira. ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira. A trajetória de Henrique Fleiuss, da *Semana Ilustrada*: subsídios para uma biografia. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p.53.

⁴⁸ Segundo Guimarães, em função dos serviços de decoração externa da Exposição Nacional e da realização de álbum alusivo ao evento, intitulado *Recordações da Exposição Nacional*, O Instituto Artístico ganhou o reconhecimento do Imperador e recebeu o título de Imperial. O Imperial Instituto prestava serviços variados ao público em geral e ao governo, que incluíam a produção de mapas, roteiros, plantas hidrográficas, livros,

época de lançamento do seu periódico, Fleiuss anunciou a novidade por meio de cartazes-anúncios fixados em pontos estratégicos da cidade, como boticas e confeitarias da Rua do Ouvidor, prática até então inédita entre nós.⁴⁹ Em função do sucesso alcançado e por desfrutar da amizade do Imperador, Fleiuss pode conviver com a “boa sociedade” da corte, ou seja, a “reduzida elite econômica, política e cultural do Império, que comungava dos mesmos valores e comportamentos modelados na concepção européia de civilização”.⁵⁰

Assim como seu compatriota Wilhelm Busch, que já havia criado a dupla Max und Moritz, o alemão Fleiuss criou duas personagens cômicas e irreverentes para comentar os assuntos candentes na revista. Nobre senhor branco, de vasta cabeleira e fisionomia horrenda, o Dr. Semana e seu pajem e leal companheiro, o Moleque, sempre em libré vistoso, estiveram presentes na grande maioria das capas do periódico. Se, Daumier criou as personagens cômicas Robert Macaire e Bertrand e Araújo Porto Alegre teve Laverno e Belchior, Fleiuss investiu numa relação cômica inter-racial. O Dr. Semana e o Moleque, assim como outras duplas famosas humorísticas - como Dom Quixote e Sancho Pança, ou, mesmo personagens caricatos como Robert Macarie e Bertrand - havia, pelo menos em princípio, relações de subordinação social de cunho humorístico, no qual a hierarquia e pertencimento a classes sociais distintas eram aspectos explícitos nas relações, apesar da proximidade física e afetiva das personagens.

dicionários, cartazes de propaganda, rótulos, álbuns, revistas científicas e publicações ilustradas. Ao lado da *Semana Ilustrada*, merecem destaque alguns projetos importantes, caso da *Carta Geral do Império*, da coleção de vinte e nove vistas da Estrada de Ferro de D. Pedro II, e a reprodução da obra *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, de 1601. A empresa recebeu menções honrosas em todas as exposições nacionais e nas internacionais realizadas em Paris (1867), Viena (1873) e Filadélfia (1876). GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique M. Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na corte (1859/1882). *ArtCultura*, Revista do Instituto de História/UFU, v.8, n.12, p. 85/97, jan/jun 2006 p. 90.

⁴⁹ *Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*. In: Secretaria Especial de Comunicação Social. *Cadernos da comunicação: série memória*, 19. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria19.pdf> Acesso em: 13 de set. 2013.

⁵⁰ Idem, p. 91.



Figura 12 – *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 2, nº59, capa, 26 de jan. 1862.

- ... moleque, reconhecendo eu o *nenhum direito* que tenho de pedir todos os dias a limpeza e embelezamento da cidade, reconhecendo a falta de atenção que tem merecido as minhas reclamações a respeito do perigo que oferece o morro do Castelo, e reconhecendo ainda os inconvenientes que me podem provir por falar no *status quo* em que se acha o Passeio Público, e tantas outras empresas começadas e não acabadas; lavo-me de todas as minhas culpas, é prometo ceder-te completamente essas prerrogativas de que lançava mão.

- Ora, nhonhô, deixe isso ao meu cuidado... Fez bem em ceder-me esses assuntos tão importantes, porque todos os dias, hei de falar neles tão baixinho que ninguém perceba.

A *Semana Ilustrada* tinha oito páginas, impressas em uma só folha, era dobrada duas vezes e refilada, resultando caderno de tamanho *in-quarto* (28 x 22 cm), com as imagens nas páginas um, quatro, cinco, oito e texto nas dois, três, seis e sete. Note-se que, a despeito de ter as similares francesas e inglesas como inspiração, aproximava-se do estilo das revistas germânicas das décadas de 1830 e 1840, justamente os anos de formação do editor e caricaturista.⁵¹ A parte inferior da capa, geralmente, trazia imagem alusiva ao principal assunto tratado na edição e na parte superior, via-se busto do Dr. Semana, de piscadela e sorriso maroto nos lábios, portando um exemplar da revista na mão direita, enquanto na outra trazia um *clichê* (imagem sobre um vidro plano pequeno) para projeção numa lanterna mágica.

⁵¹ NERY, Laura. Henrique Fleiuss e sua *Semana Ilustrada*. Em: http://www.icgermanico.com.br/img/index/PDF/Educacao_em_linha_15.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2012.



Figura 13 – *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, capa, 16 de dez. 1860.

SEMANA ILUSTRADA

La[n]terna Mágica

Ridendo castigat mores

Em volta do personagem e de sua lanterna, alinhavam-se pessoas em situações consideradas pouco abonadoras, como as do esquerdo, um casal de namorados cujo rapaz parece vestir-se como um padre. No logo marcado pelo humor, malícia e mesmo desordem, o Dr. Semana convida o leitor a observar condutas e males da sociedade de forma humorística, como sugere o sorriso e a piscadela. Esse modelo de capa, que não foi modificado ao longo dos dezesseis anos da publicação, era acompanhado da máxima *Ridendo castigat mores*, postada no meio da lanterna mágica. Importante para se entender o estilo de humor da revista, *castigar os costumes rindo*, ditado e lema do teatro cômico, que exprimia a função moralizadora da comédia e da sátira, lembrando que nos anos 1830 o jornal *La Caricature* (Paris, 1830/1843) fez uso do mesmo.

A partir da 19ª edição, a revista garante maior padrão na publicação com a acepção da crônica *Contos do Rio de Janeiro* como o principal texto da revista. No entanto foi a coluna *Pontos e Vírgula*, sobretudo, na segunda metade da década de 1860, e *Badaladas*, na década de 1870, que atingiram maior tempo de vida dentro do periódico. De modo mais geral, as discussões sobre os rumos da nação, assuntos econômicos e políticos e aqueles também de ordem pública, porém mais vinculados aos ofícios do dia-a-dia do Rio de Janeiro, eram, majoritariamente, abordados nas páginas dois e três. Depois das páginas quatro e cinco, que eram inteiramente ilustradas, as páginas seis e sete possuíam viés mais artístico, no qual peças, apresentações, artistas, pintores, músicos e óperas recebiam comentários, saudações e críticas, como as orquestras do maestro Antônio Carlos Gomes e as peças encenadas no Teatro Ginásio. Visto que não raro essa lógica era quebrada, reflexões sobre o progresso das

artes no país foi tema certo em muitas crônicas e páginas. Na penúltima página, muitas vezes, eram publicados contos de autoria anônima ou por pseudônimos, que chegavam a ter a duração de três a seis edições.⁵²

A revista o *Museu Universal: Jornal das famílias brasileiras* (RJ, 1838/1844) foi, segundo Rafael Cardoso, o primeiro grande projeto editorial no qual as imagens ocuparam papel de destaque, ainda que fossem produzidas na Europa.⁵³ Entretanto, a *Semana Ilustrada* singularizou-se por fazer jus ao termo ilustrada e pelo predomínio da comicidade, cujo projeto, muito diverso daquele perseguido pelo *Museu Universal*, conseguiu fazer o contexto urbano do Rio de Janeiro ganhar expressão imagética, com as litografias aqui produzidas ocupando cerca da metade de cada edição. Em muitos momentos, a métrica racional de equilíbrio e simetria de estilo neoclássico, tão peculiar do século XIX,⁵⁴ era deixada de lado em prol de uma diagramação que evocava as histórias em quadrinhos do século XX.



Figura 14 – *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 35, p. 8, 11 de ago. 1861.

Os problemas urbanos, assim como a ineficiência dos serviços públicos e a incompetência dos políticos para resolvê-los faziam-se presentes a cada novo número do periódico. Visto o tamanho das barbaridades que cometiam, as leis e a justiça chegaram a ser satirizadas como cegas e a alfândega transformada em uma senhora doente sem condições de trabalhar com êxito.⁵⁵ Contudo, nada ganhou mais espaço nas ilustrações do que a insatisfação

⁵² Para citar alguns, na edição nº 6, 8 e 9 foi publicado o conto *As facas de Ouro* e *Aventuras do Sr. Cosme*, que ocuparam as últimas páginas dos nº 16, 17, 24, 26 e 27.

⁵³ Cerca de mil ilustrações foram difundidas ao longo de sua existência, que respondiam à demanda e ao interesse de consumo que os clichês despertavam no público local. Ver: CARDOSO, Rafael. *Op. cit.*, p. 20.

⁵⁴ REZENDE, Livia Lazzaro. *Op. cit.*, p. 44/57.

⁵⁵ *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 38, capa, 17 de set. 1861.

da *Semana Ilustrada* como a segurança pública e os correios. As piadas e críticas foram de tal frequência, que a própria revista intitulava-se como um pesadelo na vida dos correios.



Figura 15 – *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº37, p. 4, 25 de ago. 1861.

Pesadelo horrível
 O Correio roncando Oh, ih, ah, uh! Socorro! Querem matar-me...
 Estou morto! Oh, uh!...

Os homens encarregados de assegurar a ordem nas ruas do Rio apareciam na *Semana Ilustrada* como brandos, dorminhocos e até bêbados. Além da preocupação com a cidade, o semanário reproduzia contos, romances e buscava recriar a sociabilidade branca fluminense descrevendo bailes, óperas, peças e os costumes de uma elite econômica que pretendia se regular pelos parâmetros materiais e comportamentais europeus. Lucia Maria Paschoal Guimarães considerou que o propósito do periódico era produzir o riso, contudo, uma espécie de riso de instrução que pretendia corrigir condutas. Dessa forma, a revista pretendeu assumir uma função cívica e de caráter pedagógico, evidenciar os maus costumes sociais, mas com o intuito de orientar cidadão e sua ação no espaço público.⁵⁶ Apresentando-se como instrumento capaz de observar e analisar a sociedade, a exemplo dos muitos instrumentos óticos que então se multiplicavam, o humor presente na *Semana Ilustrada* visava rir de “toda essa multidão que se move curvada sobre o futuro”.⁵⁷

O crescimento da circulação de revistas satíricas, do gênero da inglesa *Punch* (Londres, 1841/1992) e da francesa *Le Charivari* (Paris, 1832/1937), ganhou força a partir do grande projeto da *Semana Ilustrada*, que serviu como abre alas para esse tipo de impresso no

⁵⁶ Ver: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Op. cit.*

⁵⁷ Ridendo Castigat Mores. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 1, p. 2, 16 de dez. 1860.

país em termos comerciais e em relação às técnicas de produção e edição.⁵⁸ Os caricaturistas mais prestigiados das décadas de 1870 e 1880 iniciaram suas carreiras opondo-se à revista de Fleiuss, em momento no qual a ordem vigente era questionada sobre múltiplos aspectos e os anseios por mudanças entraram na ordem do dia, sendo a imprensa um dos principais veículos de difusão dos novos ideais.

1.3 As revistas ilustradas humorísticas nas últimas décadas do Império.

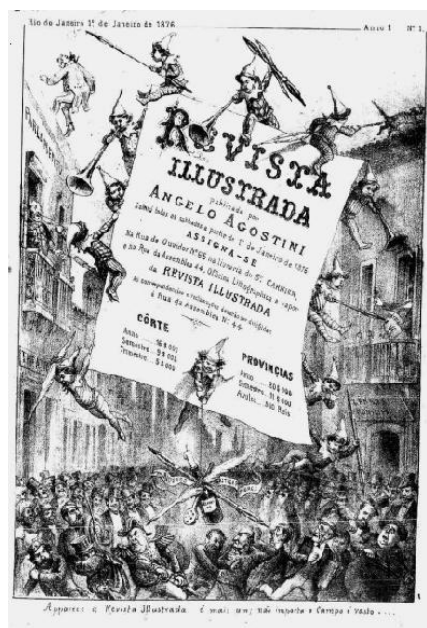


Figura 16 – *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº1, capa, 1 de jan. 1876.

Aparece a Revista Ilustrada, é mais um; não importa o campo é vasto...

Angelo Agostini e a sua *Revista Ilustrada* (RJ, 1876/1898) tornaram-se ícones do humor e do jornalismo brasileiro do final dos oitocentos. Famosa por expressar todo o ímpeto político e artístico do seu proprietário, a publicação compartilhou e ilustrou, semanalmente, ideias republicanas, anticlericais e abolicionistas, que ganhavam força nas últimas décadas imperiais, o que levou o estadista Joaquim Nabuco a considerar a publicação como “a Bíblia da Abolição dos que não sabem ler”.⁵⁹ O momento era propício, pois a década de 1870 notabilizou-se pela geração intelectual que conduziu o país ao fim da monarquia e da escravidão.

⁵⁸ CARDOSO, Rafael. *Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado*. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 23/26.

⁵⁹ BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009, p. 86/87.

Relativamente marginalizados das grandes instâncias do poder do Segundo Reinado e influenciados por novos ideais, tais homens de letras interpretavam a sociedade brasileira a partir de outros parâmetros, o que os levou a contestar as bases do *status quo* imperial e propugnar outros caminhos para o país.⁶⁰ A geração⁶¹ foi marcada por grande heterogeneidade em termos de formação social, intelectual e de atuação, cabendo destacar nomes como Pereira Barreto, Tobias Barreto, Miranda Azevedo, Clóvis Beviláqua, Farias Brito, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Julio de Castilho e Aníbal Falcão, para ficar nos mais proeminentes.

A modernização realizada pelo esforço dos conservadores, que pretendiam colocar o país na escalada do progresso, não atingiu sua completude e dividia a elite imperial. As mudanças socioeconômicas e o incremento das atividades urbanas compunham um novo panorama, no qual as tradicionais práticas senhoriais de exercício do poder começavam a ser questionadas enquanto o regime escravista entrava na ordem do dia, seja no Parlamento ou nas manifestações de caráter público.⁶² Inspirados no cientificismo, positivismo e no novo liberalismo, os integrantes da chamada geração de 1870 engrossavam as fileiras partidárias, integravam as redações de jornais e revistas, mas também fundaram clubes, sociedades e pequenas folhas, organizaram comícios, banquetes e recitais, ensaiando novas maneiras de atuar politicamente.⁶³ Entre meados dos anos 1870 e o final do regime, multiplicaram-se associações constituídas por militares, literatos e políticos, que clamavam por reformas de cunho liberal e defendiam a República e a Abolição, cuja ação impregnou a imprensa ilustrada humorística.

No universo dos impressos, especificamente das revistas ilustradas, as grandes honras pelo combate recaíram sobre a figura de Agostini, que colocou o seu traço artístico a favor dessas causas. No entanto, seria simplista transformá-lo num combatente solitário, parece mais apropriado inseri-lo num grupo que, por várias décadas, expressou-se por meio de textos e imagens, circulou por redações e tipografias, em prol de transformações profundas para o país. Depois de trabalhar em São Paulo, onde seu traço, ainda em formação, já criara

⁶⁰ ALONSO, Angela. *Op. cit.*, p. 263.

⁶¹ Na visão tradicional, gerações se definem a cada quinze anos, no entanto novas abordagens credibilizam ao acontecimento fundador, independente de datas, a origem de uma geração, no qual esse passado comum é capaz de gerar uma memória coletiva e posicionamentos relacionados a ele, que podem ter caráter de negação ou afirmação. Para Sirinelli, “as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida”. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 255.

⁶² ALONSO, Angela. *Op. cit.*, p. 97/98.

⁶³ Idem, p. 284.

polêmicas no *Diabo Coxo* (SP, 1864/1865) e no *Cabrião* (SP, 1866),⁶⁴ o “poeta do lápis” mudou-se para a Corte, onde colaborou no *O Arlequim* (RJ, 1867), o que lhe permitiu entrar em contato com os caricaturistas Josef Mill, João Pinheiro Guimarães, Candido Aragonez de Faria, Antônio Alves do Valle, Flumen Junius (Ernesto Augusto de Sousa e Silva Rio) e, mais tarde, com o também italiano como ele próprio, Luigi Borgomaineiro e o português Rafael Bordalo Pinheiro.

Este último, criador do personagem Zé Povinho, figura que sintetizava o português, tal qual o Tio Sam para os Estados Unidos, John Bull para a Grã-Bretanha e o Jeca Tatu para o brasileiro,⁶⁵ Bordalo Pinheiro foi um artista de grande apuro técnico e versatilidade, reconhecido aqui e em Portugal. Aportou no Rio de Janeiro a convite de *O Mosquito* (RJ, 1869/1877) e mais tarde fundou o *Psit!!!* (RJ, 1877) e *O Besouro* (RJ, 1878/1879), publicações que contribuíram para diversificar o panorama da imprensa fluminense.⁶⁶ No mesmo período, outros caricaturistas talentosos, como Candido Aragonez de Faria e Luigi Borgomaineiro contribuíam para *A Vida Fluminense* (RJ, 1868/1875).⁶⁷ Os títulos de cunho humorístico, multiplicaram-se rapidamente nesse período, cabendo destacar, ainda, *Ba-Ta-Clan* (RJ, 1867/1872), *O Mundo da Lua* (RJ, 1871/1872), o *Mephistopheles* (RJ, 1874/1878), *O Fígaro* (RJ, 1876/1878), a *Comédia Popular* (RJ, 1877/1878) e o *Mequetrefe* (RJ, 1875/1893), este último com destaque para as caricaturas de Aluizio de Azevedo.⁶⁸

⁶⁴ Sobre Ângelo Agostini e sua trajetória profissional ver OLIVEIRA, Gilberto Maringoni. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da corte à capital federal* (1864/1910). Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH/USP, 2006 e BALABAN, Marcelo. *Op. cit.*

⁶⁵ Sobre o tema ver NAXARA, Márcia Regina Capelari. *O estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998. LAJOLO, Marisa. "Monteiro Lobato: a modernidade do contra." *São Paulo: Brasiliense*, 1985. DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1990*. XAVIER, Vanessa Balsanello. *O Brasil de Monteiro Lobato: de Jeca Tatu ao desencantamento*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFP, 2010.

⁶⁶ MAGNO, Luciano. *Op. cit.*, p. 308/309.

⁶⁷ Sobre esse periódico, ver AUGUSTO, José Carlos. A Vida Fluminense, “folha joco-séria-ilustrada” (1868/1875). In: Congresso brasileiro de ciências comunicação, 32, 2009. Curitiba, PR. Anais... Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1235-1.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

⁶⁸ MAGNO, Luciano. *Op. cit.*, p. 30/31.



Figura 17 – *O Mosquito*, Rio de Janeiro, ano 5, n°205, capa, 16 de ago. 1873.

- Deixe-me borrar esses diabos, isto também já é muito padre!

As décadas de 1870 e 1880 foram anos de crise econômica e de disputas acerca da expansão de uma burocracia-legal em detrimento dos estamentos privados de poder, que a classe senhorial de terras tinha cristalizado no Estado. Nessa conjuntura, que comportava grupos sociais abastados não possuidores de escravos, terras e nem representação notória no Parlamento,⁶⁹ a imprensa ilustrada humorística encontrou terreno fértil para denunciar as mazelas de um país escravista que, além de alijar parte de sua população dos direitos de cidadania, estava eivado de práticas personalistas.

A Questão Religiosa, o movimento abolicionista e a campanha republicana estavam na ordem do dia e a imprensa jogava papel dos mais importantes nesse processo, uma vez que era por seu intermédio que diferentes grupos tentavam fazer valer seus ideais e leituras de mundo.⁷⁰ Tanto o português Rafael Bordalo, como os italianos Agostini e Luigi Borgomaineiro, fizeram parte de um rol de jornalistas e ilustradores que, em várias publicações, marcaram posição crítica em relação ao governo, à monarquia e ao clero. O periódico o *Bazar Volante* (1863/1867) foi o primeiro projeto do grupo, que depois seguiria uma trajetória de quinze anos de publicação por revistas como *O Arlequim*, *A Vida Fluminense*, *O Mosquito* e *O Fígaro*, no qual esses ilustradores e homens da imprensa

⁶⁹ ALONSO, Angela. *Op. cit.*, p. 75/78.

⁷⁰ ALONSO, Angela. *Op. cit.*, p. 98.

acabavam encontrando e reencontrando-se nas redações e tipografias a cada novo projeto editorial.⁷¹



Figura 18 – Bazar Volante, Rio de Janeiro, ano 1, nº16, capa, 10 de jan. 1864.

A corda nem sempre arrebenta pela parte mais fraca.

Contando também com a participação de artistas nacionais, a exemplo de V. Mola, J. Mill, Valle, Guimarães, FlumenJunius e Faria, esses impressos ganharam grande notoriedade por sua feição de luta explícita. É certo que esses indivíduos compartilharam projetos editoriais, afinidades políticas e conexões pessoais, numa trajetória marcada pelo combate às instituições antiliberais, cuja figura central foi Angelo Agostini. Porém, destaca-se que, “o adversário comum deles, emulado por todos e com quem rivalizavam, era Fleiuss – à época, ainda o dono da mais influente revista ilustrada, a qual se tornou o embrião de todas as outras, mesmo que por oposição”.⁷²

1.4. O Moleque, o Dr. Semana e a *Semana Ilustrada* versus o *Bazar Volante*, *O Mosquito*, *A Vida Fluminense*, Angelo Agostini e a historiografia.

Luis Guilherme Sodré Teixeira considerou a relação de Fleiuss com a ordem instituída curiosa, visto que a sátira, expressa pelo traço da charge, caracteriza-se, normalmente, pela

⁷¹ CARDOSO, Rafael. *Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado*. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 31.

⁷² CARDOSO, Rafael. *Op. cit.*, p. 31.

permanente oposição a todo poder constituído.⁷³ Herman Lima, no seu extenso trabalho sobre a história da caricatura brasileira, publicado no início dos anos 1960, afirmou, muitas vezes, o inegável talento do traço do combativo caricaturista italiano, influenciado pela estética francesa, contraposto ao traço limitado e conciliador do prussiano.⁷⁴ Nelson Werneck Sodré, na mesma linha, exaltou o caráter inovador e pioneiro da *Semana Ilustrada*, porém caracterizou Henrique Fleiuss como caricaturista de menor talento e cuja arte não provocava desconfortos ao poder (SODRE, 1999, p. 206).⁷⁵

Foi voz corrente na historiografia considerar Fleiuss como subserviente à Casa Imperial, mero defensor e porta voz dos seus interesses. É fato que os julgamentos expressos não podem ser desvinculados da trajetória pessoal do imigrante prussiano, no entanto, tais críticas merecem ser reavaliadas, já que foram responsáveis por estabelecer uma visão dicotômica extremista, segundo a qual Agostini seria o revolucionário, com seu anticlericalismo e abolicionismo, enquanto Fleiuss o reacionário monarquista e escravista.

Assim como Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, e Henrique Fleiuss com o seu Imperial Instituto Artístico, vários outros produtos e fábricas receberam a denominação de imperial, o que não necessariamente envolvia questões monetárias. Mais do que esse tipo de incentivo, o título concedia ao estabelecimento legitimidade e poder simbólico, pois se tratava de reconhecer a qualidade e excelência do empreendimento, reconhecidos pelo poder estabelecido. Elevando-os, emblematicamente, a outro nível de excelência, a nomenclatura acabava por produzir uma espécie de selo de qualidade e distinção perante o mercado nacional.⁷⁶ O que induz a pensar no desfrute e prestígio de sucesso de público da revista de Fleiuss, o que a tornava um inimigo de mercado a ser batido pelos concorrentes, tanto que o Moleque e o Dr. Semana tornaram-se alvos e foram ridicularizados nas páginas dos periódicos rivais.⁷⁷

⁷³ TEIXEIRA, Luis Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Coleção Papéis Avulsos, nº 38, 2001, p. 10.

⁷⁴ Um exemplo da máxima encontra-se no quarto capítulo: “Fleiuss dedicou-se também, com frequência, a satirizar o ditador paraguaio, no que era acompanhado, nas páginas da *Vida Fluminense*, pelo lápis inegavelmente muito mais ágil e corrosivo de Angelo Agostini.” LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpico, 1963, p. 234.

⁷⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 206.

⁷⁶ Sobre o tema ver: REZENDE, Livia Lazzaro. A circulação de imagens no Brasil oitocentista. In: CARDOZO, Rafael (org.) *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 /1960*. São Paulo: COSACNAIFY, 2005, p. 52/53 e IPANEMA, Rogéria Moreira de. Distinção do Poder: título de imperial, as razões pelas quais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 170, nº 442, p. 249/266, jan/mar, 2009, p. 264/265.

⁷⁷ MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012, p. 404/409.

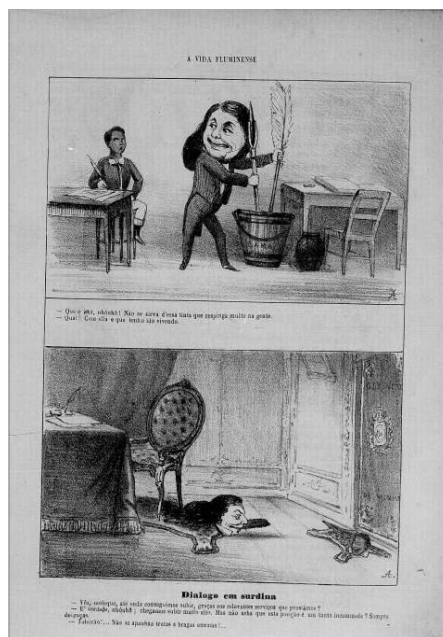


Figura 19 – *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, nº06, p. 3, 08 de fev. 1868.

- Que é isto, nhônô! Não se sirva d'essa tinta que respinga muito na gente.
- Qual! Com ela é que tenho ido vivendo

Dialogo em surdina

- Vês, moleque, até onde conseguimos subir, graças aos relevantes serviços que prestamos?
- É verdade, nhônô; chagamos subir muito alto. Mas não acha que esta posição é um tanto incomoda? Sempre de bruços.
- Toleirão!... não se apanham trutas a bragas enxutas!...

Atacados por Pinheiro Guimarães, J. Mill, Flumen Junius e Agostini, os símbolos da *Semana Ilustrada* também compareciam n'*O Bazar Volante*, n'*O Arlequim*, n'*A Vida Fluminense* e em outros periódicos. Vulgarizados como tolos, estúpidos e de pouco caráter, a reprodução das personagens em outras revistas também pode ser encarada como indicio da popularidade da *Semana Ilustrada*. O bom número de aparições da dupla em outras revistas atesta que os consumidores estavam familiarizados com as personagens e os reconheciam imediatamente como ícones de Fleiuss e sua revista, mesmo que fosse por vias transversas.

No mesmo ano em que a *Semana* deixava de circular, em 1876, Agostini começava a sua mais nobre empreitada editorial humorística. Convencido do atraso que a monarquia relegava ao país, o italiano se consagraria como o revolucionário que utilizou da sátira política para desprestigiar a monarquia e aumentar a euforia dos setores da sociedade que almejavam o regime republicano. Entretanto, antes da Guerra do Paraguai e no auge econômico e político do Império, as ideias de nação vindoura não encontravam fertilidade longe dos ditames

senhoriais, do romantismo religioso não revolucionário, e do catolicismo hierárquico.⁷⁸ Quando a *Semana Ilustrada* era lançada, o pensamento francês da Restauração de Guizot, Thiers e Royer-Collard ainda fazia a cabeça daqueles que regiam o que Florestan Fernandes chamou de “liberalismo estamental”, e, ainda bastante convincente, era o vislumbre com a estabilidade e força civilizadora de um poder, fundado na legitimidade dinástica europeia, capaz de domesticar a realidade tropical.⁷⁹

Apesar de contemporâneos, Fleiuss e Agostini conquistaram seus respectivos espaços de atuação na sociedade fluminense em contextos distintos, no qual as relações sociais e afetivas construídas marcam saliente distância. Ainda que o reformismo exigido posteriormente pela Geração 1870 e a contestação dos valores e instituições imperiais não ganhasse ainda grande popularidade, os problemas urbanos, assim como a ineficiência dos serviços públicos e a incompetência dos políticos para resolvê-los, fizeram-se presentes a cada novo número da *Semana Ilustrada*.

A insalubridade das ruas ganhou constantemente as suas páginas e ilustrações, na qual a morte era caricaturada em caveiras como símbolo das doenças que viriam a proliferar. No mesmo teor de criticidade, o Dr. Semana e o Moleque navegavam pelas águas que inundavam as ruas do Rio de Janeiro e a falta de abastecimento de água igualmente ganhava notoriedade⁸⁰. Os políticos também foram alvo na Semana, que deflagrava a falta de comprometimento desses para com a cidade e a nação, nos quais os senadores faltavam às sessões de voto, os deputados vinham à Corte para selar acordos pessoais e esbanjar-se em requintes, e de modo geral, faltavam-lhe juízo e capacidade para realizar as obras que o país necessitava, como pontes, portos, estradas, indústria, lavoura e comércio.⁸¹

⁷⁸ ALONSO, Angela. Apropriação de ideias no Segundo Reinado. In: GRINBERG, Keila & SALES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 93/95.

⁷⁹ PÁDUA, José Augusto. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo (org.) *Op. cit.*, p. 337.

⁸⁰ *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº10, p. 8, 17 de fev. 1862; Água potável. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 11, p. 7, 17 de fev de 1861; Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 19, p. 2, 21 de abril de 1861 e *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 46, p. 5, 27 de out. 1861.

⁸¹ *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 81, capa, 29 de jun 1861; Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 27, p. 2, 16 de jun 1861.

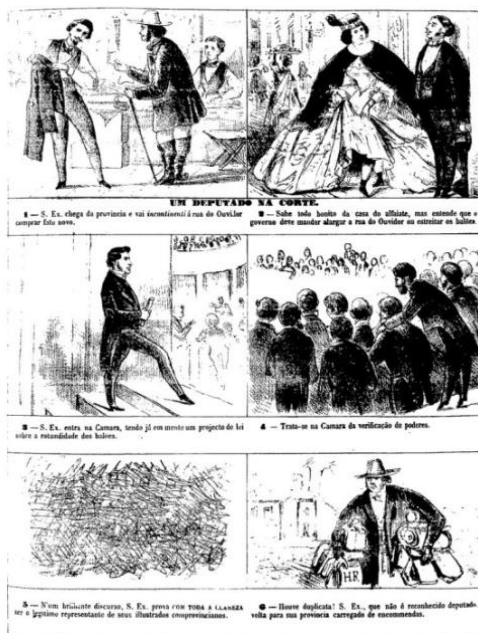


Figura 20 – Semana Ilustrada, Rio de Janeiro, ano 1, nº32, p. 5, 21 de julho 1861.

Um deputado na Corte

- 1 – S. Ex. chega da província e vai incontinentemente à rua do Ouvidor comprar fato novo.
- 2 – Sai todo bonito da casa do alfaiate, mas entende que o governo deve mandar alargar a Rua do Ouvidor ou estreitar os balões.
- 3 – S. Ex. entra na Câmara, tendo já em mente um projeto de lei sobre a rotundidade dos balões.
- 4 – Trata-se na Câmara da verificação de poderes.
- 5 – N'um brilhante discurso, S. Ex. prova COM TODA A CLAREZA, ser o legítimo representante de seus ilustrados provinianos.
- 6 – Houve duplicata! S. Ex., que não é reconhecido deputado, volta para sua província carregado de encomendas.

A curiosidade de Luis Guilherme Sodré Teixeira frente à *Semana Ilustrada* provém de uma certa naturalização que o autor estabelece para o humor. Para ele, o ofício de Fleiuss, “o da sátira política expressa pelo traço da charge”, caracteriza-se pela permanente oposição a tudo, porém, tal ideia, além de colocar o ofício da sátira política como meta-histórico, limita bastante a extensão de possibilidades do humor. Sem alongas teóricas, de imediato é tirado o poder de escolha do produtor do chiste em atacar e poupar quem ou o que quiser, ante seus valores, credos, posições políticas, visões de mundo, afinidades pessoais e/ou outros elementos que podem nortear escolhas e alvos.

A visão desses estudiosos sobre o que era uma boa caricatura talvez relacionasse, principalmente no caso de Werneck e Herman Lima, com concepções políticas e ideológicas do momento histórico então vivido, a década de 1960. A qualidade ou não de uma caricatura dependia do posicionamento político, esperava-se que o traço carregasse o máximo possível

de oposição ao estado burguês, ou qualquer regime político não democrático. Assim, o contexto vigente garantiu simpatias para as caricaturas de Ângelo Agostini, que investiam contra o Estado Imperial, e enxergou Henrique Fleiuss como produtor de uma arte reacionária, que teria usado a figura do Moleque para pregar em favor da escravidão.

Durante muito tempo cobrou-se da revista de Fleiuss o mesmo engajamento político de Agostini e dos periódicos impressos que adquiriram prestígio nas décadas subsequentes. Evidencia-se que muitas apreensões da *Semana* não provêm de uma análise da revista em si, mas da sua contraposição aos periódicos que surgiram depois dela. Noutros termos, a desqualificação de Fleiuss é feita a partir de um *a posteriori* que parece pouco do ponto de vista histórico. No entanto, novos estudos sobre a revista colocaram outros questionamentos, que permitiram realizar outras leituras de Fleiuss e sua produção⁸².

Sutil para lidar com os códigos sociais e, ao mesmo tempo, desfiá-los com seu humor sarcástico, a *Semana Ilustrada* torna-se um objeto complexo de análise, no qual afirmações penosas podem ser facilmente desvalidadas. Segundo Laura Nery:

“nas páginas da revista, o satírico e o caricatural instalam-se na representação, especialmente na composição da dupla Dr. Semana e Moleque, causando estranhamento, desconforto, distanciamento, riso e, em alguns casos, convidando o observador à reelaboração ou à complementação de sentidos contidos nas imagens”.⁸³

Muitas vezes, com traços de provocação e insubordinação, que levam as caricaturas e textos a flertarem com o grotesco o que “aparece como essencialmente conservador nessa produção pode ganhar novas interpretações”.⁸⁴

De fato, a publicação de Fleiuss precisa ser inserida no cenário vigente na corte no momento de sua circulação e interpretada como um produto de meados dos oitocentos, quando a queda da monarquia ainda não estava no horizonte de expectativas. Apesar da *Semana Ilustrada* ter se posicionado de modo semelhante às publicações que a sucederam quando o assunto era a crítica dos serviços públicos, a defesa da posição brasileira na Guerra do Paraguai e a Questão Religiosa, os que satirizavam a ela e seus personagens ocupavam, de

⁸² Cabe citar três estudos: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique M. Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na corte (1859/1882). *ArtCultura, Revista do Instituto de História/UFU*, v.8, n.12, p. 85-97, jan/jun, 2006. SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Ilustrada (1860-1876)*, Dissertação (Mestrado em História). Campinas, SP: UNICAMP, 2007. NERY, Laura. Os sentidos do humor: Henrique Fleiuss e as possibilidades de uma sátira bem comportada. In KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

⁸³ NERY, Laura. *Op. cit.*, p. 186.

⁸⁴ Idem.

fato, lugar sócio-profissional distinto do desfrutado por Henrique Fleiuss. O prussiano pode ser integrado ao conjunto de editores, tipógrafos, artistas e escritores típicos de meados do século XIX, que acreditaram numa nacionalidade brasileira sob a égide monárquica, com a qual mantinham, ainda que em graus diversos, relações de proximidade com D. Pedro II, que por sua vez, cultivava a posição de mecenas, sempre disposto a apoiar o desenvolvimento artístico, científico e literário do Império.⁸⁵

Mesmo assim, a análise da revista constata o quanto suas páginas e ilustrações apregoavam transformações no que se consideravam estigmas da nação, seu atraso histórico, sua “incivilidade” e ausência de progresso, principalmente de cunho industrial. Apesar de serem contemporâneos, Fleiuss e Agostini produziram suas publicações mais importantes em contextos diferentes, e integraram grupos que compartilhavam diferentes leituras sobre os caminhos que o país deveria seguir. Talvez não seja demais afirmar que Fleiuss e Agostini sonhavam com o mesmo progresso, mas preconizavam caminhos diferentes para o país lá chegar.

⁸⁵ SCHWACZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro I: um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 11.

CAPÍTULO 2

A SEMANA ILUSTRADA E O RIO DE JANEIRO



Figura 21 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 13, p. 8, 10 de mar. 1861.

Safa! Já não cabe mais ninguém. O primeiro trimestre está tão cheio, que quase forçam a porta. Não posso mais resistir... Aguenta, moleque!

Na caricatura acima, que ilustrou a última página da edição na qual se completava o primeiro trimestre de publicação, o Moleque e o Dr. Semana tentavam manter fechada a porta do recinto em que estavam depositadas as figuras sociais que os colaboradores, caricaturistas e redatores, trouxeram para as páginas da *Semana Ilustrada*. Olhar mais atento permite identificar alguns “tipos” comuns para aqueles que, como o Moleque e o Dr. Semana, circulavam pelas ruas, passeios públicos, praças, bailes e teatros da corte. Já na parte inferior, membro da Igreja, com os pés descalços, empurra a porta e procura libertar-se, atitude compreensível tendo em vista que, nas páginas da revista, sua pregação distanciava-se da sua prática. Junto ao pequeno padre, o dandy, moço de boa aparência e roupa elegante, sempre pronto para conquistar não apenas uma donzela, mas quantas pudesse. À frente deste, um homem agachado com um balde na cabeça, possivelmente um preto “tigre”, que possuía a árdua tarefa de jogar o lixo orgânico da cidade nos mares. Atrás, ainda na parte inferior, vê-se um leão com cartola, alusão aos “leões do norte”, filhos da classe senhorial que, pelo menos em tese, estavam no Rio para estudos. Com o belo braço estendido e a mostrar a panturrilha arredondada, a moça, branca de aparência delicada e frágil, evocava as moças apumadas, que sonhavam em se tornar esposas, porém, sobre ela, as mãos de um “velho gaiteiro” que, apesar de sua idade, ainda deseja virgens e não cultivava interesse pela mulher de meia idade que está a sua frente, com sua pele ruim e corpo magro, pejorativamente chamada de “seca” pela revista, talvez uma tia que não se casou e não teve filhos.

Na parte superior, é claro a referência aos serviços públicos, tão citados e criticados nas caricaturas do periódico, tanto que se distingue o carteiro, o guarda e o fiscal da Junta Central da Higiene com seu enorme nariz, apto a identificar maus cheiros das “águas servidas” das ruas e cortiços. Apesar da missão de manter longe da cidade as fatais epidemias de febre amarela e as mortes que as acompanhavam, raramente obtinha-se sucesso, tanto que a caveira sobrevoa, ameaçadoramente, todas as personagens da cidade.

Na junção de estereótipos, ou seja, generalizando e esquematizando o real,⁸⁶ a *Semana Ilustrada* construiu uma dada leitura da cidade do Rio de Janeiro, com seus agentes sociais e espaços de sociabilidade, recriados nas páginas do periódico, objeto da análise do presente capítulo.

2.1 O progresso, a nação, os espaços urbanos e os trabalhadores.

Entre 1840 e 1867, ou seja, antes da Guerra do Paraguai e no auge econômico e político do Império, o Brasil assistiu à inauguração da primeira estrada de ferro, que ligava a Capital a Petrópolis, enviou delegação para a Exposição Universal de Londres (1862) e algumas ruas do Rio de Janeiro ganharam iluminação a gás (1854). À noite, nos clubes e salões, discutia-se a trajetória da jovem nação na senda do progresso, como atestava a multiplicação das *maisons* francesas na afamada Rua do Ouvidor, com seus tecidos, perucas, lenços, sapatos, cosméticos, luvas e leques, que pareciam trazer consigo o poder de civilizar/domesticar o espaço urbano.⁸⁷ Contraditoriamente, no mesmo momento, os viajantes registravam a incomoda sensação de se sentirem em pleno coração da África.⁸⁸

Paris era então a capital cultural do mundo e, no Rio de Janeiro, suspirava-se por tudo o que fosse francês e não eram poucos aqueles que se “(...) vestiam, comiam, liam e pensavam como os franceses”.⁸⁹ Se os hábitos e costumes alteravam-se, como os desfiles do “belo

⁸⁶ Explicando: “Uma das características centrais do estereótipo é atribuir os traços de um grupo a um princípio subjacente, transformando o valor heurístico em essência. Se tal operação é empobrecedora, provocando resistências a mudança, também é graças a ela que se consegue organizar a realidade de forma confortável e tranquilizadora.” KLEIN, O; VAN YPERSELE, L. Les estereotypes. In: VAN YPERSELE, L. (Org.) *Questions d'histoire contemporaine: conflits, memories et identités*. Paris: PUF, 2006. Apud: VELLOZO, Mônica Pimenta. A mulata, o papagaio e a francesa. In: LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, humor e caricatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p. 371.

⁸⁷ RASPANDI, Márcia Pinna. Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império. In DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 215.

⁸⁸ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo: Edusp: Belo Horizonte: Itáliaia, 1975. Apud: KOSSOY, Boris & CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 110.

⁸⁹ BETHEL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de. *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 153.

sexo”, as paqueras da Rua do Ouvidor e a disseminação do charuto e do piano, objeto que se tornou indispensável nas casas abastadas, as caricaturas políticas de Manoel Araújo Porto Alegre e Rafael Mendes de Carvalho, ao lado das ilustrações humorísticas da *Ilustração Brasileira* (RJ, 1854) e da *Marmota Fluminense* (RJ, 1849/1857), constituíam-se em mais uma oportunidade de distração, que ofereciam aos leitores do Rio de Janeiro interpretações alternativas ao noticiário mais utilitarista das grandes folhas fluminenses.⁹⁰

Concomitantemente à proliferação das óperas italianas e das peças cômicas no teatro Ginásio, parte da sociedade ansiava por entretenimento diverso do oferecido pelo *Jornal do Comércio* (RJ, 1827/2013) e *Diário do Rio de Janeiro* (RJ, 1821/1878). Para as camadas que sonhavam com os esplendores e costumes do Segundo Império francês e substituíam o rapé pela fumaça dos charutos, a *Semana Ilustrada* oferecia, semanalmente, quatro páginas de imagens litografadas, cuja marca era a irônica e jocosidade no tratamento de temas candentes.

As páginas da revista *Semana Ilustrada* denunciavam, sempre pelo viés do humor, o descaso dos políticos com a capital do Império, a precariedade dos serviços públicos e os problemas de infra estrutura da “cidade febril”, para retomar expressão cunhada por Sidney Chalhoub. Entretanto, também permitem ler práticas e valores da sociedade fluminense, na medida em que descrevem e riam das formalidades e acordos sociais típicos do tempo. Os responsáveis pela publicação esforçavam-se por assumir a postura de observadores externos, na confortável situação de quem assiste, não participa, mas reprova rindo. Sofisticada graficamente e contando com escritores muito renomados, como Machado de Assis, a *Semana* definia-se como um ser incrédulo que “estudou os homens, pesou na balança social suas ambições e obrigações, por isso: descrê e ri.”⁹¹

Mesmo destilando tom niilista, irônico e sagaz, o semanário denunciou exaustivamente a má administração pública, que não efetivava estruturas capazes de garantir avanço do país. O exame da situação da nação em seu tortuoso caminho para o progresso foi exaustivamente tratado em páginas e páginas de caricaturas e crônicas. Rir de tudo e de todos era uma marca forte e que autodefinia a publicação, todavia, não se hesitou em entrar no debate acerca da “grande causa do progresso”, expressão consagrada na época.

⁹⁰ Sobre as novas práticas cotidianas absorvidas no momento consultar: DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 134/135; e sobre os impressos citados CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011 e MAGNO, Luciano. *História da Caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012, p. 116/121.

⁹¹ Excursão: terceiro capítulo. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 10, p. 2, 17/02/1861.

O quadro apresentado pela *Semana Ilustrada* apontava que no passado o país dilacerava-se em brigas partidárias e revoltas, cujo último lance deu-se dera em 1848 em Pernambuco. Desde então, um sistema de navegação e portos interligava as mais longínquas províncias e o “bárbaro e infame tráfico de escravos” havia sido extinto. Mato Grosso e Amazonas viam com prazer os flocos de fumo que anunciavam o progresso, enquanto Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Pernambuco “contemplavam o perpassar veloz da locomotiva”. Ainda que a emigração exibisse números escassos, alemães e suíços, “laboriosos e moralizados”, já haviam aportado por aqui e, graças ao crédito inglês, o país tinha “um tesouro aberto às suas necessidades”.⁹² Assim, os avanços eram alicerçados pela certeza de que havia um bem maior a ser respeitado, um objetivo que pairava a cima de qualquer interesse menor ou de afinidade partidária:

Que se deseje mais com tão curta vida política? Quer-se que de novo as intrigas políticas nos separem, quando nossa força está em nossa união?

Quer-se que retrogrademos no progresso, e que hoje surjam os lutosos dias das revoluções de Minas, Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Pernambuco? ⁹³

Mais do que erguer uma bandeira partidarista, a *Semana Ilustrada* pregava constantemente a necessidade de se assegurar um lugar para o país no concerto das nações. Os interesses pequeninos, as rinchas partidárias e a burocracia eram alvo de sátiras, por serem encarados como empecilhos para o desabrochar pleno de uma nação que possuía potencial para abraçar o progresso. Segundo as páginas da *Crônica da meia noite*, mais do que grandes esforços para seguir rumo o progresso, a Pátria só demandava dos seus governantes liberdade para caminhar:

A Pátria: Caminho! Caminho! Quero seguir viagem; não gosto de ficar assim parada no mesmo lugar.

O governo segurando-a pela cintura: Espere meu bem; vai com tanta pressa?⁹⁴

Aberta para aplaudir e acolher “toda ideia útil, toda intenção generosa, todas as provas evidentes de inteligência, de vocação, de merecimento profícuo à grande causa do progresso (...)”,⁹⁵ a revista do prussiano Henrique Fleiuss criou uma alegoria representativa do Brasil vivo, rumo à ascensão. Na figura 1, o Dr. Semana produz caricatura do Sr. Brasil, sustentado

⁹² Wagon: Quinta corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 7, p. 2, 28/01/1861.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Crônicas da meia noite. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 3, p. 3, -/12/1860.

⁹⁵ Ridendo castigat mores. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 1, p. 2, -/12/1860.

por lavoura bem desenvolvida, mas secundado por um comércio sem frutos e uma indústria seca.



Figura 22 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº15, p. 8, 24 de mar 1861.

- Este quadro é para a exposição da Assembléia Geral. Sabes o que representa?
- Não, sinhô.
- Pois ouve, moleque: é o Brasil sustentado por três grandes troncos – a agricultura comércio e indústria. Porém o comércio tem muitas folhas e poucos frutos, e a indústria está completamente seca. Só a agricultura floresce, mas sabe Deus como é um corpo sem braços.

Com o predomínio, na década de 1850, da chamada política de Conciliação partidária, Honório Hermeto Carneiro Leão conseguiu garantir estabilidade a partir da união entre os novos líderes conservadores e os antigos liberais.⁹⁶ No mesmo momento, uma linha regular de vapores Brasil-Londres, *Royal Mail Steam Packet Company*, entrava em funcionamento, diminuindo a nossa distancia da Europa. Gêneros alimentícios (manteiga, queijo, batatas, biscoitos, presunto e toucinho), ferragens (enxadas, fechaduras, pás, facas, canivetes, plainas e pregos), relógios, móveis, remédios e instrumentos musicais aqui aportavam graças às profundas relações comerciais entre o Império e os armazéns e oficinas britânicas. Se, entre 1850 e 1854, a importação de tecidos britânicos atingia quase $\frac{3}{4}$ de tudo o que vinha do exterior, um pouco mais da metade de café produzido no mundo saía dos nossos campos. O final da década de 1850 e os primeiros anos de 1860, ainda assistiam, segundo Chalhoub, “a hegemonia incontestada da classe senhorial escravista”. Dentro dos ditames senhoriais, “o mundo era representado como mera expansão dessa vontade”, no qual acordos e alianças horizontais eram reprimidos para articulação de uma sociabilidade vertical de mando e

⁹⁶ CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (org). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 103.

servilismo.⁹⁷ Para fazer frente à situação de exclusão, os subalternos mobilizaram estratégias e aplicaram sua astúcia para encontrar espaços no interior da dominação de cunho paternalista.⁹⁸

Com a estabilidade política, o aumento da importação das manufaturas europeias e o sucesso comercial da exportação cafeeira, o Sr. Brasil de Henrique Fleiuss cochilava tranquilamente em sua rede. O Império estava livre das agitações sociais e revoltas que marcaram as primeiras décadas do pós Independência e os rumores de desintegração territorial haviam ficado no passado. Com unidade que assegurava ao país metade do continente e centralização política garantida pela monarquia, o Brasil era visto com muita suspeita pelas repúblicas hispano-americanas, o que não prejudicava de forma alguma o sono do Sr. Brasil, já que as aspirações de futuro estavam voltadas para a Europa e sua modernidade.⁹⁹

A alegoria que representava a Nação remetia ao romantismo indianista em voga, mas o nativo era convenientemente embranquecido e dotado de aparência física digna de um europeu. Ao modelo clássico androcêntrico, o índio forjado tinha ombros, braços e pernas longas e fortes, não possuía características afro-americanas ou aborígenes, mas referências físicas e vestimentas européias, mescladas com o mito heróico de guerra típico do romantismo. Seu cabelo comprido poderia ser interpretado como alusão ao messias da cristandade, enquanto o cocar de penas era a marca da sua brasilidade. O Brasil da *Semana Ilustrada*, representado pelo Sr. Brasil, era homem e branco, ou seja, tinha identidade de gênero e de raça.

Com o crescimento econômico sustentado pela lavoura, o Sr. Brasil apresentava certa serenidade, que talvez fosse compartilhada pelo público leitor. Ao sabor da literatura francesa e de opera italiana, a elite da corte imperial ancorava-se, socialmente, na ordem paternalista senhorial e, economicamente, na lucratividade do café, tendo por modelo cultural a França. No entanto, o descontentamento do Dr. Semana era evidente, pois os recursos apenas provinham do setor agrário. A época encantava-se pelo ferro, pelas chaminés das indústrias e sua fumaça e uma nação desprovida desses elementos era como um “corpo sem braços” na escalada íngreme do progresso.

⁹⁷ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 41/58.

⁹⁸ Sidney Chalhoub esclarece que o paternalismo “trata-se de uma política de domínio na qual a vontade senhoril é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana. Além disso, e permanecendo na ótica senhorial, essa é uma sociedade sem antagonismos sociais significativos, já que os dependentes avaliam sua situação apenas na verticalidade, isto é, somente, a partir dos valores ou significativos sociais gerais impostos pelos senhores, sendo assim inviável o surgimento das solidariedades horizontais características de uma sociedade de classes”. *Op. cit.*, p. 47.

⁹⁹ Sobre as relações internacionais entre o Brasil e a América Latina na época ver: BETHELL, Leslie. *Op. cit.*, 169/171.

Ancorado no fetiche das máquinas e na arquitetura portentosa que afiançavam o deslumbramento pelo futuro, o progresso apresentava-se como um ideal inquestionável e intensamente desejado. Nesse contexto, a *Semana Ilustrada* era ágil para denunciar os impasses governamentais e o que julgava como disputas políticas improdutivas. Mais do que uma escolha, o progresso era a própria História acontecendo. No entanto, a imensa fé na ideologia¹⁰⁰ em direção a um futuro pré-determinado era acompanhada por dúvidas e comportava mesmo um lado ameaçador, compartilhado pela *Semana Ilustrada*:

As reformas do presente
É revolução latente
Que nos há de submergir
Pobre terra! Tem cuidado;
Tens um abismo cavado
Pronto pronto a te engolir.¹⁰¹

Segundo Anne McClintock, um lado sombrio acompanhava o discurso do progresso, pois “imaginar a degeneração em que a humanidade poderia cair fazia parte necessária de imaginar a exaltação que ela poderia imaginar”.¹⁰² No entanto, a ideia de progredir como nação não implicava em considerar apenas o lado físico e material de uma sociedade, mas sim o dos costumes e comportamentos que permeavam as relações sociais. Havia temor que tal busca não contabilizasse os efeitos das rápidas e turbulentas transformações, que poderiam acarretar desvio e queda irreparável no que respeita aos aspectos morais. Dessa maneira, a *Semana* manifestava certo saudosismo em relação ao esquecimento das velhas tradições, preteridas em prol de um futuro incerto, indicando tensão entre modernizar e conservar. Além de preocupar-se com um país sem indústrias, a *Semana* inquietava-se com a aparência que o país assumiria no futuro.

¹⁰⁰ Aqui se utiliza o termo na acepção de ARENTED, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 182: “(...) a ideologia difere da simples opinião na medida em que se pretende detentora da chave da história, e em que julga poder apresentar a solução dos ‘enigmas do universo, e dominar o conhecimento íntimo das leis universais ‘ocultas’, que supostamente regem a natureza e o homem.”

¹⁰¹ O Parasita. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 34, p. 7, 04/ 08/1861.

¹⁰² MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 80.



Figura 23 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 14, p. 4, 17 de mar 1861.

Levou muito tempo a fazer esta farda, mestre Semana; mas ao menos o corpo e as abas estão muito chic. Além de bem talhadas e tudo feito com superior fazenda bordada a ouro fino, finíssimo mesmo. . . . Dou-lhe os meus parabéns! Assim ficasse tão bom [----]

Não tenha cuidado, Snr. Brasil; as mangas e a gola são muito difíceis de acertar; mas verá que elegância.

O alfaiate diz que a vestimenta demorou um pouco para ser finalizada, mas que ficou muito “chic” e o Dr. Semana agradece a roupagem europeia e branca, que permitia ao Brasil apresentar-se dignamente e adentrar à modernidade, aonde perfilaria ao lado das nações imperialistas. Pode-se afirmar que a demora relacionava-se à falta de estabilidade, que reinou durante décadas iniciais de vida da jovem nação. A crise econômica, e instabilidade política e as revoluções separatistas colocavam em xeque a harmonia independente a harmonia, a unidade nacional e o sentimento de pertencimento mútuo dessa “comunidade imaginária” em construção, para retomar os termos de Benedict Anderson. Entretanto, as crises políticas e sociais perderam alento no Segundo Reinado e a agricultura, principalmente a cafeeira, propiciava a entrada de capitais estrangeiros e de elementos do mundo material moderno europeu. Era preciso, tal como se via na caricatura da *Semana*, vestir com roupagens de branco civilizado o índio brasileiro, transmutado em Sr. Brasil.

Sem temores de desintegração, desfrutando de estabilidade econômica e política e com uma configuração social escravocrata sobre a qual se silenciava, o momento podia inspirar um Sr. Brasil que agora já podia por de lado seus trajes selvagens e preparar-se para um futuro no qual os homens, vestidos “à inglesa”, e as mulheres, “à francesa”, circulariam por cidades que exibissem indústrias e atividades comerciais.¹⁰³ No entanto, o Brasil precisaria de cautela refinada para lidar com as transformações que o futuro traria. Tratava-se, portanto, de

¹⁰³ Sobre o idealismo da moda do período ver: RASPANDI, Márcia Penna. *Op. cit.*, p. 214/221.

encontrar um equilíbrio difícil, no qual alguns aspectos deveriam ceder espaço para a prosperidade, de modo a vos colocar na linha de frente da História. Cautela essa que talvez justifique a distância na qual o Moleque situa-se em relação ao Sr. Brasil e sua nova indumentária.

Ser proprietário de escravo era sinônimo de poder, mando e respeito. Ao participar de uma publicação que pretendia divertir as camadas letradas e mais abastadas da sociedade fluminense, o Moleque autenticava o lugar social do Dr. Semana no interior da aristocracia escravista. Mesmo assim, o que se vê é uma acomodação do Moleque no canto na caricatura. Nesse ajuste do Sr. Brasil aos paramentos visuais e materiais da sociabilidade branca, o menino negro trabalhador é excluído. Não participa ativamente da mudança na aparência que o Dr. Semana quer para o país, mas, ao mesmo tempo, observa, porque era personagem crucial no cenário econômico nacional. A *Semana Ilustrada* procurava vestir o Brasil de maneira a colocá-lo na trilha da ascensão material e moral, de modo a deixar para trás, ou pelo menos minorar, as características que o desviavam do futuro, apreendido na chave da modernidade.

As estradas de ferro, construídas nos anos de 1850 e início de 1860, respondiam parte dos anseios dos que cobravam civilidade e desenvolvimento do país e da capital do Império. Em 1854, o porto de Mauá ligou-se a serra da Estrela e, logo depois, à cidade Juiz de Fora. A estrada que uniu Porto de Caxias a Cantagalo facilitou a expansão oriental e a Estrada de Ferro Dom Pedro II alcançou a serra do Mar. Fundamental para a economia foi a São Paulo Railway Company, construída pelos ingleses e inaugurada em 1867, que ligou o porto de Santos a Jundiaí, passando pela ainda provinciana cidade de São Paulo. A estrada, que deu excelentes lucros aos seus acionistas, tinha localização estratégica e foi responsável pelo transporte de todo o café produzido no Estado de São Paulo e exportado pelo porto de Santos.

104

Propiciando oportunidades efetivas de lucro para interiorização da produção cafeeira, as ferrovias traziam a confiança de que o país entrava na senda para o futuro. O fato é que o Estado monárquico fez questão de atrelar sua imagem ao ferro do progresso civilizador do espaço. Além de haver recebido o nome do Imperador, a Estrada de Ferro Dom Pedro II foi inaugurada em 1858, com a presença da família real e do próprio Imperador, que acabou por

¹⁰⁴ MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. Rio de Janeiro: ACEESS, 1994, p. 14/57.

conceder título de nobreza ao realizador - Irineu Evangelista de Souza tornou-se o Barão de Mauá.¹⁰⁵

Porém, a *Semana Ilustrada* ia a toda as partes e fazia questão de relatar “os sublimes mistérios de nossas glórias, bem como de nossas misérias”,¹⁰⁶ e assim deu conta do estado calamitoso em que se encontravam os espaços ao redor da estação e a ineficiência da polícia, que permitia a presença de tantos carros, carroças e pretos de ganho, que circulavam livremente pelo local. Ao fazer essa denúncia, a revista explorava a contradição de um país de “glórias e misérias”:

“Abordemos à estação da estrada de ferro de D. Pedro II.

Antes de lá chegar, olhemos para a direita e para a esquerda, para diante e para trás. Que belo panorama! A mais linda praça da América meridional transformada em lavadouro público, em praça do amansar burros, em lugar de despejo público.

Viva a municipalidade!

Chegamos à estação; entremos. Misericórdia! Não é possível atravessar por entre essa multidão de carros, tilburys, carroças, cocheiros e pretos de ganho. E o que faz a polícia?”¹⁰⁷

Para aqueles que compactuavam com a ideia de um Brasil no caminho do progresso europeu, longe da degeneração e do atraso dos povos incivilizados, seria incômodo a presença do Moleque no momento em que o Sr. Brasil experimentava as suas vestimentas, a exemplo do que ocorria com a presença de pessoas e do movimento pouco ordenado de veículos nas vizinhanças da estação da estrada de ferro D. Pedro II, ícone que vestia a corte com as marcas do progresso.

Situação que certamente incomodava aqueles que pretendiam transformar o país num outro Sr. Brasil, vale lembrar que o censo de 1849, revelou que o Rio de Janeiro tinha “a maior concentração urbana de escravos existente no mundo desde o final do Império romano: 110 mil escravos para 266 mil habitantes”¹⁰⁸. Se, desde 1808, com a chegada do Príncipe Regente D. João, a cidade havia conhecido transformações econômicas e urbanas de monta, a presença maciça de escravos e trabalhadores pobres pouco combinava com as mangas e golas da vestimenta européia do Sr. Brasil. A presença de trabalhadoras, lavadeiras, cocheiros e pretos de ganho na estação da ferrovia imperial empanavam o brilho dos bordados do traje do

¹⁰⁵ Museu Imperial. A estrada de ferro. Em: <http://www.museuimperial.gov.br/exposicoes-virtuais/3022.html>. Acesso em: 16 de julho de 2013.

¹⁰⁶ Wagon: Primeira corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 4, p. 2, -/01/1861.

¹⁰⁷ Wagon: Segunda corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 4, p. 2, -/01/1861.

¹⁰⁸ ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada no Império In NOVAIS, Fernando A. & Alencastro, Luis Felipe. *História da vida Privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 24.

Sr. Brasil e davam um sentido particular ao cocar de penas na cabeça. Afinal, tratava-se de um Império localizado nos trópicos, com todas as mazelas que tal localização implicava no imaginário da época.

No terceiro domingo de fevereiro de 1861, a *Semana Ilustrada* propôs medidas visando auxiliar os poderes públicos na manutenção da limpeza das ruas. Perguntava-se como a primeira cidade da América Meridional oferecia “tão triste e repugnante espetáculo”, o que demandava, segundo os responsáveis pela revista, a eliminação urgente do triste espetáculo de animais mortos, como galinhas, porcos e perus arremessados na via pública, além de se ocupar da prática de se lançar ao mar, ou na própria cidade, os indesejáveis dejetos: “tendo a experiência mostrado o perigo a que estão expostos os olfatos descuidados, quando esses animais [as pessoas que transportavam os excrementos] andam à solta”.¹⁰⁹



Figura 24 – *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 5, p. 4, - de janeiro de 1861.

Laboratório Municipal
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta e preciosa.

Os Lusíadas – Canto X estr. 137.

O tema era recorrente. Com sarcasmo, a revista mesclava a imagem dos escravos despejando excremento no mar com os versos do maior poema épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas*. Já no comércio, eram as quitandeiras que incomodavam: “Perguntou-me um indiscreto porque razão deixa a câmara municipal que as quitandeiras invadam todas as praças, transformando-as em nauseabundas bodegas”.¹¹⁰ A revista anunciara que o Estado

¹⁰⁹ Memorial. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 10, p. 3, 17/02/1861.

¹¹⁰ Contos do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, ano 3, nº 73, p. 2, 01/05/1862.

tinha despendido grande quantidade de dinheiro na construção de espaços próprios para a atividade comercial:

Primeira: temos na cidade três espaçosas praças de mercado, uma das quais está meio e outra completamente cheia... de lugares vazios. Para alevantar esses monumentos *arrequite-tonicos* despendeu o Estado gordas somas, e eles ai estão inutilizados (...) ¹¹¹

Apesar da existência das três praças, o Estado não conseguia deslocar as atividades, o que aborrecia o cronista, que queria uma atitude dos governantes frente ao domínio exercidos pelos “negociantes de quimgombô” ¹¹² nos largos da Mãe do Bispo, da Sé e do Capim. Para a *Semana*, os quitandeiros, fossem eles “masculinos, femininos e neutros”, invadiam as praças, embaraçavam o trânsito e convertiam os espaços públicos em lugares nojentos e repugnantes. ¹¹³

A despeito de criticar de forma insistente, em crônicas e caricaturas, a pouca eficiência do governo para conduzir a nação em direção ao progresso, a *Semana* não desconhecia a importância do poder público e atribuía-lhe a importante função de condutor e controlador: “O povo sabe que é um terrível menino, que não pode andar sem essas guias, únicos capazes de conter e reparar toda e qualquer travessura. Havia-lhe o povo negar sua adesão? Ora essa!”. ¹¹⁴ Dessa forma, era do Estado que *Semana Ilustrada* esperava medidas urgentes para a purificação dos trajes do Sr. Brasil.

Em 1860, mais do que o progresso individual, a senda rumo a perfectibilidade, as aspirações por riqueza, saúde e poder dependiam da intervenção do Estado na vida pública e privada. O heroísmo do progresso individual iluminista não era capaz de responder aos novos desafios, que passavam pela eliminação da pobreza e das contradições de classe e gênero. As filosofias políticas criadas no século XVIII, que garantiriam a liberdade e a fraternidade de uma nação, perdiam-se dentro de discursos que clamavam por medidas mais veementes. ¹¹⁵ Assim, era por essas medidas mais efetivas que o Dr. Semana e seu público ansiavam para poder desfilar tranquilamente pelas ruas e passeios públicos, sem a presença indesejada de pretos de ganho, cocheiros, lavadeiras, tigres, quitandeiros femininas, neutros ou não, e mendigos. Pedindo que o governo pensasse sobre o assunto, a *Semana Ilustrada* tinha

¹¹¹ Contos do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, ano 2, nº 48, p. 3, 10/11/1861.

¹¹² Fruto da espécie da família do quiabo, a palavra contém uma mistura de linguagem indígena e africana. Ver: <http://www.brasiliana.com.br/obras/botanica-e-agricultura-no-brasil-no-seculo-xvi/pagina/55>. Acesso em: 16 de julho de 2013 e <http://www.dicio.com.br/quingombo> 3/. Acesso em: 16 de julho de 2013.

¹¹³ Contos do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, ano 2, nº 48, p. 3, 10/11/1861.

¹¹⁴ Debique político. *Semana Ilustrada*, ano1, nº 2, p. 2, -/12/1860.

¹¹⁵ MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 84/85.

proposta segregacionista para resolver os choques sociais e culturais do seu tempo. Para poder tornar mais brilhante o figurino da cidade - e também do Sr. Brasil -, solicitava ao governo a criação de espaços, vigiados por policiais, que recebessem as pessoas pobres que circulavam no Rio de Janeiro:

Para que a proteção em favor dos pobres seja completa, lembro ao governo a necessidade de ceder-lhes algumas loterias, cujo produto servirá para a construção de grandes alpendres que os abriguem do sol e da chuva, devendo ser os alpendres construídos nas proximidades dos corpos de guarda, para que está proteja os bens dos mendigos contra ratoneiros, sempre tão mal intencionados.

Peço ao governo que pense sobre a utilidade dessa medida.¹¹⁶

Com uma proposta social de proteção ambígua, o periódico de Henrique Fleiuss compartilhava com seu público a vontade de o Estado assumir um maior controle sobre a circulação das classes desfavorecidas. Mais do que a proteção dos mendigos, a proposta para construção desses alpendres satisfazia a ânsia por fronteiras sociais, que assumiam contornos físicos, onde os corpos de guarda estariam presentes para garantir sua efetividade.

Baseados nos conceitos de degeneração e contágio, as fronteiras sociais organizavam-se a partir de uma leitura biológica. Identificava-se a pobreza como uma ameaça das “classes perigosas”, para retomar a expressão que deu título ao livro de Louis Chevalier.¹¹⁷ A paranoia e o pânico do contato com o sangue transmissor de impurezas justificava uma política sanitária excludente. Na busca de enrijecer as fronteiras dos espaços higienizados, o controle tinha propósitos que se misturavam, desde a defesa da moralidade até o combate das enfermidades.¹¹⁸

À medida que se avança no século XIX, não só no Brasil, mas em toda parte do globo tomado pelo Imperialismo das nações europeias, aumentavam as medidas administrativas contra relações abertas, concubinatos e costumes mestiços.¹¹⁹ Se favelas e cortiços eram vistos como canteiros de crime e da cólera, os desejos pelas reformas urbanísticas reconheciam a necessidade de salubridade e combate às doenças que acometiam os mais pobres. Não tardou para que a ideia de salubridade física se articulasse à de salubridade moral, com a condenação de gestos, hábitos e práticas, que passavam a ser objeto de reprovação social e médica.

¹¹⁶ Contos do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, ano 2, nº 53, p. 3, 15/12/1861.

¹¹⁷ CHEVALIER, Louis. *Laboring classes and dangerous classes in Paris during the first half of the Nineteenth century*. New York: Howard Fertig, 1973.

¹¹⁸ MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 82.

¹¹⁹ MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 83.

Em carta assinada *Um morador*, a *Semana* reproduzia opiniões de um leitor que fazia eco às queixas da revista.¹²⁰ Depois de parabenizar a publicação pelas denúncias, o leitor cobrava eficiência da polícia do Campo de Santa Ana. Sob o argumento de que pagava corretamente os impostos à nação, denunciava a presença, “na mais bela hora do dia”, de “pessoas na mais cínica posição”.¹²¹ De fato, a carta tocava num tema que havia sido explorado no número anterior, por meio de caricatura:

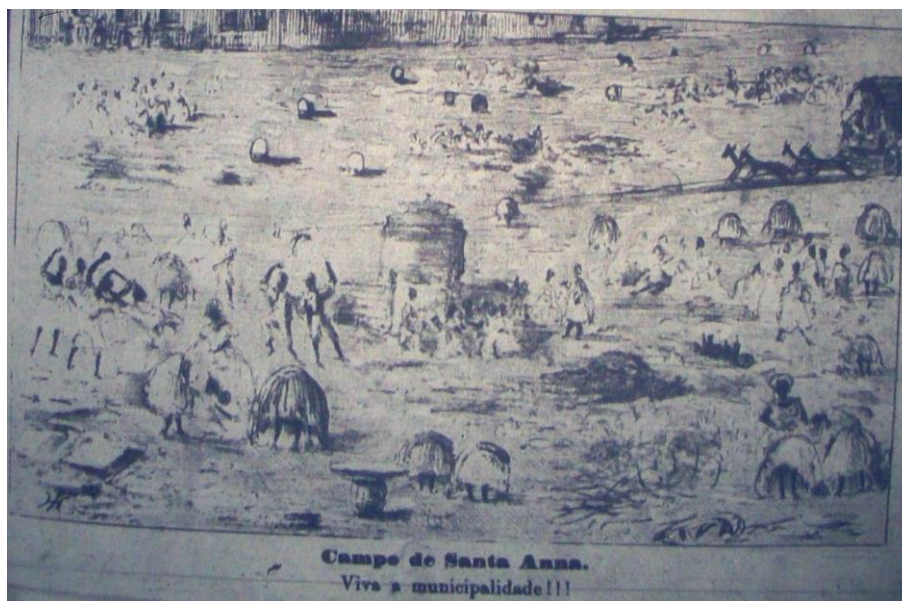


Figura 25 – *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 5, p. 5, 13/01/ 1861.

Campo de Santa Ana
Viva a municipalidade!

Na feição caricata do Campo de Santa Ana, a *Semana Ilustrada* retratava e saudava, com ironia, a sociabilidade que tanto execrava: negros, trabalhadoras, escravos e homens pobres livres. “Será possível que continuem essas cenas por muito tempo ainda? A exposição, assaz tenebrosa, das filhas de Guiné n’aquele local tão azo aos galanteios, entremeados de gestos indecentes e palavras obscenas, dos vadios e maltrapilhos.”¹²² Na figura observa-se perto de uma centena de pessoas, a maioria curvada e esfregando roupa, o que colocava em destaque a parte traseira dos corpos, enquanto outros grupos interagem de forma amistosa ou estão em confrontação e bate-bocas.

A temática do Campo de Santa Ana e suas lavadeiras eram corriqueiras na revista, que, em várias oportunidades, voltou a pautar o local em que se reuniam as “filhas da Guiné” em suas lides cotidianas. De fato, o Campo era uma metáfora para todos os problemas

¹²⁰ É sempre problemática a questão das cartas ao leitor, pois não há como ter certeza que o texto foi realmente enviado à redação ou se foi produzido no seu interior.

¹²¹ *Semana Ilustrada*, ano 2, nº6, p. 3, 20/01/1861.

¹²² Memorial. *Op. cit.*, p. 3, 17/02/0861.

urbanos da corte, que a publicação esforçava-se por identificar e condenar. Local de “amansar burros” e de “despejo público”, por certo estava longe do que se esperava de um país civilizado e na senda para o progresso. Porém, a sensação de movimento da litografia faz pensar em um lugar cheio de vida, trabalho e comércio, encontros e diversão, como sugere o lado superior direito da imagem, na qual se vê uma carroça a entrar na cena. Pode-se supor que o cocheiro viesse encontrar outro negociante de quimgombô ou pretendesse galantear alguma bela lavadeira. Os escravos denominados de feras, encarregados de se livrar dos dejetos humanos, quiçá também aparecessem para se purificar dos odores que os impregnavam e assim tirarem parte do estigma que carregavam. No Santa Ana, escravas, pretos de ganho e quitandeiras podiam dançar e cantar, como se observa no canto esquerdo inferior. A festança comportava mendigos e maltrapilhos, além de moleques e quitandeiros neutros que ali podiam namorar.

Na edição de número onze, a revista propunha que o Campo de Santa Ana fosse transformado em recreio público. A crônica *Excursão: passeios e jardins públicos* reivindicava a multiplicação de espaços como contenção do clima da cidade que, por sua vez, contribuía para a proliferação das doenças. A crônica exaltava a importância da cidade, capital de um imenso império, porta de entrada de avultado número de estrangeiros, que ali vinham para comerciar ou morar e que necessitavam de espaços adequados de convivência.

Tudo, porém, se pode modificar. Se quisermos, as tarde no Rio de Janeiro, no tempo de verão, seriam amenas, e todas as classes da sociedade poderiam encontrar em passeios e jardins públicos belas horas de recreio, e mesmo muitas famílias ali iriam espairar depois dos trabalhos domésticos.¹²³

A construção de passeios e jardins públicos poderia amenizar as tardes quentes e tornar a cidade aprazível, graças aos pequenos jardins, clareiras, “frondosas árvores”, “encantadoras e esquisitas flores” e estátuas célebres daqueles que tiveram grande importância para o desenvolvimento da nação e da História. Como num sonho dourado, estrangeiros e a aristocracia local se congratulariam, num ato purificador, professando o futuro e cultuando um passado glorioso, mas já superado.

¹²³ Excursão: passeios e jardins públicos. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 11, p. 2, 24/02/1861.

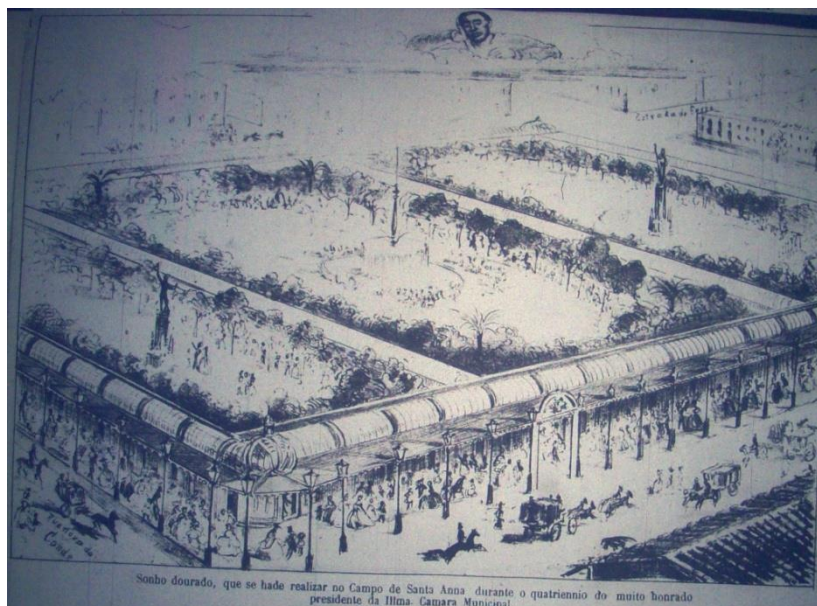


Figura 26 – *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 40, p. 8, 13/09/1861.

Sonho dourado, que se há de realizar no Campo de Santa Ana durante o quadriênio do muito honrado presidente da Ilma. Câmara Municipal.

Para a folha semanal de humor, as epidemias e doenças comprometiam a imagem do Brasil no exterior e dificultavam a vinda de “braços estrangeiros” brancos.¹²⁴ As aspirações para o Campo de Santa Ana não eram diversas das que se projetavam para o país como um todo. A cidade indesejada (Figura 25) e o sonho de futuro (Figura 26) eram percebidos em termos duais: barbárie versus civilização, degeneração versus moralização, desordem manual versus estrutura material, inércia versus progresso, passado versus futuro, sujidade versus higiene, negro versus branco, doença versus saúde. Numa palavra, o Campo de Santa Ana era o pesadelo maldito da elite imperial.

Se o Campo de Santa Ana esteve tão presente nas denúncias da *Semana* era porque, de fato, incomodava muito, tinha o poder de colocar em questão a ordem. Por certo, a apreensão desse espaço não deveria ser a mesma para as camadas abastadas e os frequentadores cotidianos do local. Esses últimos, considerados racial, moral e economicamente inferiores, aí perambulavam com desenvoltura que não expressavam em outros pontos da cidade. Liberdade essa que resultava em sociabilidade “degenerada”, expressão e produção cultural perante a “civilidade” que os cercava. Dessa forma, o Campo entrou para as páginas da *Semana Ilustrada* por conseguir despertar desconforto em seus leitores, mas também pode ser lido como um espaço de resistência para as camadas subalternas.

¹²⁴ Idem.

No plano de modernização da Corte, várias acepções e justificativas se justapunham para propor a mesma solução: excluir. Ora eram os pretos de ganho e os carroceiros que dificultavam saídas e chegadas da estação da estrada de ferro D. Pedro II, ora era o caos no trânsito produzido pelas quitandeiras. Os discursos sanitários atingiam as feras e o lugar de ganho das quitandeiras, também culpadas de afetar a moralidade pública. A demanda por fronteiras citadinas vinha legitimada por diferentes motes: ordem pública, salubridade física e moral, clima e até mesmo filantropia, como no caso dos mendigos. Dependendo do tipo de embate, choque ou constrangimento, o discurso era refeito e os argumentos remanejados sem que se deixasse de propor o mesmo remédio, o isolamento social.

2.2 O dispositivo de mostrar e rir: mulheres, tias e calcanhares.

Entre 1835, quando ocorreu o atentado contra o rei Luís Felipe, e 1848, ano de agitações na Europa, Baudelaire proclamou o nascimento da moderna caricatura, voltada para a crítica dos costumes e a sociedade cosmopolita burguesa. Diferentemente dos anos anteriores, quando o jornalismo utilizou-se da caricatura como arma em batalhas políticas travadas pela imprensa observou-se, nesse período, uma inflexão para a “grande comédia urbana”, com um riso mais elegante e de duplo sentido. Segundo Nery, a *Semana Ilustrada* surgiu em período de relativa paz pública, mas sucedeu a publicações panfletárias agressivas entre partidos e inimigos políticos que marcaram a imprensa antes do Segundo Reinado, ou seja, a trajetória do semanário ilustrado do imigrante prussiano Henrique Fleiuss guarda certa semelhança com o que ocorreu na imprensa ilustrada francesa na primeira metade do século XIX, quando a centralidade deixou de ser a política partidária e ganhou força o cenário urbano.¹²⁵

No primeiro número do jornalzinho ilustrado de Fleiuss,¹²⁶ publicou-se texto de apresentação e boas vindas que indicava as expectativas dos responsáveis em relação ao público do novo empreendimento que se instalava na capital do Império:

Sob essa divisa singela e expressiva aparece hoje a *Semana Ilustrada* pedindo a aceitação do público ao encetar sua variegada tarefa.

Não vem ela contar aos seus leitores por que novas fases passou ontem a política, quais foram as operações mais recentes da praça, quantos ratoneiros

¹²⁵ NERY, Laura. *Op. cit.*, p.182/183.

¹²⁶ Apesar de o periódico ser classificado hoje como revista, a diferenciação entre jornal e revista foi se firmando de maneira lenta no decorrer do século XIX. Dessa forma, era comum que os cronistas da *Semana*, ao se referirem à própria folha, utilizassem o termo jornal. Ver, por exemplo, *Semana Ilustrada*, ano 1, nº35, p. 7, 11 de ago 1861; *Semana Ilustrada*. Ano 3, nº115, p. 3, 22 de fev 1863; *Semana Ilustrada*, ano 3, nº139, p. 2, 9 de ago 1863. Para mais detalhes, ver MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

caíram nas mãos da polícia, enfim porque motivo tateamos na sombra a tantos respeitos, apesar de vivermos no século das luzes, e a luz da magnífica do gás do Aterrado.

Não; a missão do modesto atleta, que entra hoje no vasto areal da imprensa, é mais laboriosa, também mais transcendente.¹²⁷

A intenção era caracterizar a nova revista e especificar sua natureza. Julgando-se credenciada para informar a sociedade fluminense de maneira irreverente e inovadora, tratava-se de marcar distância e singularizar-se perante os demais impressos periódicos em circulação:

Buscaremos a humanidade fora dos templos, longe dos cemitérios; além desses lugares neutros será ela conosco; iremo-nos com ela.

Na política, no jornalismo, nos costumes, nas instituições nas estações públicas, no comércio, na indústria, nas ciências, nas artes, nos teatros, nos bailes, nas modas acharemos para a *Semana Ilustrada* assunto inesgotável para empregar o lápis e a pena.

Expectadores ativos, mas imparciais, de todas as lides empenhadas por essas grandes turmas, aplaudiremos o bem que praticarem, e sem temor da polícia censuraremos o mal que fizerem.¹²⁸

Logo no primeiro número, a *Semana* definia seu estilo de atuação e a axemplo do narrador/cronista que não se contenta com a erudição dos gabinetes, a folha se propunha a atuar “fora dos templos”, ou seja, pretendia percorrer a cidade, tanto para sentir o calor dos acontecimentos nas esquinas das ruas, como para relatar os encontros refinados nos salões, clubes e teatros. Assim, o Rio de Janeiro, com seus habitantes, espaços públicos e formas de sociabilidade, eram, definitivamente, temas que atraíam a atenção dos criadores da revista. Imigrantes que ao chegarem depararam com uma cidade cuja estrutura urbana era muito diversa daquela que conheciam no velho mundo.

¹²⁷ *Semana Ilustrada*, ano 1, nº1, p. 2, - de dez 1860.

¹²⁸ Idem



Figura 27 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 1, p. 4, - de dez 1860.

Boulevard Carceller.

Pouco fresco... pouca luz... mas ... que aroma!

Além da atenção às talhas, faltas e atrasos que assolavam a cidade, suas causas e efeitos perversos, que desviavam o país do futuro prometido pelo progresso, a *Semana Ilustrada* também era um grande palco em que, semanalmente, atuavam “em miniatura todos os grandes quadros da comédia social”.¹²⁹ Se, os médicos homeopatas e alopatas citavam Hipócrates e Hahnemann, e os adivinhadores do magnetismo evocavam Mesmer, para a *Semana* os ridicularizadores deveriam citar Molière, como “a melhor medicina conhecida para operar os aleijões morais que afeiam a sociedade”.¹³⁰ Assim, em evocado em crônicas e textos, o grande nome do humor destacado, no qual a folha considerava-se fiel seguidora, era Molière.¹³¹

Em outubro de 1658, Molière apresentou-se no Louvre diante de Luís XIV e sua corte, para depois ganhar outros palcos, como Petit Bourbon, Palais Royal e Palais Cardinal de Richelieu. O ator, escritor e teatrólogo que, entrou para a História como o grande nome da comédia clássica francesa, teve sua companhia reconhecida como oficial, “Monsieur de frère unique Du Roi”.¹³² Com o jogo de tensão entre a regra e o proibido, o certo e o errado, Molière estabeleceu o teatro dos vícios mundanos, a comédia de costumes, e colocou a sociedade diante dela mesma a tocar cordas sensíveis e incomodas e, assim, rir de hipocrisias,

¹²⁹ Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº38, p. 2, 1 de set 1861.

¹³⁰ Cousas e lousas. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 35, p. 6, 11 de ago 1861.

¹³¹ Carta ao Sr. Christie. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 113, p. 2, 8 de fev 1863.

¹³² BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 347.

fanatismos e invejosos. O riso deixava de ser só um sopro vital de vida e tornava-se uma ferramenta intelectual, um instrumento a serviço de uma causa.¹³³

De antemão, inspirada no programa de Molière, a crítica social e moral da *Semana Ilustrada* filiava-se ao riso polido e moralizante, que pode ser sintetizado na máxima latina, estampado na capa do periódico, “ridendo castigat mores”, ou seja, rindo corrigem-se os costumes. Dessa forma, não se tratava de subverter ordem estabelecida, ou da “carnavalização”, para apoiar-se em Bakhtin,¹³⁴ mas perseguir um alto ideal. Na encenação da sociedade moderna, a revista apontava os desvios da verdade, da moral e dos bons costumes, tal como concebidos na época.¹³⁵



Figura 28 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 8, p. 4, 3 de fev 1861.

Elegantes e jarretas.

Ora vejam! É o meu filho... Quando eu tinha idade dele já vendia queijos na Rua do Rosário...

Vá adiante que os passeios são muito estreitos (á parte) Deus me livre que suspeitem que é meu tio. Que cágado!

¹³³ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 409/411.

¹³⁴ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo. Brasília: Ed. UNB, 1997.

¹³⁵ NERY, Laura. *Op. cit.*, p. 175/180.



Figura 29 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 8, p. 5, 3 de fev 1861.

Educação moderna.

- Sinto-me tão incomodada!
- De que, minha senhora, o pulso bate regularmente...
- De hipocondria, doutor. Diga a Papai que seja sócio do Clube do Botafogo, quando não, eu morro. Vivo Sempre tão triste.
- Quem é aquela sujeita? Que carinha esquisita!
- É filha de um vendelhão; mas tem cem contos de dote meu caro
- Ah! agora reparo... tem bonitos olhos; e que pé mimoso!

Ao redor de ruas, esquinas, vielas, mas também, salas e ambientes domésticos, a revista flagrava a mocidade e sua “educação moderna”, que colocava em risco os bons sentimentos e valores, caminhando para um futuro incerto. Com algum saudosismo em relação ao abandono das velhas tradições, inspiradas, segundo Nery, no *honnête homme*, figura teatral do século XVII, aristocrata de espírito, cortês e humilde, que configurava o bem e a verdade nas caricaturas, contrastando com atitudes rasas e mesquinhas dos mais novos que se perdiam da tradição.¹³⁶ E assim, dessa perda e distância, nascia o riso.

O casamento, tal como na época de Molière, era uma fonte inesgotável para a pena e o lápis dos responsáveis pela publicação, que se insinuavam no interior dos lares dos jovens casais para denunciar vícios e defeitos dos novos matrimônios.

¹³⁶ NERY, Laura. *Op. cit.*, p. 179.



Figura 30 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 33, p. 4, 28 de jul 1861.

Como são hoje os maridos.

Em casa, que aborrecimento!

Fora de casa, que folia!

Nesse universo pleno de regras e convenções sociais, prazer parecia excluído, pois amor, sexo e nudez não eram associados ao casamento e sim ao bordel, como bem evidencia a caricatura de costumes. Para divertir-se e gozar dos prazeres profanos, os homens iam às ruas, visto que o próprio discurso religioso reconhecia a necessidade sexual do homem ante o papel de mera reprodutora destinado às esposas.¹³⁷ Frente às regras morais e religiosas, aquilatava-se o sucesso matrimonial pelo respeito, reprodução e pureza feminina, no qual a infidelidade do marido era consequência evidente, o que não conteve a *Semana* de rir da quebra das convenções. Todavia, invertidas as posições, mais hilário era o adultério das esposas, cujos maridos eram, segundo a revista, os “verdadeiros reis constitucionais: reinam, mas não governam”.¹³⁸



Figura 31 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 22, p. 4, 12 de mai 1861.

¹³⁷ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 172/181.

¹³⁸ Crônica elegante. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº18, p. 7, 14 de abr 1861.

Refugium peentoris.

- A grande ausência de seu marido deve ser-lhe muito desagradável...
- Não; tenho tanta *cousa* com que me entreter, que não é esse que mais me lembra...

Matrimônios arranjados por interesse econômicos, ou de outra ordem, eram práticas comuns que resultavam em famílias que pareciam ter avó, filha e netos que, na verdade, eram marido, mulher e filhos. Não admirava que os estrangeiros que por aqui passavam fizessem referência à precocidade sexual das moças e horrorizassem com a união de mocinhas com homens senis.¹³⁹ Editada por estrangeiros prussianos, a *Semana*, também refutava o caráter natural destas uniões e ridicularizava os senhores que cortejavam donzelas. No traço da caricatura de costumes, esses velhos perdiam a essência do caráter e apelavam para a jovialidade incoerente com sua posição moral. Gravados, muitas vezes, por Flumen Junius, tais personagens recebiam o apelido de “velhos gaiteiros”.¹⁴⁰



Figura 32 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 22, p. 5, 12 de mai 1861.

Velhos Gaiteiros – por Flumen Junius.

Olha: dize à tua ama que eu tenho muita paixão por ela; e desejo ir pôr-me aos seus pés: que quem manda esse recado é aquele MOÇO de luneta de luneta que costuma passar por lá...

- Bela Dama: quando vos vejo sinto-me no peito o fogo dos vinte anos!
- Ora... há outros tantos que seu filho mais moço me dez isso.

¹³⁹ Idem, p. 169/170.

¹⁴⁰ *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 22, p. 5, 12 de mai 1861. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 31, p. 5, 14 de jul 1861. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 38, p. 4, 1 de set 1861. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 42, p. 5, 29 de set 1861. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 46, p. 5, 27 de out 1861.

Se, no teatro Molière zombou dos avarentos, dos velhos, dos maridos traídos e dos censores beatos, nas suas páginas a *Semana Ilustrada* não se fez por menos.¹⁴¹ Como um nobre que zomba dos valores e hábitos da vida moderna que se impunha, a *Semana* instituía sua comédia social sob inspiração de Molière.¹⁴² Entretanto, a sátira tradicional do riso também ganhava outros contornos, caso, por exemplo, da lanterna mágica, objeto ótico em voga há séculos que se tornou símbolo da modernidade e da imprensa ilustrada do século XIX.



Figura 33 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 1, capa, - de dez 1860.

SEMANA ILUSTRADA
La[n]terna Mágica
Ridendo castigat mores

No logo da revista, o Dr. Semana portava um exemplar da publicação na mão direita, enquanto na outra trazia um *clichê* (imagem sobre um vidro plano pequeno) para projeção numa lanterna mágica. Em volta do personagem e de sua lanterna mágica, um rol de outras figuras em pé, pulando ou sentados formava um quadro que inspirava desordem, humor e malícia. Essas personagens estariam na mira do sorriso e da piscadela do Dr. Semana, ou seja, vítimas do flagra e do olhar ligeiro da publicação sobre a sociedade. Para ajudar na captura e ampliação das sorrateiras atitudes, ou seja, tratar do que ninguém comentava, mas pensava e fazia, o Dr. Semana dispunha da lanterna mágica.

Datando do século XVII e difundido pela Europa nos séculos seguintes, o instrumento óptico denominado lanterna mágica, projetava imagens em paredes ou lençóis brancos, ampliando cenas pintadas em placas de vidro e fornecendo ao expectador a ideia de movimento. Os temas iam de demônios a episódios religiosos, de cenas romanesas às com

¹⁴¹ MINOIS, Georges. *Op. cit.*, p. 406.

¹⁴² *Semana Ilustrada*, ano 1, nº1, p. 2, - de dez 1860 e Cousas e lousas. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 35, p. 6, 11 de ago 1861.

conotações satíricas. Tais projeções ópticas criaram um novo ofício, o lanternista ambulante, que rendia pouco aos que se dispunham a ir de vilarejo em vilarejo, com sua caixa amarrada nas costas, a fim de deslumbrar os moradores com os monumentos, monstros e paisagens que “saíam” da misteriosa caixa.¹⁴³ Do mesmo modo, simbolicamente, o Dr. Semana pretendia surpreender os moradores do Rio de Janeiro com as imagens ampliadas do próprio cotidiano das ruas e dos encontros da boa sociedade da corte. As peças e concertos do Teatro São Pedro e do Ginásio, bailes e reuniões do Clube Fluminense, mas também as condutas e os tipos sociais que perambulavam pelo Jardim Botânico, Rua do Ouvidor e praças não escapavam ao olhar atento do crítico. A revista trazia as maneiras de se portar em público e os tipos que circulavam nos espaços mais e menos nobres, de tal modo que a própria sociedade era confrontada consigo mesmo, uma vez que se expunham suas fraquezas e vícios.

Nos teatros, bailes, concertos, missas, reuniões familiares e passeios a *Semana* dizia que existia tanto o *homem-jacaré*, aquele que olha fixamente sua musa sem aproximar-se, como o homem *pisca-pisca*, que não encarava a morena encantadora e nem a loura simpática, mas sim para todas na “fila cerrada da humanidade feminina”, cuja pupila girava em todas as direções, como, “a vaqueta de um regente de orquestra”. De outros manejos, o homem *pavão* fingia-se de indiferente e distraído, interessado apenas em verificar se alguém admirava por seu turno, o peito de sua camisa bordada ou a “estreiteza de sua cintura e o negrume de seu bigode”. De poucas palavras e sempre na frente dos camarotes, portas e janelas, o *pavão*, quando tinha anel de brilhante, sentia muito calor e tirava as luvas e, nos jantares, não comia mais do que um canário, principalmente se tinha dentes postiços. Mais interessante era o *perdigueiro*, que vivia ligeiro nas ruas e, ao cruzar a caça, passava e olhava para traz: se não presta, para, olha para as nuvens, consulta o relógio, os cartões de visita expostos da Rua do Ouvidor ou “as jóias do Valais e os confeitos do Pernardo, até que o balão se perca de vista”. Porém, se valia à pena, o *perdigueiro* requebra-se todo, põe a luneta a cavalo no nariz, “inclina o Pinaud sobre a orelha direita, cantarola baixinho um pedaço da Traviata, passa, para, atravessa a rua, volta outra vez e vai assim seguindo sempre com o corpo e com os olhos a dona de suas ilusões”.¹⁴⁴

¹⁴³ MANNONI, Laurent. *A grande arte da luz e da sombra*. Arqueologia do cinema. São Paulo: Editora UNESP: SENAC, 2003.

¹⁴⁴ Os jacarés: Estudo d’après nature. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 56, p. 6/7, 5 de jan 1862.

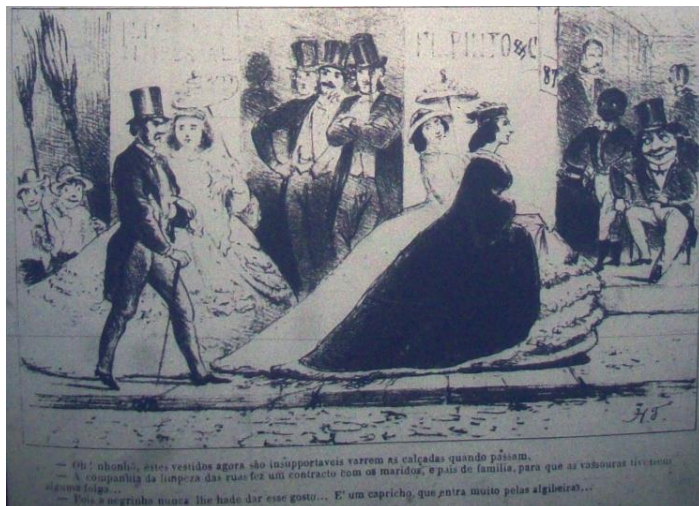


Figura 34 - *Semana Ilustrada*, ano3, nº71, capa, 20 de abr 1862.

- Oh! Nhonhô, estes vestidos agora são insuportáveis varrem as calçadas quando passam.
- A companhia da limpeza das ruas fez um contrato com os maridos, e pais de família, para que as vassouras tivessem alguma forma...
- Pois a negrinha nunca lhe há de dar esse gosto... É um capricho, que entra muito pelas algibeiras...

A arrastar seus longos vestidos pela calçada, as donzelas passavam pelo crivo do Dr. Semana que, com um sorriso maroto nos lábios, tudo acompanhava, sempre atento às observações do seu moleque. Da mesma maneira que um *perdigueiro*, um *pavão* ou um *jacaré* apreciavam as moçoilas na porta do estabelecimento, nas reuniões e bailes do Clube Fluminense era a descrição das jovens que motivava o cronista da *Semana Ilustrada*. Em agosto de 1861, na crônica *Contos do Rio de Janeiro*, a revista tratava, como de costume, do Clube Fluminense e seus belos salões frequentados pela “nata da sociedade do Rio[...]”. Na ocasião, o cronista registrou, entre muitas, “quatro *toillettes* brancas”, que impressionavam pelos lindos cabelos cor de ouro e as guarnições de belo verde-paris.¹⁴⁵ Um mês antes, em 21 de julho, na mesma seção, o autor descrevia, mais uma vez, a reunião do Clube Fluminense. Referindo-se às leitoras, afirmou que tanto dançou, tagarelou e riu, que nem passou pela cabeça a ideia de registrar os apontamentos. Mesmo assim, assegurava que a reunião esteve brilhante e que, entre as frequentadoras mais novas, sobressaíram duas moreninhas, cujos trajes não registrou, ofuscado que foram por seus lindos rostos, enquanto no que se refere entre as antigas, distinguia uma de vestido branco e cabelos loiros e outra vestida de seda cor de cinza: “tinha a cútis alta como alabastro e uns olhos tão, tão negros! Em toda sua fisionomia mirava-se a candura de seus quinze anos”.¹⁴⁶

¹⁴⁵ Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº36, p. 2, 18 de ago 1861.

¹⁴⁶ Idem, ano 2, nº 32, p. 2, 21/06/1861.

Mais do que a beleza e as vestimentas das donzelas nos bailes e reuniões, escrever, rir e caricaturar o “belo sexo” ¹⁴⁷ foi tarefa corriqueira do jornalzinho. Se, nos bailes era a menina de quinze anos dos olhos negros que encantava, nas ruas era a vez da série *Tipos do Rio de Janeiro* anotar a candura da *menina de colégio*, que se mostrava radiante “envolvida em uma enorme saia balão, e submergida debaixo das abas de um chapéu *canotier*”. Como todas as outras, endiabrada, faladeira e curiosa, aprendia a namorar antes de saber fazer crochê e vivia estudando gramática nos olhos dos primos e dos meninos da vizinhança. Em casa, apurava-se no piano, no desenho, na dança e no francês, sem deixar de ser brincalhona e ardilosa.¹⁴⁸ Quando a borboleta quebrava o invólucro, a menina de colégio tornava-se moça e agora, como *moça solteira*, tornava-se “uma variedade da espécie – Mulher”, cujo, o “m” maiúsculo indicava o universalismo da raça. No momento em que a biologia tornava-se uma ciência social, a revista ilustrada do Rio de Janeiro comparava os homens aos jacarés e as mulheres às borboletas. Na construção dos corpos e condutas da sociedade fluminense, a *Semana* ia definindo a posição do belo sexo.

Há duas épocas distintas para as moças. A das lições de piano, de bordar, dançar, etc. – forma nascente, traje singelo, rosto infantil. Pensa pouco e muito raras vezes, e só com bagatelas sonha. A outra (quando a borboleta quebra o invólucro). Então é ela moça em toda a acepção da palavra. Seu coração é um abismo, o pensamento um mistério, a mente um vulcão.¹⁴⁹

Tanto para a aristocracia rural como para a burguesia emergente, havia dois tipos de feminilidade: uma talhada para o casamento, símbolo de santidade e reprodução, e outra que expressava sentimentos e desejos sexuais, interditos às primeiras.¹⁵⁰ Nesse sentido, o humor da revista ilustrada lidava com essas leituras e julgava as condutas daquelas que estariam entre essas duas esferas, ou seja, que tinham posição social de respeito, mas que não se deixavam ser conduzidas por todas as práticas e limites que a posição social lhe impunha. Para tal, a folhinha ria e acusava as *namoradeiras* que, como as caixinhas e bolas com que os malabaristas faziam as suas mágicas, passavam de mão em mão.¹⁵¹ Da mesma maneira, como “uma luva que chega a todas as mãos”, a *mulher leviana* era como uma rosa que “cada namorado arranca-lhe uma pétala... de sorte que quando chega a casar-se só tem a oferecer ao

¹⁴⁷ Expressão constantemente usada na revista ao se referir às mulheres.

¹⁴⁸ Tipos do Rio de Janeiro. XI - A menina de colégio. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº14, p. 3, 17 de maio 1863.

¹⁴⁹ A moça solteira. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº14, p. 3, 17 de mar 1861.

¹⁵⁰ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁵¹ Definições. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 1z, p. 7, 7 de abr 1861.

marido: os espinhos que ficaram”.¹⁵² E, talvez, ao se casar e oferecer os espinhos ao marido, o cronista, sem qualquer sutileza, concluía:

A mulher é uma santa na igreja, um anjo nas ruas, um diabo em casa, uma coruja nas janelas, um cão na porta, uma cabra em um jardim... o chefe do pecado, a arma do diabo, o desterro do paraíso, e a corrupção da primeira lei antiga que o céu deu aos homens... é um animal que se aborrece.¹⁵³

Num misto de repúdio, medo e atração, o semanário de Henrique Fleiuss esforçou-se por classificar o feminino em subgrupos, na mesma chave em que se subdividiam as raças, num diálogo com as viagens de descobertas dos naturalistas pelas regiões africanas, asiáticas e americanas. Nas várias definições que apareciam, uma assegurava que o coração de uma menina de dez anos era como um caderno em branco, da moça de vinte um livro regular, da mulher de trinta um escrito nas entrelinhas, de uma velha de quarenta anos um livro desfolhado, que serviria apenas como embrulho, e, para finalizar, o coração de uma velha de cinquenta ou mais seria um documento histórico.¹⁵⁴

Com a sua lanterna mágica, o periódico ilustrado ampliava, de modo detalhado e palpável, condutas e tipos sociais, denunciando e convidando ao riso. Ainda mais engraçados do que os conquistadores baratos que, nas ruas e nos bailes, iam à caça das namoradeiras que visitavam o Clube Fluminense, eram as características corporais desviantes do modelo inspirados nos deuses grecoromanos, forjados na arte clássica e na mitologia, que tanto influenciavam os artistas e pensadores do século XIX. Ao lado do homem *perdigreiro*, que à semelhança de um cão corria à caça das beldades que cruzavam as calçadas da Rua do Ouvidor, a grande gargalhada e castigo do Dr. Semana dirigia-se à moça “balão”, não cortejada pelo perdigueiro.¹⁵⁵

¹⁵² Crônica elegante. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 18, p. 7, 14 de abr 1861.

¹⁵³ Bohemio. Variedade. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 21, p. 3, 5 de maio 1861.

¹⁵⁴ Definições. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 1, p. 7, 7 de abr 1861.

¹⁵⁵ Os jacarés: Estudo d’après nature. *Op. cit.*

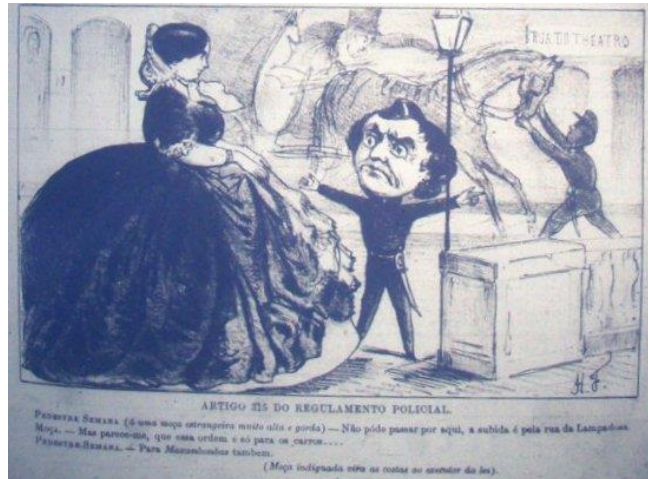


Figura 35 - *Semana Ilustrada*, ano 3, nº122, capa, 12 de abr 1863.

ARTIGO 315 DO REGULAMENTO POLICIAL

Pedestre Semana (à uma moça estrangeira muito alta e gorda) – Não pode passar por aqui, a subida é pela rua da Lampadosa.

Moça – Mas parece-me, que essa ordem é só para os carros...

Pedestre Semana – Para *Maxambombas* também.

O Dr. Semana, bem ao contrário daquele que a deixava passar, interditava o passeio para fazer rir os leitores do seu jornal comparando à moça a uma maxambomba - veículo pesado de carga e descarga de mercadoria. Embora, afirmasse, que não lhe cabia “[...] o papel presumido de censores da sociedade – de férula alçada e olhar carregado”, expunha que havia um lado ridículo que merecia particular atenção. Dessa forma, como sugere a capa do número 122, a *Semana Ilustrada*, sob a guarda do Dr. Semana e sua lanterna mágica, capturava, expunha e ria daquilo que tomava como o lado ridículo da sociedade de corte Fluminense:

Coisas que tem a vantagem de ser ridículas:

Velha em peignoir branco;

Uma boca sem dentes, quando diz: Eu te amo!

Um marido que faz agradinhos à sua mulher, em público, e vice-versa;

Uma mulher gorda valsando;

Uma cabeleira postiça em que há cabelos brancos;

Um homem alto, magro e com a casaca abotoada;

Uma mulher feia que desmaia.¹⁵⁶

[...]

Uma mulher baixa e gorda, vestida com camisola de banho.

Um homem que monta mal a cavalo.

Um marido que diz, quando fala da mulher – lá a Madama.

Uma pessoa vesga quando namora.

Um homem, que sofre muito dos calos, quando dança uma quadrilha.

Uma moça que rói as unhas.

Um homem baixo e magro, casado com uma mulher alta e gorda.

Um namorado arrufado

¹⁵⁶ Crônica Elegante. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 17, p. 7, 7 de abril 1861.

Um deputado que nunca fala
 Uma comadre que fala muitas vezes em seu compadre
 Um homem barrigudo quando faz a mesura nos lanceiros.
 De todas as couas, porém, a mais ridícula é:
 Não ser assinante da *Semana Ilustrada*.¹⁵⁷

Na *Semana Ilustrada*, a comédia moralizadora de Molière, pronta para “fazer rir as pessoas de bem”,¹⁵⁸ era incrementada com tons específicos. Mais do que chiste resultante das incoerências entre uma nova ética social e valores tradicionais, o riso aí assumia a condição de “uma espécie de assoada social”, nos termos de Henri Bergson, que bem definiu o humor ocidental no fim do século.¹⁵⁹ Se as personagens imorais povoavam as páginas ilustradas e ajudavam a dar o tom irônico da revista, poucos não foram aqueles que se tornaram engraçadas pelos contornos físicos.

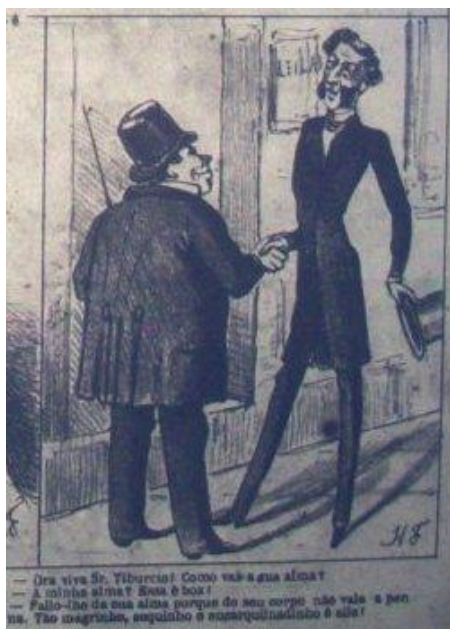


Figura 36 - *Semana Ilustrada*, ano 2, nº103, p. 5, 30 de nov 1862.

- Ora viva Sr. Tiburcio! Como vai a sua alma?
- A minha alma? Essa é boa!
- Falo-lhe da sua alma porque do seu corpo não vale a pena
tão magrinho, sequinho e encarquilhadinho é ele!

¹⁵⁷ Crônica Elegante. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 19, p. 7, 21 de abril 1861.

¹⁵⁸ MINOIS, Georges. *Op. cit.*, p. 410.

¹⁵⁹ BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre o significado do Cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993, p. 98.



Figura 37 - *Semana Ilustrada*, ano 3, nº133, p. 4, 28 de jun 1863.

- Olha, mamãe, ali vai um homem que não pode ir para o céu.
- Porque, meu filho? Que crime cometeu ele?
- Pois não vê. O padre pregador não disse ainda ontem que o caminho do céu era muito estreito? Aquele não passa lá.

Como fez o Dr. Semana, ao comparar a moça do belo sexo à uma maxambomba, Bergson comentava: “Rimos sempre que alguém nos dá a impressão de uma coisa”.¹⁶⁰ Como o *cômico* era incompatível com a *emoção*, para a transformação da percepção do corpo em “coisa” o distanciamento emocional do espectador era imprescindível.

Em resumo: se na pessoa humana pusermos de lado o que interessa a nossa sensibilidade e nos consegue comover, aquilo que fica poderá tornar-se cômico, e a comividade estará na razão direta da parcela de rigidez que nela se manifestar.¹⁶¹

Nas caricaturas, o corpo “magrinho, sequinho e encarquilhadinho” e o outro, ao contrário, que não passava por nenhum caminho estreito, não comoviam porque eram insociáveis ao equilíbrio, ao estado de graça e a racionalidade do belo e da arte. Para Bergson, a arte era um “regresso à simples natureza”,¹⁶² como bem ilustram os corpos simétricos, moderados e idealizados da pintura neoclássica. Como aberrações fora da arte e do belo naturalizado, não era difícil que tais corpos grotescos da *Semana Ilustrada* provocassem distanciamentos e risos.

O riso de costumes, nos teatros, em textos literários ou jornalístico, ao lado da produção imagética, assumiria, nas palavras de Bergson, “certo gesto social que sublinha e

¹⁶⁰ Idem, p. 49.

¹⁶¹ Idem, 104/105.

¹⁶² Idem, p. 119.

reprime uma certa distração dos homens e dos acontecimentos”.¹⁶³ O humor humilhava suas vítimas e esta seria mesmo sua função: distribuir doses de condenação, já que as sociedades criam formas para corrigir membros pouco atentos ao que circunda.¹⁶⁴ Da mesma forma, a lanterna mágica da *Semana* exibia os corpos que precisavam ser condenados e corrigidos pelo riso social. Como repreensão, mas revestida da leveza e despojamento do discurso cômico, os discursos normativos provenientes do imperialismo cultural europeu do século XIX acomodavam-se. O aparelho óptico expunha e o riso castigava: dois elementos que, juntos, transformavam as folhas da *Semana Ilustrada* em *dispositivo de poder*, na qual condutas e gestos eram perscrutados e mesmo depreciados, quando não se coadunavam ao arquétipo de civilidade moderna.

No segundo capítulo da crônica *As Mulheres, no sentido burlesco*, a poderosa lanterna mágica voltava-se para as tias ou “moças velhas”. O discurso, sem perder a verve humorística, revelava as construções sociais a respeito da pudica e da rameira, de acordo com o qual as mulheres que haviam deixado para trás a juventude, mas continuavam solteiras, chegaram a essa posição por terem sido namoradeiras, ou seja, eram castigadas pelo fato de haverem desrespeitado, em algum momento, as fronteiras do modelo de comportamento socialmente valorizado. Porém, o lugar social da tia, ou melhor, o não lugar, inspirava profundo desagrado no cronista da *Semana* que, sob o revelador pseudônimo de *Boêmio*, assinalou que “uma tia está de alguma maneira colocada fora do interesse que se tributa a seu sexo”:

Uma tia simboliza o egoísmo; é uma mulher que calculou em vez de amar; é uma mulher que não temeu ser enganada por sua razão, temendo sê-lo por seu coração; e uma mulher que disse consigo: Um marido far-me-ia desgraçada, e não ouviu uma voz interna responder-lhe: e um filho far-te-ia feliz !¹⁶⁵

Na ordem burguesa, o patriarcalismo de sangue formador das filiações de poder e terra foi remanejado para ordens de maior amplitude, que continuaram transmitir os seus valores só que por outros meios, como: nacionalismo, liberalismo e imperialismo.¹⁶⁶ No plano internacional, o nacionalismo era estimulado por uma classe média ainda seduzida por antigos ideais de sangue/raça:

É significativo, que o pensamento racial inglês como, aliás, aconteceu na Alemanha, se tenha organizado entre os escritores da classe média e não entre a nobreza, que tenha nascido do desejo de estender os benefícios dos padrões de

¹⁶³ Idem, p. 69.

¹⁶⁴ BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre o significado do Cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993, p. 98.

¹⁶⁵ Bohemio. As mulheres, no sentido burlesco: Cap. II. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 23, p. 3, 19/05/1861.

¹⁶⁶ MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 78/80.

nobreza a todos as classes, e que se nutrisse de sentimentos verdadeiramente nacionais.¹⁶⁷

Nesses novos arquétipos, que assumiam ares de verdade geral, a-histórica ou meta-histórica, a família tornou-se base concreta, sólida e imutável que atravessava todos os momentos históricos. Com o cientificismo sustentando a noção de raça e o darwinismo aplicado à experiência humana, a família naturalizada organizava a história, mas ao mesmo tempo estava fora dela, ou seja, como se fosse imune às características políticas, sociais e culturais de cada período.¹⁶⁸ Por não se casar, a tia deslocava-se do centro dessa ordem familiar prescritiva e não deixava de se constituir numa espécie de ameaça, uma vez que não cumpria seu destino biológico, como se renegasse a posição do seu sexo, reprodutora e passiva, razão pela qual ela era “uma mulher que calculou em vez de amar”.

O fato de se tomar a população como elemento decisivo para o crescimento da nação e mesmo medida do seu progresso, fez-se da natalidade e da esperança de vida uma área de anexo entre o Estado e o indivíduo: o sexo.¹⁶⁹ Desde o século XVIII, os discursos sobre verdade e dispositivos de poder foram deslocados e multiplicados pelas instituições de regulação dos corpos, no que Foucault chamou de sociedade disciplinar. Nessa sociedade todos passaram a ganhar mais individualidade, entretanto, aqueles que apresentavam desvios seriam muito mais particularizados.¹⁷⁰ Assim, ao preferir não ter um marido, um filho e não contribuir para o futuro, riqueza e força da nação, sobre ela recai uma carga pesada de particularização, tornando-a alvo fácil para a máquina de ver e rir, a imprensa ilustrada fluminense:

O vocábulo – moça – é o mais gracioso da língua, e nós só o pronunciamos com amor. O de esposa exprime a mais alta dignidade social da mulher. O de mãe inspira-nos um sentimento mais nobre ainda do que amor. O de viúva enternecenos e excita a nossa piedade; mas o de tia!... que simpatia merece? Que recordações a protegem? Que esperanças falam por ela?¹⁷¹

Ao não cumprir o papel que lhe era reservado, as tias perdiam o privilégio de serem sustentadas por um marido e desfrutar das regalias que merecia como reprodutora e parte de

¹⁶⁷ ARENDT, Hannah. A ideologia racista antes do racismo. In *Origens do totalitarismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989, p. 209/210.

¹⁶⁸ Para a autora: “Desde 1850, a imagem da família natural e patriarcal, em aliança com o darwinismo social pseudocientífico, veio a construir o tropo organizador para comandar o desconcertante conjunto de culturas numa única narrativa global ordenada e administrada pelos europeus”. MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 80.

¹⁶⁹ Ao invés da pura repressão, Foucault fala em: “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 29.

¹⁷⁰ DIAS, Esther. *A filosofia de Michel Foucault*. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 139.

¹⁷¹ Bohemio. As mulheres, no sentido burlesco: Cap. II. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 23, p. 3, 19/051861.

uma família, a célula primordial. Se não tivesse recursos, teria que assumir as tarefas domésticas, isso numa sociedade em que o trabalho manual era depreciado, já que realizado por classes e raças “inferiores”, comprometendo seu reconhecimento junto à “boa sociedade”. Num sistema em que a labuta associava-se à condição racial e à ideia de degeneração, a tia que não ocupa a posição superior de seu sexo, ou seja, abaixo do homem branco e dentro da família, é vista como assexuada, desce na hierarquia do evolucionismo racial e aproxima-se de outra raça num lugar no passado, o *espaço anacrônico*.¹⁷²

No momento em que a civilização europeia espalhara-se pelos quatro cantos do planeta, conectando continentes e reservando para si posição central no globo, Hegel escrevia que a África localizava-se numa zona temporal própria, anacrônica em relação à Europa. Prevalecia uma visão teológica, que advogava um processo de crescimento contínuo, cuja expressão máxima seria o velho continente. Nessa perspectiva, nada mais natural que ordenar e submeter as demais culturas a essa estrutura temporal.¹⁷³ Viajar pelos trópicos implicava em realizar um deslocamento no espaço, mas também viajar através do tempo, ver-se diante de populações cujo modo de vida expressava momentos pregressos de uma escala e trajetórias humanas tidas como necessárias e pré-determinadas. A expansão imperialista então em curso parecia confirmar essa percepção, além de justificar e dar sentido às ações dos novos conquistadores, que portavam o fogo sagrado do progresso.

Se o vocábulo moça era pronunciado com amor, o de esposa representava o mais alto grau de dignidade social e de viúva despertava piedade, a tia “que simpatia merece”? Que esperanças e recordações iriam protegê-la? Certamente, o papel da *Semana Ilustrada* não era dar respostas, mas sim o de explorar as possibilidades cômicas que a situação propiciava. Rir da degeneração social, da ocupação de um espaço fora do tempo moderno e de humanos anacrônicos.

No número 27 da revista, começou a ser publicado geralmente na terceira página as crônicas de Zoophilo, pseudônimo que não foi identificado. Com o título *Preleções da Anatomia Burlesca*, os textos descreviam, analisavam e refletiam sobre a anatomia humana, tendo por objetos diferentes características do corpo masculino e feminino. Calcanhares, tornozelos, joelhos, coxas e barrigas ganhavam espaço e eram submetidas ao olhar atento do

¹⁷² O tropo *espaço anacrônico* foi apropriado da obra de Anne McClintock, no qual os “povos colonizados – como as mulheres da classe trabalhadora na metrópole – não habitam a história propriamente dita, mas existem num tempo permanentemente anterior no espaço geográfico do império moderno como humanos anacrônicos, atávicos, irracionais, destituídos de atuação humana e encarnação viva do arcaico ‘primitivo’.” MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 58.

¹⁷³ Idem, p. 68/73.

Zoophilo da *Semana Ilustrada*, com boas doses de erotismo quando o assunto eram bundas, coxas e panturrilhas femininas.¹⁷⁴ Nem mesmo os personagens históricos foram poupados, uma vez que tiveram suas aparências reavivadas para permitir o riso, como a barriga de Henrique VIII que ganhou o título de a mais bem torneada do mundo, enquanto a “elegância das cadeiras” de Joana d’Arc teriam seduzido Carlos VII e, ironizando com o óbvio, “Alexandre Magno, Cezar e Napoleão tiveram tornozelos.”¹⁷⁵

Entretanto, o cronista não ficou apenas nas individualidades e estendeu suas observações para grupos sociais e delineou uma tipologia dos calcanhares dos velhos, dos meninos em diáde escolar, das mulatas baianas, dos jóqueis, das dançarinas e das moças faceiras.¹⁷⁶ Os *dandys* enfrentavam “as lamas e as imundas calçadas do Rio de Janeiro, só porque são causa de apreciarem mais à vontade uma torneada e bem lançada barriga de perna”,¹⁷⁷ a moça loura e alva teria o joelho cor de rosa seca e a morena a cor de camurça¹⁷⁸ e as cadeiras serviriam de apoio para as mãos da dança ou no ralhar com os escravos.¹⁷⁹



Figura 38 - *Semana Ilustrada*, ano 1, nº29, p. 5, 30 de jul 1861.

Anatomia burlesca

Calcanhares, tornozelos e barrigas de perna (Vide os ns. 27,28 e 29)

O século XIX assistiu à proliferação e difusão das teorias raciais, que se não foram inventadas nesse momento, entraram na ordem do dia numa Europa que se expandia pelo planeta.¹⁸⁰ Enquanto os teóricos raciais dividiam-se em poligenistas e monogenistas,¹⁸¹

¹⁷⁴ A série tem início no nº 27, dia 16 de junho de 1861, e segue pelas publicações de número 28, 29, 31, 32, 33 e 34.

¹⁷⁵ Preleções da anatomia burlesca: II – O tornozelo. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 28, p. 3/6, 23/06/1861.

¹⁷⁶ Preleções da anatomia burlesca: I - O calcanhar. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 27, p. 3/6, 16/06/1861.

¹⁷⁷ Preleções da anatomia burlesca: III – A barriga da perna. *Semana Ilustrada*, ano, nº 29, p. 3, 23/ 06/ 1861.

¹⁷⁸ Preleções da anatomia burlesca: IV – O joelho. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 31, p. 3, 14/07/1861.

¹⁷⁹ Preleções da anatomia burlesca: VI – As cadeiras. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 33, p. 6, 28/07/1861.

¹⁸⁰ Enquanto Rousseau (1712/1778) elegeu o selvagem americano como moralmente superior ao homem ocidental, que teria sido corrompido pela sociedade, o naturalista francês Buffon (1707/ 1788) construiu imagens negativas dos não europeus, que foram retomadas pelo jurista De Pauw, para quem os americanos sofriam de desvios patológicos que os fazia degenerados.¹⁸⁰ Não faltaram estudos legitimados pela ciência da época para autenticar tal leitura, como foi o caso das pesquisas do também naturalista francês Georges Cuvier (1769/1832).

Blumenbach elaborou a conhecida teoria que classificava a humanidade em cinco partes e Camper introduziu novos métodos de comparação baseados em medidas e os instrumentos criados por Broca – craniógrafo, craniômetro e cefalógrafo – que eram usados em todo o mundo para confirmar a *superioridade* racial européia.¹⁸² Os comportamentos humanos foram, cada vez mais, encarados como resultado de leis biológicas e naturais e vários métodos surgiram para medir a capacidade humana do cérebro humano, como a frenologia e a craniologia, além das teorias criminais de Cesare Lombroso (1835/1909). No momento em que o *Zoophilo da Semana Ilustrada* escrevia *As preleções da anatomia burlesca*, a frenologia media a genialidade pelas dimensões do cérebro, a exemplo do que ocorria com o tamanho do nariz, a forma dos lóbulos das orelhas, enfim, medidas antropométricas encaradas como índices capazes de diferenciar indivíduos de raças superiores ou inferiores, assim como, criminosos ou normais.

O calcanhar mais apreciado, ao menos para nós, é o do macaco... Segue-se o calcanhar do negro pedreiro, gretado pelo cal e caloso pelo atrito dos andaimes. Este só é apreciado por alguma quitandeira estúpida e de inclinações comuns. Acreditem!¹⁸³

Ao apresentar as apresentando as medidas e características anatômicas para um panóptico destinado a fazer rir, Zoophilo utilizou-se da ironia e do sarcasmo e acabou invertendo a ordem de prestígio dos calcanhares: “O calcanhar mais apreciado, ao menos para nós, é o do macaco... Segue-se o calcanhar do negro...”.

Em obras como as de Galton, Broca e Lombroso, as características e medidas do corpo correspondiam à psique do grupo racial. A biologia, transformada mais tarde em darwinismo social, auxiliava os intelectuais e cientistas a avaliarem o progresso da humanidade, as leis naturais da história, a pobreza, a cultura, o grau de civilização de nações e raças, tendo como padrão de comparação o homem inglês de classe média, o cume da hierarquia da evolução. Em resumo, o primitivo de uma raça superior deveria apresentar semelhanças com o ancestral desenvolvido da outra inferior, numa sequência em que a criança branca masculina teria o mesmo nível de desenvolvimento de um negro adulto ou uma mulher.¹⁸⁴ Nas etapas do

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação UNESP, 1999, p. 137.

¹⁸¹ No decorrer da primeira metade do século XIX, os teóricos raciais dividiam-se em dois grupos: os monogenistas, que acreditavam em uma única origem para a espécie humana, o que assegurava uma identidade comum a todos os homens, e os poligenistas, muito influentes em meados do século, que asseveravam a existência de diferentes raças, uma vez que cada uma teria se originado não de um ancestral comum, mas por processos separados e autônomos. SCHWARCZ, Lília. *Op. cit.*, p. 48.

¹⁸² DE LUCA, Tânia Regina. *Op. cit.*, 138/139.

¹⁸³ Preleções da anatomia burlesca: I – O calcanhar. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 27, p. 6, 16/06/ 1861.

¹⁸⁴ MCCLINTOCK, Anne. *Op cit.*, p. 81/89.

desenvolvimento racial, os processos de evolução seguiriam uma dada ordem, na qual o macaco, estágio mais primitivo do homem na natureza, era a base. Seguindo essa racionalidade, a *Semana Ilustrada* aproximou os calcanhares do negro e do macaco, como se representassem estágios consecutivos no desenvolvimento da anatomia das raças. Na hierarquia invertida dos calcanhares, o do macaco antecedia o do negro na ordem de apreciação e se o conjunto fosse observado no sentido oposto, o branco voltava a assumir a dianteira, cabendo ao negro assumir posição evolutiva inicial, sucessor do primata.

Ao classificar os seres humanos a partir de características fenotípicas, o homem branco europeu colocou-se na posição de vanguarda da história evolucionista, cabendo aos colonizados e grupos subalternos resignarem-se às etapas anteriores. Nessa ordem, espaço-temporal, os grupos eram dispostos tendo em vista sua distância/proximidade da natureza e não é por mero acaso que, na História Natural da época, as sociedades ditas primitivas figuravam ao lado dos dados botânicos e zoológicos.

O escritor que, na *Semana Ilustrada*, analisou as peculiaridades anatômicas não se limitou às raças, mas mesclou classe. Zoophilo condenou os calcanhares negros à admiração solitária de “(...) alguma quitandeira estúpida e de inclinações comuns”. Zoophilo não se refere à raça, antes prefere o trabalho realizado pela suposta admiradora, sua condição de membro, assim como o negro pedreiro, da classe trabalhadora. Não seria verossímil fazê-la admirar um calcanhar branco, afinal, cada grupo tinha suas fronteiras bem determinadas e quase inexpugnáveis. Não foi preciso explicitar a cor de sua pele, pelo simples fato de sua atividade, “quitandeira estúpida e de inclinações comuns”, já definir o mesmo espaço sócio-natural do “negro pedreiro”, ou seja, o *espaço anacrônico*.

Se, os velhos bajuladores de moçinhas entravam para o rol de tipos cômicos da *Semana*, as velhas e suas rugas foram bem mais maltratadas pelo riso do periódico. Litografadas, muitas vezes, na quarta e quinta página da publicação, corpos femininos envelhecidos eram caricaturados com características que remetiam à secura, feiúra e assolamento. Sem mais a exuberância e cândida beleza responsáveis por tornar as reuniões do Clube Fluminense imperdíveis para os cronistas da *Semana*, as senhoras casadas, tias solteiras ou velhas viúvas entravam para a folha pelo viés do ridículo. Zoophilo articulou classe e raça, mas ao voltar-se para as tias e senhoras foi a vez da relação entre raça e gênero.

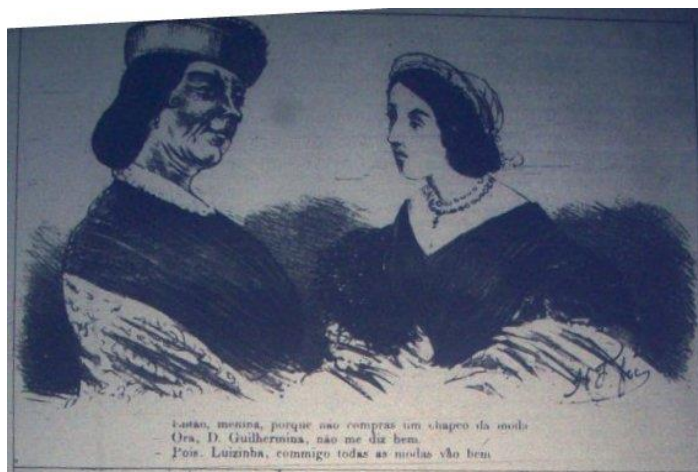


Figura 39 - *Semana Ilustrada*, ano 1, nº19, p. 5, 21 de abr 1861.

- Então, menina, porque não compras um chapéu da moda.
- Ora, D. Guilhermina, não me diz bem.
- Pois, Luizinha, comigo todas as modas vão bem.

Não mais aptas a realizar as obrigações que, desde cedo, eram próprias ao seu gênero, como encantar, servir e procriar, esse grupo de mulheres perdiam centralidade social, mas também, função biológica. As características físicas realçadas pelo traço caricatural tornaram esses corpos sinônimos de terra arrasada, seca e infértil. Na imagem, o contraste é enorme entre as duas mulheres, no qual a menos jovem apresenta perda da branquidade da pele e o ganho de borrões pretos, indicando que perdia, de maneira gradual, seu pertencimento a raça branca. Sem os vigores físicos, o corpo feminino na imagem tornou-se mais negro, ou seja, passou a ter características físicas de uma raça inferior, o que a aproxima das moças balões, dos homens palitos, tias assexuadas, negros pedreiros e quitandeiras, ou seja, o *espaço anacrônico* cômico da revista.

Ao lado das queixas jocosas sobre a condição do país, com seu ínfimo desenvolvimento industrial, o descompromisso dos políticos para com o futuro e os inúmeros problemas da capital do Império, a *Semana Ilustrada*, manuseando com precisão a lanterna mágica, flagrava e aumentava as imagens captadas no nosso principal cenário urbano, colocando a sociedade fluminense diante de si mesma, convidando-a a rir das suas precariedades físicas e “insuficiências” culturais.

Para atingir seus objetivos, compartilhar o indizível ou impensado, o humor necessita de alvos articulados a contextos precisos que permitam fazer rir.¹⁸⁵ Nesse sentido, a *Semana* mobilizou indivíduos que considerava como presos a heranças atávicas, atrasadas em relação

¹⁸⁵ Ver: SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 303.

ao tempo do progresso, das transformações, mudanças e ascensão em direção ao tão sonhado futuro. Das grandes áreas urbanas, como portos, praças e campos, aos calcanhares dos pedreiros e quitandeiras, a revista oferecia ao público a oportunidade de rir do que se afastava dos padrões propagados pela *ciência*, pela mercadoria e do culto da domesticidade e do progresso. Os *espaços anacrônicos*, deslocados em relação ao tempo histórico coevo, eram articulados à *ideologia* do progresso e das dissimilitudes e contrastes dessa justaposição é que nascia o riso.

Em suma, na *Semana Ilustrada* a presença daqueles que estavam fora da esfera de normatividade suscitavam-se, com facilidade, os risos. O projeto humorístico da revista, de meados dos oitocentos, inspirava-se na comicidade nascido, no século XVII, com Molière, na máxima do teatro de costumes - *Ridendo castigat mores*- e na sátira de costumes e o seu conservadorismo avesso às transformações modernas, porém, assim como nos instrumentos óticos, nos espaços físicos urbanos e nas instituições do seu próprio tempo histórico, o riso da *Semana Ilustrada* também expôs, puniu e domesticou práticas e corpos, cumprindo o anunciado na primeira edição: ocupar-se da “parte fraca que convida ao riso”.¹⁸⁶

¹⁸⁶ *Semana Ilustrada*, ano 1, nº1, p. 2, - de dez 1860.

CAPÍTULO 3

O IMPERIAL INSTITUTO ARTÍSTICO E OS IMPRESSOS DA SEÇÃO PUBLICAÇÕES (1865/1872)

Em 1863, Henrique Fleiuss abriu, com Carlos Linde, seu próprio estabelecimento de produção e reprodução de gravuras, folhetos e periódicos, o Instituto Artístico que, nesse mesmo ano recebeu o título de Imperial, além de haver criado uma escola de xilogravura, iniciativa sem precedentes na história do país. A instituição foi amplamente divulgada na *Semana Ilustrada* e assegurou a Fleiuss sólida posição no campo da impressão. A *Semana Ilustrada* incorporou a xilogravura, tornou-se ainda mais ilustrada e apresentou gravuras de melhor qualidade e definição, embalada pela ascensão dos negócios de seus proprietários. Além das caricaturas do Dr. Semana e do Moleque, dos contos e dos personagens da política e das ruas do Rio de Janeiro, a *Semana Ilustrada* passou a tentar dar conta do mundo dos impressos, informando seus leitores, agora de maneira sistemática, a respeito das publicações em circulação na corte e nas províncias.

3.1 O Imperial Instituto Artístico.

Invariavelmente, a cada nova edição e sempre no final da última página preenchida com textos, a *Semana Ilustrada* publicava o nome e o local do estabelecimento tipográfico responsável pela impressão do número. A informação, aparentemente singela, fornece elementos importantes sobre Henrique Fleiuss, a própria *Semana* e a imprensa oitocentista.

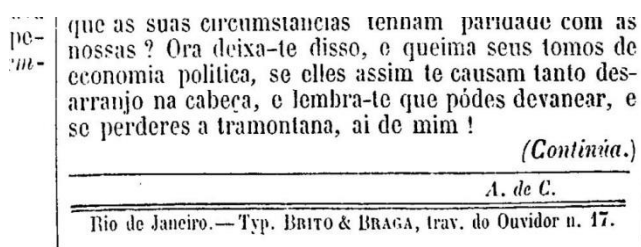


Figura 40 – *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 46, p. 7, 27 de out 1861.

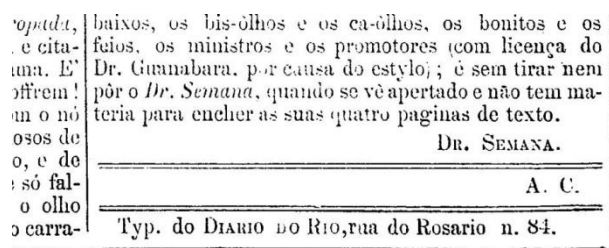


Figura 41 – *Semana Ilustrada*, ano 3, nº 104, p. 7, 7 de dez 1862.

Até o final de 1862, as edições foram produzidas em diversos lugares, a exemplo da Typ Pinheiro & C, Rua do Cano, nº165, Typ de Brito & Braga, travessa do Ouvidor, nº17 e Typ. do Diário do Rio, rua do Rozario nº 81. Apesar de a bibliografia afirmar que, no início de 1860, Henrique Fleiuss, Carlos Fleiuss e o pintor Carlos Linde possuíam a Fleiuss &

Linde, situada na Rua Direita, 49 (hoje Rua Primeiro de Março), parece que, antes de 1863, este estabelecimento ainda não reunia as condições para imprimir a revista.¹⁸⁷ Tanto que o endereço da redação, colocado na capa, não era o mesmo do impressor. O fato de figurarem diferentes tipografias revela que Henrique Fleiuss servia-se de prensas de outras oficinas para reproduzir a edição matriz da *Semana Ilustrada*. Nessa situação, em que o prussiano era proprietário de estabelecimento do gênero da impressão, mas imprimia a revista em outra tipografia, cabe a afirmação de Rezende segundo a qual, no século XIX, “nem sempre todas as oficinas litográficas estavam aptas a realizar todo o processo de impressão”.¹⁸⁸

No entanto, já na primeira edição de 1863, a impressão foi realizada na Typografia do Instituto Artístico, Largo de S. Francisco n. 16, o mesmo endereço da redação, ou seja, depois de dois anos do lançamento da revista, Fleiuss já tinha condições técnicas e a mão de obra necessária para produzir a publicação. Nesta edição, a tradicional gravura de capa exibiu imagem do prédio do Instituto Artístico, agora lar da *Semana*, como se observa abaixo.



Figura 42 – *Semana Ilustrada*, ano 3, nº 108, capa, 4 de jan 1863.

- Oh! Felizmente podemos gozar agora da sombra deste elegante e magnífico arvorelo [ilegível] Estamos como Tyrico, [ilegível]
- Mas, nhonhô, para que plantaram tantas qualidades de arvores? É para mostrar fertilidade do solo brasileiro, ou é porque [ilegível] variatle delectat?
- Eu lá sei! Vai perguntal-o ao apurado gosto da Illustrissima, que entende tanto d'sso... como tu...

¹⁸⁷ Seguindo Guimarães: “Aberta ao publico em 11 de janeiro de 1860, a firma Fleiuss, Irmão & Linde ocupava o prédio nº 49 da rua Direita (hoje rua Primeiro de Março). Naquele mesmo ano, a 16 de dezembro, iniciou a publicação da *Semana Ilustrada*, revista de caricatura e variedade”. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Op. cit., p. 97.

¹⁸⁸ REZENDE, Livia Lazzaro. Op. cit., p. 16

A *Semana* não tardou a dar indícios das mudanças que o novo ano haveria de trazer, tanto que publicou o significativo *Manifesto ao Mundo - Proclamação da Independência Typographica da Semana Ilustrada*.

Está acabado o tempo de enganar os homens. As tipografias, que ainda querem fundar o seu poder sobre a pretendida necessidade que dela têm os redatores de periódicos, ou sobre o antigo abuso de se lhes pagar as publicações que fazem, têm de ver o colosso da sua grandeza tombar da frágil base sobre que se ergueram outr’ora. Foi, por assim o não pensar, que a tipografia do *Diário do Rio de Janeiro* forçou a *Semana Ilustrada* a preparar-se para sacudir o jugo, com que lhe dobrava a cerviz; é por assim o peusar que o doutor Semana alçando potente brado proclama e anuncia a todos os povos da terra, que a *Semana Ilustrada* se declara para todo o sempre independente da tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, livre dessa metrópole cruel e elevada à categoria de gazeta soberana, pois que, d’ora avante será publicada em sua tipografia própria, e fundada no Largo de S. Francisco de Paula, que é muito mais nobre, do que a rua di Rosário.

[...]

Viva a independência da *Semana Ilustrada*!

Vivam as tipografias soberanas e livres!

Viva o doutor *Semana*!

Viva o moleque da *Semana*!¹⁸⁹

Na declaração de independência do periódico, o autor, identificado apenas por “O,” argumentava que tal feito só era possível devido à intervenção da Confederação Germânica:

Os dias de contemporização já passaram. A Confederação Germânica, grande potência europeia, intervém em nosso favor, e de uma das principais cidades da Alemanha (Moguncia) acabamos de receber a tipografia completa e rica de Guttenberg, que nos habilita a despedaçar as cadeias coloniais, e a declararmos independentes do *Diário do Rio de Janeiro*, começando desde hoje a publicar a *Semana Ilustrada* em nossos prelos e em nossa própria casa.¹⁹⁰

Vindo da cidade de Moguncia (hoje capital da Renânia-Palatinado), a completa tipografia livrou Fleiuss da “bárbara tirania de pagar a impressão da *Semana Ilustrada*!”¹⁹¹ Com sua própria tipografia, estruturada para dar conta de tarefas diversificadas de impressão, a revista atingia novos patamares.

Lúcia Guimarães comenta que, em 1º de maio de 1861, os irmãos Fleiuss e Carlos Linde, teriam criado o Instituto Artístico, como um estabelecimento voltado para instrução artística de meninos carentes.¹⁹² No entanto, em 1863, meses depois de adquirir o maquinário condizente de uma oficina de grande porte, precisou fazer frente à falta crônica de mão de

¹⁸⁹ Manifesto ao Mundo. *Semana Ilustrada*, nº 115, p. 2, 22 de fav 1863.

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Op. cit., p. 98u.

obra para as tarefas exigidas pela impressão de textos e imagens, ação que parecia condizer menos com filantropia e mais com anseios profissionais.

No século XIX, diferentemente das oficinas tipográficas europeias, que se valiam da produção de imagens por meio da xilogravura, processo exigente e que demandava indivíduos com treino e habilidades específicas, no Brasil a técnica mais empregada foi a litografia, método mais rápido e simples, que consistia em desenhar diretamente na pedra calcária¹⁹³. Todavia, a imagem xilográfica permitia melhor definição e qualidade quando se comparada à técnica litográfica, o que levou Fleiuss a aventurar-se na criação de uma escola de xilografia, com vistas a oferecer esse tipo de serviço e também aprimorar a qualidade visual da *Semana ilustrada*.



Figura 43 – *Semana Ilustrada*, ano 3, nº 130, p. 7, 7 de jun 1863.

Iniciativa empreendedora, a escola poderia modificar o panorama da produção da imagem no Rio de Janeiro. Veja-se que o anúncio da *Semana Ilustrada* convidava as famílias a mandarem os seus filhos para serem educados “neste ramo de arte, ainda pouco conhecido no Brasil”, ou seja, a “xylographia”, comprometendo-se a ensinar tudo o que fosse preciso para a realização dessa “bela arte”, visto que o aluno teria que “trabalhar diariamente (com exceção dos domingos e dias de guarda) das 9 horas da manhã até as 3 da tarde”, ficando sob a responsabilidade da escola por três anos e com

¹⁹³ “A litografia baseia-se na repulsão que a água tem pela gordura e vice-versa. Numa pedra calcária, o desenho é feito por lápis gorduroso (o chamado crayon litográfico) ou tinta, também gordurosa, aplicada a pincel ou caneta. Uma solução ácida fixa a gordura à pedra. A impressão é planográfica, realizada numa prensa litográfica que, assim como a prensa calcográfica, se compõe de uma “cama” com movimentos de vai-e-vem, onde se coloca a pedra. Sobre a pedra entintada é colocado o papel, bem liso, a receber a impressão e, por cima, um cartão de proteção. Antes de se proceder à entintagem, a pedra é molhada. A parte sem gordura absorve a água, ficando úmida, enquanto a parte engordurada repele-a. A tinta gordurosa é espalhada sobre a pedra por meio de um rolo, sendo retida apenas onde está traçado o desenho – que é onde a pedra se manteve engordurada. Nas partes da pedra sem desenho, que permanecem úmidas, a tinta é recusada. Embora as litografias sejam facilmente reconhecidas pela granulação característica – efeito causado pelo lápis desenhado sobre a pedra – é possível também imprimir chapadas, em traços ou planos, bastando para isso aplicar a tinta sobre a pedra, com pincel ou caneta, para obstruir completamente os orifícios da mesma. Já o *crayon*, dependendo da força com que é usado, penetrará mais ou menos na granulação da pedra, de forma que, ao se fazer a impressão, esta fica visível.” ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira. *História da fotoreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 83.

direito a salário a partir do segundo ano.¹⁹⁴ Tratava-se de ousar e introduzir outro sistema de produção de imagens, numa tentativa de rivalizar com a litografia reinante na imprensa no país.¹⁹⁵

Dotada de prensa própria e de aprendizes, a *Semana Ilustrada* estava estruturada para alçar vãos maiores e equiparar suas ilustrações aos padrões de qualidade dos periódicos europeus e norte americano. Destarte, depois de quase um ano do anúncio, Henrique Fleiuss informou que sua revista iria para as ruas com páginas ornadas de estampas gravadas em madeira:

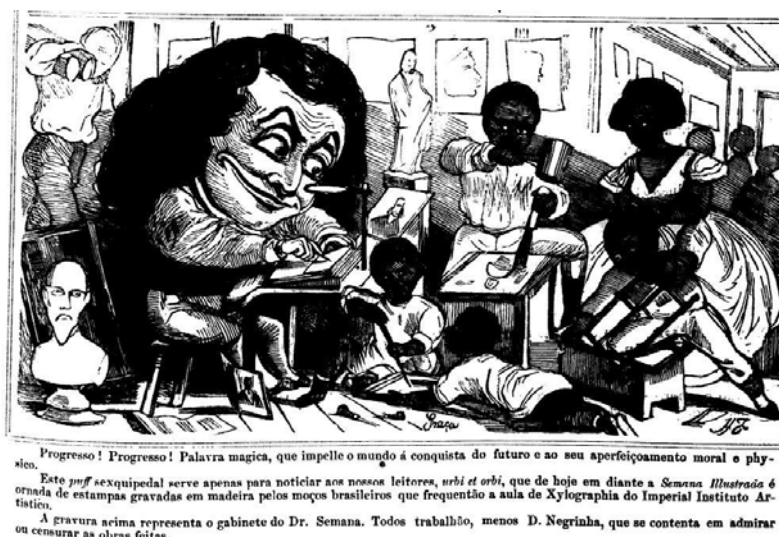


Figura 44 – *Semana Ilustrada*, ano 3, nº 130, p. 7, 7 de jun 1863.

Progresso! Progresso! Palavra mágica, que impele o mundo à conquista do futuro e ao seu aperfeiçoamento moral e physico.

Este *puff* sexquipedal serve apenas para noticiar aos nossos leitores, *urbi et orbi*, que de hoje em diante a *Semana Ilustrada* é ornada de estampas gravadas em madeira pelos moços brasileiros que frequentão a aula de Xylographia do Imperial Instituto Artístico.

A gravura acima representa o gabinete do Dr. Semana. Todos trabalham, menos D. negrinha, que se contenta em admirar ou censurar as obras feitas.

Com traços e sombras que ampliavam a qualidade visual da imagem, a *Semana* estampava em sua capa o Moleque, a D. Negrinha e seus filhos em plena atividade. Ocupados na produção do periódico, com formão, martelo e madeira em punho, a cena dotada de bastante movimento, fazia referência à produção de xilogravuras que tomou conta do prédio do Instituto Artístico. Entretanto, os resultados não foram os esperados e a nova aparência da revista não se manteve por mais que três meses. Logo voltaram as litografias, que imperaram

¹⁹⁴ *Semana Ilustrada*, nº 130, p. 7, 7 de jun 1863.

¹⁹⁵ Entre os xilogradores formados, destaca-se João Henrique Lima Barreto, pai de Lima Barreto. *Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*. In: Secretaria Especial de Comunicação Social. *Cadernos da comunicação: série memória*, 19. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007, p. 21/22. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria19.pdf> Acesso em: 13 de set. 2013.

soberanas depois de outubro de 1864, data a partir da qual as estampas com sombras e traços bem definidos desapareceram do semanário.

Embora a migração para a xilografia tenha fracassado, desde o início de 1863 observa-se o aumento da quantidade de ilustrações. Logo no primeiro número em que se declarou independente das correntes da tipografia do *Diário do Rio*, o periódico passou a honrar mais ainda seu nome, trazendo caricaturas em quase todas as suas páginas.



Figura 45 – *Semana Ilustrada*, ano 3, nº 115, p. 3, 6 e 22 de fev 1863.

Se, no início da publicação, as figuras e os textos tinham suas páginas específicas, depois que passou a ser impressa na oficina de Fleiuss, tal organização editorial não se manteve. Durante quase dois anos, além das tradicionais ilustrações que tomavam inteiramente a primeira página e as de número quatro, cinco e oito, as demais também ganharam imagens, que invadiam os textos. A melhor definição propiciada pela ilustração xilográfica tornou evidente a melhoria da qualidade visual do periódico.



Figura 46 – *Semana Ilustrada*, ano 4, nº 177, p. 1, 4, 5 e 8 de maio 1864.

Foi também nesse momento de expansão dos negócios e investimento que Fleiuss decidiu brindar seus leitores com o *Almanack Ilustrado da Semana Ilustrada*, medida que pode ser interpretada como uma estratégia para angariar novos assinantes. Veja-se o anúncio divulgado em março de 1864:



Figura 47 – *Semana Ilustrada*, ano 4, nº 172, p. 7, 27 de mar 1864.

Observe-se que, logo abaixo da nota, está indicado o local de impressão da revista, o Instituto Artístico que já podia exibir o título de *Imperial*. Na verdade, a mudança deu-se em outubro de 1863 e, como já se indicou, o enobrecimento não era exclusividade do estabelecimento de Fleiuss. No intuito de relativizar a leitura que toma a deferência como uma espécie de submissão ao poder do Império, cabe lembrar que a condição era obtida mediante solicitação do interessado, serviços prestados ou mesmo pagamento ao Estado.¹⁹⁶ No caso de Fleiuss, a deferência só veio aconteceu após quase três anos de circulação da *Semana Ilustrada* e não por acaso, quando já estava instalada a tipografia no Largo de S. Francisco.

Com sua própria oficina tipográfica e a tentativa de qualificar jovens na arte da produção de imagens, a *Semana* passou a oferecer serviços de impressão executados pelo agora *Imperial Instituto Artístico*:



Figura 48 – *Semana Ilustrada*, ano 4, nº 199, p. 7, 2 de out 1864.

¹⁹⁶ Ver IPANEMA, Rogéria Moreira de. Distinção do Poder: título de imperial, as razões pelas quais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 170, nº 442, p. 249/266, jan/mar, 2009.

A *Semana Ilustrada* tornava-se um veículo de propaganda das atividades do Imperial Instituto Artístico, além de dar a conhecer publicações de outros que não tinham vínculos, como o *Almanack* tinha, com a *Semana Ilustrada*:



Figura 49 – *Semana Ilustrada*, ano 4, nº 198, p. 7, 25 de set 1864.

Esta presença de outros impressos na *Semana* era mais uma novidade introduzida na revista. É certo que, desde as primeiras edições, o semanário anunciava os concertos e as peças que chegavam à cidade, mas de 1864 em diante os impressos, fossem saídos do prelo de Fleiuss ou de seus concorrentes ganharam espaço em suas páginas. Em 1865, surgiu a seção *Publicações*, que passou a noticiar as últimas novidades impressas no Rio Janeiro e no país.

É importante destacar que as tipografias configuravam-se como espaços fortes de sociabilidade, em que não apenas se produziam periódicos, livros, folhetos, gravuras, mas também propiciavam encontros, debates de ideias e circulação de informações. Fleiuss adentrava esse mundo e somava à sua condição de editor de revistas o de impressor.

3.2 A seção *Publicações*.

Alocada quase sempre na penúltima página, a seção *Publicações* atualizava os leitores sobre o surgimento de novas revistas, jornais, obras literárias, estudos científicos e vários outros tipos de impressos, o que fornece um quadro do que estava em circulação no país. A praxe era a de informar o título da publicação, seguida de breve descrição do novo impresso, responsáveis, gênero e, mais raramente, a periodicidade e o local de impressão. Por vezes, os textos forneciam dados sobre os autores ou publicações, informações valiosas sobre estabelecimentos comerciais, instituições e os bastidores da imprensa no século XIX.

É importante esclarecer que a seção foi mobilizada para divulgar as próprias produções de Fleiuss e seu Instituto Artístico, ou seja, ele valeu-se de sua própria revista e do sucesso desta junto ao público para dar a conhecer outros de seus produtos. Entretanto, não se

limitou a isso, pois a seção também noticiava o que era lançado ou comercializado por outros impressores, editores e livreiros.

Graças à sua perenidade, *Publicações* é uma fonte importante para a história da imprensa no século XIX, uma vez que permite mapear parte dos impressos, revistas, jornais, livros que estiveram em circulação no período, conforme se observa nas tabelas (uma para periódicos e outra para livros) produzidas a partir dos dados presentes na seção.

Os dados (título, autor, editor, proprietário, local da impressão, gênero da publicação, preço e periodicidade) foram retirados exclusivamente da revista, cabendo destacar que as datas referem-se ao mês e ano da notícia na *Semana Ilustrada*, ou seja, não se trata do lançamento do impresso em si. As tabelas evidenciam que, em várias oportunidades, as publicações do Instituto trazem informações mais completas, indicando, inclusive, o preço, o que não se observa com as outras publicações. Não foram organizados dados relativos às partituras musicais, gravuras avulsas, mapas, retratos e outras formas de impressos que também se faziam presentes na seção.

Os impressos (jornais, revistas e livros) em circulação que foram anunciados na *Semana Ilustrada* entre 1865, momento em que a seção surgiu, e 1872, quando a ocorrência deste tipo de informação tornou-se bem mais rara, são apresentados a seguir:

Tabela n. 1: Lista de Jornais e revistas. Seção *Publicações* (1865-1872).

Título	Editor/proprietário	Descrição	Periodicidade	Local de impressão e/ou venda.	Data da divulgação na seção
<i>The Anglo-Brasilian Times</i>					Fev 1865
<i>A crença</i>	Eduardo Villas Boas	Jornal político e literário.			Abr 1865 Dez 1867
<i>Ypiranga</i>		Periódico literário, dedicado ao belo sexo.	Bimensal	Rua do Hospício, nº 99.	Mai 1865
<i>O Asmodeo Brasileiro</i>		Jornal variado.			Jun 1865
<i>A Lanterna Independente</i>		Jornal político e literário.			Nov 1865
<i>Aurora Acadêmica</i>	Estudantes de medicina.	Periódico científico e literário.			Out 1866
<i>Tribuna Liberal</i>				São Paulo	Abr 1867
<i>Revista Acadêmica</i>	Estudantes de medicina.	Jornal científico e literário. Caderno do mês de abril: <i>Crença e trabalho</i> .			Maio 1867
<i>Minerva</i>	A. Oliveira	Periódico científico e			Jun 1867

	Fernandes e F. Moreira Sampaio	literário.			
<i>Juventude</i>	F. A. de F. Ribeiro e L. B. da Cunha Freitas	Periódico científico e literário.			Jun 1867
<i>Revista Fluminense</i>	Proprietário: Orsini Grimaldi Pereira do Lago.	Semanário noticioso, literário, científico, recreativo.	Semanal		Nov 1868
<i>The Brazilian World</i>		Escrito em inglês e português e tem parte comercial/mercantil.			Maio 1869
<i>O futuro</i>	Jovens acadêmicos de talento de ilustração	Ocupa-se de notícias, ciência, política e literatura.	Semanal		Jul 1869
<i>Revista Polytechnica</i>	J. A. Manso Sayão	1º número do II tomo da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro.			Ago 1869
<i>Leitura para todos</i>	J. G. pires de Almeida e Felix Ferreira	Coleção de versos e artigos em prosa.	Mensal		Ago 1869 Nov 1869
<i>Revista Agricola</i>	Miguel Antonio da Silva	Autor encarregado pelo Imperial Instituto Fluminense de Agricultura.	Trimensal		Set 1869 Nov 1869 Set 1871
<i>Ideia</i>		Revista, que além de outros trabalhos, contém a biografia e retrato do escritor Maneco de Almeida			Set 1869
<i>Ilustração Americana</i>	Thomaz Gomes dos Santos Filho				Mar 1870
<i>Revista Polytechnica</i>	J. A. Manso Sayão	2º número da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro. Ornada a estampas e que contém cerca 150 páginas.			Mar 1870
<i>Diario de Noticias</i>		Novo jornal diário de pequeno formato.			Ago 1870
<i>Ilustração Anglo-Brasileira</i>		Política, ciências, artes, comércio lavoura e indústrias.		Publicado em Londres.	Out 1870
<i>Correo Ibérico</i>		Publicação em idioma espanhol.	Três vezes por semana.	Rio de Janeiro.	
<i>A nova era</i>	Romualdo	Periódico científico e	Mensal		Jul 1871

	Maria de Seixas Barroso, Costa Barros e Barroza de Souza	literário			
<i>A nuvem</i>	Jovens estudantes	Jornal		São Paulo	Jul 1871
<i>O Abolicionista</i>	Publicação da sociedade libertadora Sete de Setembro		Quinzenal	Bahia	Ago 1871
<i>A Republica</i>			Passou a ser diário a partir de setembro de 1871.	Rio de Janeiro	Set 1871
<i>Echo Americano</i>	William Spaythe	Contém gravuras de retratos e paisagens do Brasil e do velho mundo. Representações de vistas e cenas da vida brasileira.		Londres	Nov 1871 Jan 1872 Jul 1872
<i>O Novo Mundo</i>		Figuras belíssimas. Vários jornais da Corte transcrevem seus artigos.	Mensal	Nova Iorque	Nov 1871 Fev 1872 Nov 1872
<i>Almanak das Senhoras</i>				Lisboa	Nov 1871
<i>Jornal do Brasil</i>		Folha de formato regular que vai tratar de todos os assuntos de interesse público. Contém ilustração e pretende-se auxiliar o comércio, a lavoura, o fórum, as artes, as ciências e a literatura.			Dez 1871
<i>Correio do Brazil</i>		Jornal do comércio, da lavoura e da agricultura.			
<i>O Movimento</i>			Diário	Rio de Janeiro	Mar 1872
<i>O Constitucional</i>		Sustenta a política conservadora e traz artigos literários e comerciais.		Rio de Janeiro	Abr 1872
<i>A Instrução Pública</i>	Alamby Luz		Semanal		Abr 1872
<i>O Futuro</i>	Operários tipógrafos.	Jornal artístico, científico, literário e recreativo.	Duas vezes por Semana.		Ago 1872

<i>O pelicano</i>		Jornal maçônico			Set 1872
<i>A Família</i>		Jornal maçônico			Set 1872
<i>Gazeta do Povo</i>		Aspirações do povo e conquista das dos ideais de liberdades dos países industriais, morais e pacíficos.			Set 1872

Tabela n. 2. Lista de livros, álbuns, brochuras e folhetos. Seção *Publicações* (1965-1872)

Título	Autor	Descrição	Local de impressão e/ou venda	Datas das divulgações na seção
<i>História Natural Popular</i>	A. Miguel da Silva e Antonio de Paula Freitas	Obra completa em doze cadernos.	Imperial Instituto Artístico, RJ. Preço em fumo, 2\$000, colorida, 24\$000.	Mar 1865 Nov 1867 Dez 1867 Fev 1868 Nov 1868 Nov 1868
<i>Almanak administrativo mercantil e industrial</i>	Sr. Haring e E. & Laemmert		Tipografia E. H. Laemmert, RJ.	Abr 1865
<i>Configuração e descrição de todos os órgãos fundamentais das principais madeiras de cerne e brancas</i>		História natural com aplicações em engenharia, indústria, medicina e artes.		Nov 1865
	S. Luiz Castro	Álbum de modinhas brasileiras.	Casa dos Srs. felippone e Tornachi, Rua do Ouvidor, nº 101, RJ.	Dez 1865
<i>Os deuses de casaca</i>	Machado de Assis	Comédia, representada por amadores na Arcadia.	Vende-se no Imperial Instituto Artístico e nas livrarias de Pinto, rua do ouvidor nº87, Garnier, rua do ouvidor nº65, Laemmert, rua da Quitanda nº77 e Brandão, rua da Quitanda nº 70, RJ.	Jan 1866
<i>Apuntes para La historia de La República Oriental Del Uruguay</i>	A. D. de Pascual, membro do IHGB	Baseados em documento autênticos e inéditos de arquivos e bibliotecas nacionais e particulares da Europa e América. Ainda consta no estudo a tradição oral de	Antônio Gonçalves Guimarães & Comp., Rua do Sabão nº26, RJ. Preço 5\$000	Fev 1866

		testemunhas oculares.		
<i>Decomposição dos penedos no Brasil</i>	G. Capanema	Brochura que consta a lição proferida no colégio D. Pedro II sobre ciência.	Imperial Instituto Artístico, RJ.	Jul 1866
	Os fotógrafos Barbosa & Lobo.	Álbum de fotografias sobre a última exposição nacional.	Barbosa & Lobo, rua do Ouvidor, nº 134, RJ.	Abr 1867
<i>Mazelas da actualidade – n. 1 Voragem</i>	Minimo Severo		Acha-se à venda em todas as livrarias e no Imperial Instituto Artístico. Preço 1\$500	Maio 1867 Jun 1867
<i>Bibliotheca do Instituto dos bachareis em Letras.</i>	Anastacio Luiz do Bomsuccesso	Escritos que revelam aplicação da mocidade.		Jul 1867
<i>Pequeno panorama ou descrição dos edificios da cidade do Rio de Janeiro</i>	Moreira de Azevedo	5º volume.		Set 1867
<i>Folhas perdidas</i>	Valentim Moreira de Sá e Menezes	Volume de versos escritos entre 1850 e 1855.		Nov 1867
	Nicoláo Joaquim Moreira	Manual da química agrícola, ramo da agricultura.		Fev 1868
<i>As quatro derradeiras noites do Inconfidentes de Minas Gerais</i>	A. D. de Pascual		Imperial Instituto Artístico e nas principais livrarias da Corte, RJ. Preço 2\$000.	Maio 1868 Maio 1868
<i>Morte Moral</i>	A. D. de Pascual			Maio 1868
<i>Heroes Brasileiros</i>	Dr. E. de Sá	Nº 13.	Sr. A. Sisson, Rua d'Assembléia, nº60, RJ.	Maio 1868
<i>Contos da Roça</i>	A. Emilio Zalar			Jul 1868
<i>A negação da família</i>	E. Pimentel	Conhecido drama, muitas vezes apresentado no teatro Ginásio e S. Januário.		Jul 1868
<i>Scenas de viagem</i>	Alfredo d'Escragnoll e Taunay, 1º Tenente d'artilharia.	Viagem de exploração entre os rios Taguay e Aquidauana no distrito de Miranda.		Ago 1868
	José Tito Nabuco de Araujo	Publicação em avulso dos discursos de acusação e réplica pronunciados por S. S.		Ago 1868

		contra o réu Hector Moneta.		
<i>O club Godipan</i>	Dias da Silva Junior	Comédia em 1 ato.		Ago 1868
<i>Poesias lyricas</i>	J. M. Gomes de Souza		Camillo de Lellis Masson & C. Bahia	Set 1868
<i>Tractado da cultura da canna da assucar</i>	D. Alvaro Reunoso	Por ordem do Ministério da Agricultura.	Imperial Instituto Artístico, RJ. Preço 3\$000	Out 1868 Nov 1868 Nov 1868
<i>O Acautelador dos bens de Defuntos e Ausentes</i>	Augusto Freire da Silva		No Pará por C. Seidl & C.	Dez 1868
	Manoel Jesuino Ferreira	Uso da infância brasileira		Dez 1868
<i>Olivio-Olivia</i>	Quintiliano Pacheco Ferreira Lessa	Tradução de um drama francês.		Dez 1868
<i>Amores de um Voluntario</i>	L. Ramos Figueira	O romance tem por cena o Rio de Janeiro e seus arrabaldes.		Jan 1869
<i>Manual Mercantil ou encyclopedia elementar do commercio brasileiro</i>	V. Henrique dos Santos Carvalho	Compendio elementar de ciências mercantis. 1º e 2º edição.		Jan 1869 Abr 1871
<i>Manual dos vereadores</i>	Joaquim de Oliveira Machado		B. L. Garnier, RJ.	Jan 1869
<i>Mapa Mercantil do Rio de Janeiro</i>			Imperial Instituto Artístico, RJ.	Fev 1869
	Luiz Figuier	Biografia de Cristóvão Colombo traduzido por A. E. Zaluar		Fev 1869
<i>Sobre a província de Matto-Grosso, seguida de um roteiro de viagem de sua capital a S. Paulo</i>	Joaquim Ferreira Moutinho	Volume de mais de 400 páginas, bem impresso e ornado de muitas e interessantes estampas.		Abril 1869
<i>Da Fistula Lacrymal e do seu tratamento radical</i>	Ataliba de Gomensoro	Folheto		Maio 1869
<i>Biographia e apreciação dos trabalhos do botânico brasileiro Frei Mariano da Conceição Veloso</i>	José De Saldanha da Gama			Jun 1869
<i>Melhoramento do porto do Rio de Janeiro</i>	André Rebouças			Jul 1869
	Joaquim	Publicação em folheto do		Ago 1869

	Antonio Pinto Junior	discurso proferido no encontro do Club radical		
	José Tito Nabuco	Discurso recitado no Instituto dos Bacharéis em Letras em honra a memória do poeta francês Lamartine.		Ago 1869
	J. B. Ferraz de Campos	Tabela de redução dos principais pesos e medidas brasileiros aos equivalentes do sistema métrico da lei de 26 de junho de 1862.		
	C. A. S.	Biografia de Polycarpo Cezario de Barros, nobre cirurgião e soldado.		Set 1869
<i>Contos do ermo e da cidade</i>	Fagundes Varella		Obra francesa editada por B. L. Garnier, RJ.	Set 1869
<i>Retratos a bico de Penna</i>	José Pires de Almeida	Comédia em 2 atos.		Out 1869
<i>As Victimias Algozes</i>	Macedo			Out 1869
<i>Grammatica da lingua portugueza ensinada por meio de quadro analyticos. Metodo facilimo para se aprender a lingua</i>	Mello Moraes	O autor é deputado da assembléia geral legislativa pela província de Alagoas.		Nov 1869
	Nicola' o Moreira	Publicação em forma de folheto. Estudo sobre a vacina		Dez 1869
	Nicola' o Moreira	Reimpressão de um folheto publicado há 50 anos em Lisboa, a respeito do Direito divino dos Reis. Para provar que semelhante direito não existe.		Dez 1869
<i>Lendas do Espirito santo</i>	Pessanha Pova	Folhetim contendo a <i>A cruz de Moribeca e Frei Palacyos</i> .		Dez 1869
<i>Corymbos</i>	Luiz Guimarães	Livro de versos	Pernambuco	Dez 1869
<i>Biographia</i>	José Tito Nabuco de Araujo	Biografia do general H. Maximiano Antunes Gurjão		Dez 1869
<i>Uma mulher honesta (scenas de nossos dias)</i>	J. de Freitas Vasconcellos	Romance	Em todas livrarias da corte.	Jan 1870
<i>Doutrina Moral</i>	José Ferrari	Doutrina e preceitos para todas as classes da sociedade.		Jan 1870

<i>Folhas dispersas</i>	Aires de Almada	Volume de versos do poeta baiano.		Jan 1870
<i>Phalemas</i>	Machado de Assis	Livro de versos	Edit. Garnier, RJ.	Jan 1870
<i>Contos Fluminense</i>	Machado de Assis	Livro de prosa.	Edit. Garnier, RJ.	Jan 1870
	Antonio de Paula Freitas	Tese, cuja primeira parte demonstra em geral o teorema das velocidades virtuais sem dependência da consideração dos infinitamente pequenos; e a segunda parte os princípios fundamentais da mecânica reduzidos aos menor número possível.		Mar 1870
<i>Compendio da Historia do Brazil contada aos meninos</i>	Estacio de Sá e Menezes	Em resumo, os acontecimentos da história do Brasil, imparcialmente explicados.	Livraria Garnier. Publicada em Paris.	Mar 1870
<i>Synopses de Eloquencia e Poetica Nacional</i>	Manoel da Costa Honorato			Mar 1870
<i>O Brazil em 1870</i>	A. A. Sousa Carvalho	Análise das causas da decadência política e social do Brasil.		Abr 1870
<i>Mosaico Brasileiro</i>	Moreira de Azevedo			Abr 1870
<i>Os franceses no Rio de Janeiro</i>	Moreira de Azevedo	História colonial		Abr 1870
	Lourenço de Mendonça	Novo romance do autor membro do IHGB.		Abr 1870
<i>O X</i>	Verissimo do Bomsuccesso	Fábulas		Maio 1870
<i>Y e o Jacaré e o cysne</i>	Verissimo do Bomsuccesso	Fábulas		Maio 1870
	A. J. Santos Neves	280 páginas com alguns retratos sobre os principais cabos de guerra brasileiros.		Maio 1870
<i>Vida e Feitos do Dr. Semana</i>	Seu moleque		Vende-se em todas as livrarias, RJ. Preço 2\$000	Maio 1870
<i>O Sino de S. Francisco de Paula</i>			Escritório da <i>Semana Ilustrada</i> , RJ.	Jun 1870
<i>Os voluntários da</i>	Thomaz	Comédia drama em dois		Jun 1870

<i>honra</i>	Espiuca	atos.		
<i>A Viúva do meu amigo</i>	Thomaz Espiuca	Comédia em um ato.		Jun 1870
<i>Os amigos</i>	Sabbas da Costa	Romance.	Maranhão	Jun 1870
<i>Curso de Litteratura Brasileira</i>	Mello Morais Filho		Rio de Janeiro	Jun 1870
<i>As instituições e os povos do Rio da Prata</i>	Quintino Bocayuva	Conferências públicas.	A venda no Escritório do Imperial Instituto Artístico, rua da Constituição, nº 6 e na livraria Garnier, rua do Ouvidor, nº87, RJ. Preço 500rs.	Jul 1870
<i>O Alforje da Boa Razão</i>	Bruno Seabra	Preceitos da moral, catecismo da vida e um alforje da boa razão.		Set 1870
<i>Pyraustas</i>	Julio Cesar Ribeiro de Souza	Livro de versos.	Impresso no Pará.	Set 1870
<i>Grammatica Pratica da língua ingleza</i>	J. da Motta Azevedo Corrêa			Set 1870
<i>Chave dos exercios</i>	J. da Motta Azevedo Corrêa			Set 1870
<i>Archivo do Retiro Litterario Portuguez</i>				Set 1870
<i>Convira ao Brasil a importação de colonos Chins?</i>	Nicoláo Moreira	Discurso na sessão da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.		Set 1870
<i>Um Par de Galhetas</i>	Soares de Souza	Comedia		Set 1870
<i>Poesias Posthumas</i>	Faustino Xavier de Novaes			Set 1870
<i>Epitome da Historia do Brasil</i>	I. P. Xavier Pinheiro	Aos pais de família e aos mestres das escolas públicas e particulares recomenda-se o livro que conta a história do país do descobrimento até o ano presente de 1870.	1º Edição: publicado na Bahia em 1853, 4000 exemplares. 2º Edição: casa dos Srs. Laemmert, 8000 exemplares. 3º Edição: casa dos Srs. Laemmert, 6000 exemplares.	
	Nicolau Moreira	Vocabulário de árvores brasileiras que podem fornecer madeiras para construções civis, navais		Out 1870

		e marcenaria.		
<i>Iracema</i>	José de Alencar	2ª Edição.		Nov 1870
<i>Maximas e Pensamentos</i>	José Tito Nabuco de Araújo	Brochura dirigida á algumas classes da sociedade.		Jan 1871
<i>Annuario Industrial</i>		Para pessoas que se dedicam ao comércio, agricultura e engenharia.		Jan 1871
<i>Peregrinas</i>	Victorio Palhares	Volume de poesias.		Jan 1871
<i>Apontamentos relativos à botânica applicados no Brasil</i>	Ladisláo Netto	Opúsculo de cerca de 80 páginas.		Fev 1871
<i>Grammatica Franceza</i>	E. Dupont	Gramática apropriada para entrar no conhecimento do língua.	Livraria na rua de Gonçalves Dias, nº 75, RJ.	Abr 1871
<i>Marcha Funebre</i>	T. J. P. de Serqueira	Em memória da falecida princesa Leopoldina.	Em casa do Victor Préalles, rua do Theatro, nº 17, RJ.	Abr 1871
<i>Methodo de Ahn</i>	H. A. Gruber	Ensino primário da língua inglesa.	H. A. Gruber, rua da Quitanda, nº 6, RJ.	Abr 1871.
<i>Os filhos da fortuna</i>	José Tito Nabuco de Araújo	Prólogo e três atos.		Abr 1871
<i>O conselheiro Gurgel</i>	Olegario Herculano de Aquino e Castro	Biografia do conselheiro Gurgel.		Abr 1871
<i>Uma Conferência político-moral</i>	José Ferrari	Brochura cerca da causa primária dos males políticos.		Abri 1871
<i>Manual de Chimica Agricola</i>	Auxiliadora da Industria Nacional			Mai 1871
<i>Escriptos de hontem</i>	Paulo Barros	Livro de prosa e verso. 2ª Edição.	Ceará	Mai 1871
<i>Versos</i>	Celso da Cunha Magalhães da Maranhão	Livro de versos.		Mai 1871
	Augusto Emilio Zaluar	Biografia da atriz Emilia Adelaide.		Mai 1871
<i>Rosas Loucas</i>	Carlos Ferreira	Volume de poesias.		Jun 1871
<i>Algumas idéias sobre a relação existente entre as epidemias e epizoocias</i>	Nicoláo Joaquim Moreira (médico)	Memória sobre a Academia Imperial de Medicia.		Jun 1871

<i>Ligeiras considerações sobre as verdadeiras causas do desgosto e depreciação das fileiras</i>	J. G.	Dedicado ao exército brasileiro.		Jun 1871
<i>Geometria Pratica</i>		Obra adotada para o ensino dos alunos do Imperial Lycêo.		Jun 1871
<i>Cantos Ephemeros</i>	Manuel Godofredo de Alencastro Autran		Pernambuco	Jun 1871
<i>Historia Sagrada</i>	Luiz pientzenauer	Para uso nas escolas primárias da província do rio de Janeiro		Jun 1871
<i>Compendio Elementar do Systema Metrico Decimal</i>	João Gregorio dos Santos	Livrinho digno de aprovação nas escolas, recomendado a Instrução Pública.		Jul 1871
<i>Estudos sobre a promoção nos exércitos</i>	S. D.	Folheto		Ago 1871
<i>O desengano</i>	Gomes de Souza	Romance.		Set 1871
<i>Maricota e o padre Chico</i>	J. S. Queiroga	Romance baseado em uma lenda em versos que cantam os barqueiros do rio S. Francisco.		Set 1871
<i>Devaneio de um Mineiro</i>		Narrativa em forma de poema e prosa.		Set 1871
<i>Supplemento ao dictionario de plantas medicinaes brasileiras</i>	Nicoláo Joaquim Moreira	Folheto		
<i>Alvoradas</i>	Benjamim Franklin	Volume de poesias.		Out 1871
<i>Mocidade de Trajano</i>	Sylvio Dinarte	Livro		Out 1871
	Theodoro Peckolt	Plantas alimentares do Brasil.	E. & H. Laemmert, RJ.	Nov 1871
<i>Batalha de Dorking</i>	Benjamim Disraeli	Publicação da obra em português.	E. & H. Laemmert, RJ.	Nov 1871
<i>Apontamentos para a história</i>	Luiz de Alvarenga Peixoto	Estudo biográfico de Visconde do Rio Branco.	Imperial Instituto Artístico, RJ. Preço 3\$000	Dez 1871 Jan 1872 Fev 1872 Mar 1872 Jun 1872
<i>A escola e o trabalho</i>	E. A. Zaluar			Dez 1871
<i>Primeiro livro da adolescência</i>	E. A. Zaluar (tradutor)	Opúsculo para uso nas escolas primárias.		Jan 1872

<i>Horas vagas</i>	Joaquim da Costa Ribeiro	Livro de 234 páginas de poesia. 2ª edição.	Imperial Instituto Artístico, RJ. Preço 3\$000	Jan 1872 Fev 1872 Mar 1872 Jun 1872 Jul 1872
<i>Proposta apresentada ao Governo Imperial e bases para a incorporação da Imperial Companhia Colonizadora de D. Pedro II</i>	Pedro José Pereira (engenheiro bacharel)	Imigração e colonização.		Jan 1872
<i>Noções de Prosodia e Orthographia</i>	Augusto Freire da Silva	Uso da infância que frequenta as aulas do 1º grau no Instituto Santista.		Fev 1872
<i>Biblioteca Romantica</i>	Mariano José Cabral (tradutor)	Este 1º volume contém romances de Visconde de S. Xavier e de D. M. Del F. Sinues de Março.		Fev 1872
<i>Demonstração da taboa das joias e das remissões de anuidades do Monte Pio Geral de economia dos Servidores d'Estado</i>	José Augusto Nascentes Pinto (bacharel em mathematicas)	Brochura		Mar 1872
<i>Nocturnos</i>	Luiz Guimarães Junior	Livro		Mar 1872
<i>O Adolescente, educado na bondade, sciência e insdustria.</i>	C. Cantú.	Instrui meninos e meninas. Repleto de máximas filosóficas e morais. Traduzido do italiano por uma menina brasileira.		Mar 1872
<i>Missão Saraiva</i>	José Antonio Saraiva	Todas as correspondências, documentos e notícias relativas à missão. Para a história pátria.		Abr 1872
<i>Cinco lições de Geologia</i>	José Saldanha	Brochura	Publicado pelos alunos da aula de mineralogia e geologia.	Abr 1872
<i>Das vantagens da vacinação</i>	Dr. Vintras, médico do hospital francês. Traduzido por Francisco de	Brochura que indica preventivos a varíola ou bexiga.		Abr 1872

	Salles Pereira Pacheco.			
<i>Alciones</i>	Carlos Ferreira	Volume de poesias		Abr 1872
<i>Ressurreição</i>	Machado de Assis			Jun 1872
<i>Vôos Icarios</i>	Rosendo Maniz		Imperial Instituto Artístico, RJ.	Jun 1872
<i>Camões e os Lusíadas</i>	Joaquim Nabuco		Imperial Instituto Artístico, RJ.	Jun 1872
<i>Mulher e esposa</i>	A. D. Pascual	Romance		Jul 1872
<i>Iridectomia</i>	Ataliba de Gomensoro.	Livro sobre a incisão de uma porção da Iris para substituir a pupila normal.	Imperial Instituto Artístico, RJ.	Nov 1872
<i>Arithmetica Elementar</i>	Miguel Maria Jardim	Folheto		Nov 1872
<i>Zahra</i>	Tito Nabuco de Araújo	Romance		Nov 1872
		Livro de fábulas para a infância e ilustradas com gravuras coloridas.	E. & H. Laemmert, RJ.	Nov 1872
<i>Aos meus meninos</i>	Augusto Marques de Maranhão	Contos para a infância.		Dez 1872
<i>Inocência</i>	Sylvio Dinarte			Dez 1872

3.3. Publicações: livreiros, tipógrafos, poetas, naturalistas e a mocidade esclarecida.

Como fica evidente nas tabelas anteriores, de 1865 a 1872, uma gama enorme de impressos de variados gêneros e formatos foi noticiada na *Semana Ilustrada*. Ainda tímida nos primeiros anos, foi a partir de 1868 que a seção ganhou expressividade maior na revista. Do total apresentado, 15% apenas referem-se aos anos 1865 a 1867, com o montante de citações aumentando de forma relevante a partir do fim da Guerra. Por certo a porcentagem aumentaria consideravelmente se fossem computadas as impressões de mapas, gravuras, roteiros e outros tipos de materiais relativos à Guerra do Paraguai, tema que atraía todas as atenções.

No entanto, não se pode perder de vista que houve impulso da imprensa no fim da década de 1860 e nos primeiros anos da seguinte, como sugere os dados da própria revista, uma vez que 77% das notícias referem-se ao período de 1869 e 1872, indício de que livros, folhetos, jornais e revista multiplicaram-se a partir de então. Tampouco não se pode descartar

o fato que os resultados podem derivar de uma subnotificação da revista em momentos anteriores, ou do fato de a abrangência geográfica haver se tornado mais ampla justamente nesse segundo momento.

Este foi o caso do livro *Cantos Efêmeros*, de Alencastro Autran, impresso em Pernambuco, e das *Poesias Líricas*, de Gomes de Souza, que saiu dos prelos da casa Camillo de Lellis Masson & C., com endereço na Bahia.¹⁹⁷ Entre as folhas periódicas, William Spaythe foi apresentado como o responsável pelo periódico londrino *Echo Americano*, que possuía belas gravuras da paisagem e da vida cotidiana no Brasil. Mencionou-se o *Almanack das Senhoras*, editado em Lisboa, e o periódico *Novo Mundo*, de Nova Iorque.¹⁹⁸ Apesar de a seção trazer informações sobre periódicos e livros impressos fora do Rio de Janeiro, a grande maioria das publicações citadas haviam sido impressas na cidade (88% contra apenas 12%).

Ao lado de revistas, jornais, oficinas tipográficas, editores, instituições, sociedades literárias e políticas, vários nomes importantes da história e da literatura brasileira foram citados na seção. Alguns compareceram em várias oportunidades, como foi o caso de Gomes de Souza, Tito Nabuco de Araújo, A. D. Pascual, Moreira de Azevedo, E. A. Zaluar e Nicoláu Joaquim Moreira. Entre esses, Machado de Assis foi citado em 1866, no qual foi a vez de *Os deuses da casaca*, seguido em 1870 de *Phalemas* e *Contos Fluminenses* e, ainda, do romance *Ressurreição*, em 1872. Sempre com sinete editorial do francês Garnier, as suas obras sempre mereciam muitos elogios da *Semana Ilustrada* que, em 1872, reservou espaço privilegiado para noticiar o mais novo livro do escritor:



¹⁹⁷ Ver: Publicação Literária. *Semana Ilustrada*, nº 407, p. 7, 27 de set 1868 e Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 549, p. 7, 18 de jun 1871.

¹⁹⁸ Essas seções foram publicadas em novembro de 1871, conforme se observa na tabela relativa aos periódicos.

Figura 50 – *Semana Ilustrada*, ano 12, nº 597, p. 8, 19 de maio 1872.

Machado de Assis
e algumas personagens do seu novo romance *Ressurreição*.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), A. D. Pascual foi igualmente figura importante na seção. Ainda que aparecesse como autor de *Morte moral* e de *Mulher e esposa*, Pascual destacou-se como historiador. Seus dois estudos nessa área foram impressos pelo Imperial Instituto Artístico e por Antônio Gonçalves Guimarães & Comp., com sede na Rua do Sabão, nº26. Em 1866, no fervor das duras batalhas contra o Paraguai, saiu a público, baseado em testemunhas orais e fidedignos documentos de bibliotecas e arquivos, o livro *Apuntes para la historia de la República Oriental del Uruguay* e, dois anos depois, *As quatro derradeiras noites dos Inconfidentes de Minas Gerais*, esta responsabilidade do Instituto Artístico, no valor de 2\$000.¹⁹⁹ Outras obras historiográficas também foram divulgadas na seção, como a *História do Brasil colonial* e *Os franceses no Rio de Janeiro*, ambas de Moreira de Azevedo.

O promotor José Tito Nabuco de Araújo foi outro que configurou entre os quatro autores mais noticiados na seção, com livros – um romance, uma peça teatral, seus discursos e uma biografia do general Maximiano Antunes Gurjão, todavia a maior atenção foi dedicada a *Máximas e Pensamentos*, que mereceu crítica mais detida. Segundo esta, o autor foi duramente repreendido pelas menções pouco abonadoras à Igreja, aos deputados, ministros e às mulheres, o que gerou indignação frente à obra e seu autor.²⁰⁰ Segundo a *Semana*, Tito deveria evitar a Rua do Ouvidor, pois não passaria ileso aos insultos, como sugere a caricatura:

¹⁹⁹ Ver: Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 272, p. 7, 25 de fev 1866 e Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 388, p. 7, 17 de maio 1868.

²⁰⁰ Moleque. O Dr. José Tito Nabuco de Araújo, primeiro promotor público e a sua brochura *Máximas e Pensamentos*. *Semana Ilustrada*, nº 527, p. 2/3, 15 de jan 1871.



Figura 51 – *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 527, p. 8, 15 de nov 1871.

O Dr. José Tito Nabuco de Araújo
1º PROMOTOR PÚBLICO
e a sua brochura, intitulada: *Máximas e Pensamentos*. (Vide o texto)

Ainda no que concerne às publicações de teor político social, João Máximo Garcia Maciel Aranha de Souza e Castro foi responsável pela obra *Reflexões a bem do engrandecimento do Brasil*, em grande parte dedicada a analisar os males do Exército e da Marinha, mas que incluía também capítulos como: eleição direta, Instrução Pública, Câmaras municipais, clero, mendigos e dívidas ao estrangeiro. Ao comentar sobre o regime de fiscais da cidade, a *Semana* utilizou-se de passagem do livro que expressava parte das críticas que a própria revista fazia às condições urbanas vigentes na cidade:

Lá o diz o Sr. Castro:

“As ruas estão intransitáveis; ninguém pode andar nos passeios porque neles transitam os ganhadores que é mais fácil abalroarem a cara dos tranzeuantes com gamelas, caixinhas, cestos e barris, e até cadeira, e grupos de pretos parados às portas das vendas”.²⁰¹

Note-se que, na grande maioria das vezes, a seção limitava-se a dar uma breve notícia do livro lançado e, em ocasiões mais raras, fez uma análise efetiva da obra, como nos dois casos citados, ora para concordar e endossar as ponderações do autor ora para expor a má recepção. Nesses casos, a imagem era mobilizada para reforçar a apreensão dos responsáveis pela revista.

²⁰¹ Dr. Semana. Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 535, p. 2/3, 12 de mar 1871.

Os romances, livros de contos, volume de poesias e outros do gênero da arte literária compunham parte mais significativa da seção (40%), contra os 9% dos trabalhos de conotação sócio política, a exemplo das comentadas acima. O leque era variado, com os 51% restantes se dividindo entre temáticas das mais variadas, entre elas a história. Apesar de exibirem percentuais menores, não deixam de ser reveladoras para uma pesquisa que se interessasse em acompanhar, de maneira sistemática, o universo dos impressos em circulação no período.

Algumas obras divulgadas em *Publicações* expressavam o interesse, tão marcante no século XIX, pelas exposições, museus, coleções botânicas e zoológicas e as expedições dos naturalistas pela América, África e Ásia.²⁰² Nesse sentido, a viagem de exploração entre os rios Taguay e Aquidauna deram origem às obras *Cenas de viagem*, de Alfredo d'Escagnolle Taunay, e de outra jornada a publicação, com mais de 400 páginas e muitas estampas, de Joaquim Ferreira Moutinho, que explorou a província de Mato Grosso e chegou até São Paulo.²⁰³ Publicações desta natureza contavam com os favores do público, interessado em acompanhar por roteiros, mapas e pranchas de plantas e animais exóticos, a exploração de espaços ainda não ocupados pela “civilização”, para retomar um termo da época. Mas não apenas o distante compôs o rol desse tipo de impressão, como parece indicar outra obra de Moreira de Azevedo, *Pequeno panorama ou descrição dos edifícios da cidade do Rio de Janeiro*, que, segundo a *Semana Ilustrada*, estava no quinto volume.²⁰⁴ Ainda que apresentem distinções, esses trabalhos recorriam muito às gravuras e ilustrações assim como, inevitavelmente, o álbum de fotografia da última exposição nacional dos fotógrafos Barbosa & Lobo, com endereço na Rua do Ouvidor.²⁰⁵

Além da divulgação do trabalho impresso, realizado pelo estabelecimento tipográfico dos fotógrafos Barbosa & Lobo, muitas outras oficinas de impressão da corte foram mencionadas na seção. Dentre as publicações aí presentes, em média um quinto trouxe alguma informação referente ao local e/ou região de circulação, impressão ou venda. Desses, um terço era de anúncios do próprio estabelecimento de Fleiuss, além, por exemplo, dos localizados na Rua da Quitanda, as livrarias de H. A. Gruber, nº 6 e a de Brandão, nº 70; enquanto na Rua da Assembleia, nº 60 situava-se o estabelecimento do famoso artista plástico e caricaturista Sebastien Auguste Sisson. No entanto, nenhum livreiro e/ou tipógrafo foi mais

²⁰² MCCLINTOCK, Anne. *Op. Cit.*, p. 189.

²⁰³ Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 402, p. 7, 23 de ago 1868; Notícia. *Semana Ilustrada*, nº 437, p. 7, 25 de abr 1871.

²⁰⁴ *Semana Ilustrada*, nº 351, p. 7, 1 de set 1867.

²⁰⁵ Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 333, p. 7, 28 de abr 1867.

citado do que Garnier e Laemmert. Sempre com rasgados elogios, como aconteceu em relação à obra de Joaquim Nabuco impressa por Garnier, no qual o comentário elogiava por ser “nitidamente impresso”, ou, com o belo livro de fábulas com gravuras coloridas vendido na tipografia dos Srs. E. H. Laemmert.²⁰⁶ Além de propagandear a obra, a *Semana Ilustrada* enaltecia esses empreendedores do impresso:

Há tantos anos que estes incansáveis cavalheiros tomam entre os editores desta corte um dos primeiros lugares, que não nos é possível dizer mais deles do que já disse a imprensa toda do Império: são verdadeiros beneméritos da pátria, que contribuem para a instrução em alta escala pelas publicações científicas e literárias, e a quem os pais de família devem eterna gratidão.²⁰⁷

O elogio a Laemmert ou a divulgação, com observações favoráveis, da obra *O tratado da cana de açúcar*, de Alvaro Reynoso, impresso na sua tipografia por ordem do Ministério da Agricultura, evidenciam os interesses e as relações políticas mantidas por Fleiuss.

Eduardo Larmmert nasceu no Grão-Ducado de Baden, mas viveu e trabalhou no Rio de Janeiro como livreiro e tipógrafo desde 1828. Em 1838, junto com seu irmão Heinrich, fundou a Tipografia Universal.²⁰⁸ Nas décadas anteriores, eles fizeram parte dos tipógrafos, livreiros e autores que impulsionaram o mercado impresso no país, como Heaton e Rensburg, Steimman, Victor Lareé, Briggs, Paula Brito e Araújo Porto Alegre, quando a arte de gravar ainda dava seus primeiros passos, tanto quanto a formação da identidade nacional. Apesar de o momento ser bem distinto, observa-se que Fleiuss buscava conservar antigas relações com indivíduos que, assim como ele, vieram da Europa para construir suas vidas e desenvolver seus ofícios nos trópicos. Muitos desses artistas, editores, tipógrafos e empreendedores vivenciaram os agitados momentos do Primeiro Reinado e da Regência, acompanharam a coroação de d. Pedro II, um amigo declarado do progresso das artes literárias, gráficas e artísticas do país. A seção Publicações da *Semana* não se constituía uma cancha de publicidade, no sentido de venda de espaço mediante pagamento, mas foi utilizada algumas vezes como uma via para cultivar e manter afinidades pessoais, profissionais e políticas de Henrique Fleiuss, que poderiam ser cultivadas por meio do que escolhia dar a conhecer na seção de sua revista.

²⁰⁶ O texto exaltava o escritor e seu opúsculo em francês *Le droit au meurtre*, pedindo para o público saldar “com abundância d’alma o jovem escritor brasileiro”. *Le droit au meurtre*. *Semana Ilustrada*, nº 625, p. 7, 1 de dez 1872.

²⁰⁷ Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 624, p. 7, 24 de nov 1872.

²⁰⁸ Em 1859, com sede na Rua dos Inválidos, a Tipografia Universal contava com 120 pessoas e imprimia mil folhas por dia; na encadernação, 50 trabalhavam e cinco mil livros eram encadernados por mês. Em 1862 a tipografia recebeu visita ilustre do Imperador e seu grande sucesso também era devido à publicação do *Almanaque Laemmert* (1844/1930). COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012, p. 167

A tabela evidencia que a maior parte dos títulos e autores presentes na seção *Publicações* era de livros, romances e estudos políticos, científico e escolares, ou seja, publicações não periódicas. No entanto, entre os jornais e revistas mencionados, 30% eram de periódicos que tratavam de temas variados, como *O Asmodeu Brasileiro*, anunciado em 1865 e descrito como jornal variado, ou a *Revista Fluminense*, semanário noticioso, literário, científico e recreativo de propriedade de Orsini Grimaldi Pereira do Lago.²⁰⁹ Já o *Correio do Brazil*, “jornal do comércio, da lavoura e da indústria”, mereceu estampa nas páginas da *Semana*:



Figura 52 – *Semana Ilustrada*, nº 576, p. 8, 24 de dez 1871.

O Correio do Brazil
Jornal do comércio, da lavoura e da indústria.
- Away! Away!

Outra parcela (20%) dos periódicos foi descrita como “político literário”, a exemplo d’*A Lanterna Independente* e *A crença*.²¹⁰ Em 1871, foi a vez da folha quinzenal baiana *O Abolicionista*, publicação da sociedade libertadora Sete de Setembro, e do periódico *A República*, publicado no Rio de Janeiro. Essas publicações revelam o ecletismo da seção que, apesar de reafirmar laço políticos profissionais antigos, não se absteve de dar a conhecer

²⁰⁹ Publicações novas. *Semana Ilustrada*, nº 234, p. 7, 4 de jun 1865; Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 414, p. 7, 15 de nov 1868.

²¹⁰ Annuncios. *Semana Ilustrada*, nº 257, p. 7, 12 de nov 1865; Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 365, p. 7, 8 de dez 1867.

publicações com posicionamentos políticos contrários à escravidão e à continuidade da monarquia.²¹¹ Não obstante, nenhuma parcela desfrutou de maior prestígio na *Semana Ilustrada* do que os periódicos organizados por jovens estudantes ou instituições de cunho científico. De fato, a *Semana Ilustrada* deu espaço privilegiado para as publicações que estavam em sintonia com suas próprias crenças, ou seja, a fé nas leis naturais, nas ciências e na importância indiscutível para a nação de uma “mocidade estudiosa”.

Ao escrever sobre *O Futuro*, uma nova folha hebdomadária de notícias, ciência, política e literatura, redigida por H. de Carvalho, o texto da seção enfatizava que se tratava de “jovens acadêmicos de talento e ilustração”. Com palavras eloquentes, acreditava-se que as academias eram o porvir da pátria e não haveria nada mais esperançoso do que o surgimento de um novo talento. Revelando inspiração na ilustração francesa do século XVIII, para o autor da *Semana* a juventude estudiosa lançaria a luz das verdades eternas e formaria uma nova aristocracia, na qual o saber e a virtude predominariam.²¹² Apesar de não se enquadrar propriamente na tipologia das publicações científicas, as palavras de consagração para com os “jovens acadêmicos de talento e ilustração” demonstram certo deslumbramento, recorrente na *Semana Ilustrada*, diante dos indivíduos e instituições responsáveis por impressos de caráter científico. Elogiadas e destacadas como publicações de valor incomensurável, os jornais e revistas científicas e literárias responderam por 22% dos títulos presentes na seção.

Além dos que encabeçavam a revista *O Futuro*, publicações de outros jovens ilustrados receberam a atenção da *Semana Ilustrada*. Em 1871, era publicado em São Paulo o pequeno jornal *A Nuvem*, recomendado pelo estilo e elegância e uma bela prova do entusiasmo e dedicação ao estudo da ciência da presente geração, na avaliação da revista.²¹³ Em junho do mesmo ano, os leitores foram informados de que chegara da Bahia o primeiro número d’*A nova era*, periódico mensal científico e literário, sobre os cuidados de Romualdo Maria de Seixas Barroso e dos redatores Costa Barros e Barrozo de Souza, para o qual se vaticinava um grande sucesso.²¹⁴ Percebe-se que a divulgação feita nas páginas da *Semana era* apreciada, tanto que as novas publicações eram enviadas para a redação, certamente com a expectativa de ver o título anunciado na seção. Ao mesmo em tempo que dá as boas vindas ao novato – e desta forma legitima a publicação recém-lançada – é a própria *Semana* que também sai legitimada do empreendimento, numa via de mão dupla.

²¹¹ Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 558, p. 7, 20 de ago 1871; Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 560, p. 7, 3 de set 1871.

²¹² O futuro. *Semana Ilustrada*, nº 449, p. 7, 18 de jul 1869

²¹³ Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 551, p. 7, 2 de jul 1871.

²¹⁴ Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 550, p. 7, 25 de jun 1871.

Além dos impressos da “estudiosa geração”, instituições também eram saudadas. Em 1869, na divulgação do primeiro número do segundo tomo da *Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro*, tendo à frente “o ilustrado redator” J. A. Manso Sayão, lia-se: “Não precisa gastar encômios com uma publicação desta natureza; a sua valia está indicada no título da sociedade, que é uma das primeiras desta corte e do Brasil”.²¹⁵ Dentro as publicações de tal gênero, mereceram particular destaque as provenientes de estudos botânicos, biológicos e agrícolas. Como evidência de credibilidade e importância que tais publicações tinham, a *Semana Ilustrada* chegava a gravar em folhas avulsas, como complemento para a edição, o retrato do autor do estudo comentado na edição, como foi o caso, em mais de uma oportunidade, da *Revista Agrícola*, particularmente saudada no semanário.

Ainda no final da década de 1860, divulgava-se que, a mando do Imperial Instituto de Agricultura, Miguel Antônio da Silva seria o responsável pela *Revista Agrícola*, a ser lançada em primeiro de outubro.²¹⁶ Algum tempo depois, afirmava-se que a revista prestava grande serviço à lavoura e defendia-se a necessidade de a publicação ser mensal e não trimensal. Ao exaltar as qualidades de Miguel Antônio da Silva, conhecedor de Botânica, Agricultura, Geologia, Geografia e Etnografia, o texto informava que o retrato do ilustre brasileiro acompanhava a edição. O grande objetivo da folha agrária, segundo a *Semana*, era fazer com que os lavradores interessassem pelas modernas invenções da cultura do solo, pelas máquinas, processos de produção e, ainda, fornecer aos fazendeiros ilustrações das máquinas e ferramentas visando possibilitar a assinatura, que era de 6\$000 por ano. No texto, pedia-se ao governo que auxiliasse “com todos os meios a *Revista Agrícola* para torná-la uma obra digna do Brasil”.²¹⁷ Em outro número, d. Pedro II era declarado protetor da publicação e a *Semana* não se furtava a enfatizar a importância da revista, vista a precariedade da agricultura brasileira, que dependia exclusivamente da riqueza do solo. Diante das adversidades e da importância das inovações, o texto reafirmava: “Porque não aumentará o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura a verba para tornar esta revista mensal, e por isto sempre mais interessante e vantajosa?”.²¹⁸

No século XIX, a grande difusão dos impressos contribuiu para a institucionalização das ciências, tanto na operação da regulação interna das comunidades científica, como para

²¹⁵ Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 451, p. 7, 1 de ago 1869.

²¹⁶ Ao público. *Semana Ilustrada*, nº 457, p. 7, 12 de set 1869.

²¹⁷ *Revista Agrícola* do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. *Semana Ilustrada*, nº 557, p. 3, 12 de ago 1871.

²¹⁸ Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 560, p. 7, 3 de set 1871.

angariar apoio social.²¹⁹ Mesmo pertencendo a um gênero da imprensa bem distinto, a *Semana Ilustrada* pode ter ajudado nesse processo, visto as várias divulgações de estudos, obras e periódicos científicos que a revista realizou. Sem esquecer as “artes civilizatórias”, com as atrizes, atores e músicos e, ainda, os novos poemas, romances e periódicos literários, a revista parecia convencida de que a pregação da ciência, nos campos, nas cidades e na sociedade brasileira em geral, era o fundamento para que o país marchasse em direção do progresso e da civilização. A crença estava claramente nas “sólidas e duradouras” vitórias da ciência, menos ruidosas do que as outras, mais efetivas na perspectiva da revista e seus responsáveis.²²⁰

No compito geral (periódicas e livros), a produção literária ainda despontou como a mais relevante em termos numéricos, especialmente na corte. No entanto, as publicações de teor científico, médico e histórico/biológico formam o segundo maior grupo, com quase 20%. Apesar de seu estilo jocoso humorístico, a *Semana* incentivou e propagou as *ciências* no país, assim, não foi coincidência que o autor com maior número de trabalhos divulgados na seção *Publicações* tenha sido o médico Nicolau Joaquim Moreira.

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Membro da Academia Imperial de Medicina, Nicolau Joaquim Moreira atuou em cargos importantes no hospital militar, no Museu Nacional e no Jardim Botânico. Conselheiro do Imperador e docente no Museu Nacional nas décadas de 1870 e 1880, foi um defensor da abolição imediata da mão de obra escrava, menos por motivos humanistas e mais por questões econômicas, uma vez que defendia a utilização de máquinas e a profissionalização da agricultura.²²¹ Ainda no final da década de 1860, a seção citou duas vezes o nome do médico, uma a propósito da publicação, em forma de folheto, de estudo sobre vacina e outra sobre o manual de química agrícola.²²² Veemente adversário da imigração chinesa para a lavoura, em 1870 a *Semana* informava que a publicação do seu discurso na sessão da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional,

²¹⁹ FERREIRA, Luis Otávio. *O nascimento de uma instituição científica – o periódico médico da primeira metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH/USP, 1996. Apud: GONDRA, José Golçalves & SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 138.

²²⁰ O Sr. Dr. Ladislão Netto. *Semana Ilustrada*, nº 530, p. 7, 5 de fev 1871.

²²¹ Ver sobre CARULA, Karoline. Nicolau Joaquim Moreira e as questões raciais da imigração. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal, RN. *Anais...* Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364576007_ARQUIVO_ANPUH2013.pdf. Acesso em: 23 de out. 2014 e LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). RJ: Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2005.

²²² Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 375, p. 7, 16 de fev 1868; O Dr. Nicolau Moreira. *Semana Ilustrada*, nº 471, p. 7, 19 de dez 1869.

*Convirá ao Brasil a importação de colonos Chins?*²²³ No mesmo ano ainda, veio à luz seu vocabulário de árvores de extração de madeira e, em 1871, o estudo *Algumas ideias sobre a relação existente entre as epidemias e epizootias*.²²⁴

Outro homem da ciência prestigiado na revista foi J. Barbosa Rodriguez, cuja gravura avulsa foi publicada por ocasião da divulgação do seu *Iconographia das Orchideas do Brasil*. Para a *Semana*, a obra estava entre as mais importantes que haviam surgido no país e, por isso, chamava-se a atenção, mais uma vez, do S. M. o Imperador, que teria entusiasmado Barbosa Rodrigues a continuar com a organização e classificação das plantas. Moço modesto, mas ilustrado, seu estudo, segundo a *Semana*, o fazia merecedor das auréolas destinadas aos sábios do velho continente, porque nele encontrariam um companheiro dos estudos da natureza. Além do autor, a obra deveria fazer conhecido o Brasil na Europa, pois mostraria “a imensa fertilidade da nossa pátria o alto grau de ciência e civilização da nossa estudiosa mocidade, e ao mesmo tempo a altura em que se acham as artes, pela reprodução e impressão dos quadros”.²²⁵

Como vitrine de uma *maison* na Rua do Ouvidor, a *Semana Ilustrada* expunha os novos impressos que estavam à disposição do leitor em casas comerciais, livrarias e tipografias. Ao informar sobre as novidades literárias, políticas e científicas, tal iniciativa parecia anunciar, ou pelo menos estimular, a modernidade, o avanço de ideias sãs, pautadas na ciência e nas artes civilizatórias, espalhadas para toda a sociedade. A vulgarização dessas obras significava o próprio progresso, já que graças às revistas, jornais, livros e dos estudos sobre agricultura, indústria e ciências a *Semana* espelhava o avanço da nação em direção à civilização.

Desde os primeiros números da revista, as ditas “as artes civilizatórias”, expressão essa muito usada pelo periódico, foram sempre apresentadas como armas no combate à incivilidade e à imoralidade, no entanto, no fim da década de 1860, outras esperanças ganhavam força para nos colocar na senda do progresso. Diante do relevante número de impressões de cunho científico divulgado, assim como a importância dos nossos autores, ficava evidente que a *Semana Ilustrada* acreditava nos estudos, nas academias, nas novas gerações de estudiosos e, sobretudo, na *ciência* como instrumento que resolveria os problemas do país e do Rio de Janeiro, que ela não se cansava de denunciar desde o início da década de 1860.

²²³ *Semana Ilustrada*, nº 513, p. 7, 9 de out 1870; Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 548, p. 7, 11 de jun 1871.

²²⁴ Publicação. *Semana Ilustrada*, nº 375, p. 7, 16 de fev 1868.

²²⁵ Orchideas do Brasil. *Semana Ilustrada*, nº 552, p. 6, 9 de jul 1871.

A *Semana* enalteceu, constantemente, a aristocracia dos jovens acadêmicos, na qual depositava as esperanças para o futuro da pátria. Parece evidente que o labor e estudo dos novos moços eram uma prova da inflexão na história de incivilidade e atraso da sociedade escravista do país, daí a inquietação com a formação de novos talentos e do seu pressuposto, a educação. Mais do que uma ideia vaga da revista, alguns dos próprios livros e periódicos mencionados tratavam, além da literatura, engenharia ou botânica, da questão da instrução. Nessa vitrine dos impressos que foi a revista ilustrada de Henrique Fleiuss, dedicou-se atenção à infância, à adolescência e ao ensino nas escolas. Não por acaso, mencionou-se na seção o *Compendio da Historia do Brazil contada aos meninos*, de Estácio de Sá, a *Geometria Pratica*, adotava para o ensino no Imperial Lycêo e o igualmente digno de aprovação nas escolas, *Compendio Elementar do Sistema Métrico Decimal*, de João Gregório dos Santos.²²⁶

É evidente que há intenções no ato de selecionar o que e como divulgar. Nesse contexto, não surpreende que a revista como um todo tenha acolhido em suas páginas, com grande frequência, termos como *instrução do povo*, *senso comum*, *opinião e instrução pública*. Se os estudiosos, os artistas, as artes e a *ciência* eram os elementos que potencializariam o progresso da nação brasileira, a criação de escolas e colégios internos era o meio necessário para chegar a realizar o que se propugnava. Não bastava levar ao conhecimento do público novos estudos, mas multiplicar a abertura de escolas e colégios, públicos e particulares, ou seja, a formação escolar, o conhecimento e difusão da instrução era parte integrante do projeto político que pretendia fazer “desabrochar” um povo.

²²⁶ História do Brasil *Semana Ilustrada*, nº 485, p. 7, 27 de mar 1870; Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 549, p. 7, 15 de jun 1871; Publicações. *Semana Ilustrada*, nº 555, p. 7, 30 de jul 1871.

CAPÍTULO 4

DEZ ANOS DEPOIS: A *SEMANA ILUSTRADA* NA DÉCADA DE 1870

Nos últimos anos da década de 1860, a Guerra contra o Paraguai parecia não mais seduzir o público da corte como antes. O Sr. Brasil, personificação da nação nas caricaturas da *Semana Ilustrada*, não escondia a detestável condição em que se encontrava depois de quase cinco anos de conflito. A campanha conseguiu a derrota do inimigo e a morte de Solano Lopez, porém os déficits econômicos e o alto número de mortos e inválidos pareciam manchar a vitória. Se, no Paraguai, o Brasil estava prestes a capturar o líder militar e selar o fim do sangrento conflito, a *Semana Ilustrada* abria fogo contra o clericalismo e os padres do periódico católico *O Apóstolo*. Por zombar de símbolos sagrados da Igreja, as caricaturas retratavam o Dr. Semana amarrado e sendo queimado pelo fogo da Inquisição, forte e clara alusão à cruzada da publicação contra o poder dos clérigos.

Em 1870, a *Semana Ilustrada* continuava a abrigar em suas páginas o irônico *slogan* para a situação urbana da corte: “Viva a Municipalidade”. As críticas e sugestões à administração pública continuavam, ou seja, clamava-se pela melhoria da eficiência dos serviços dos guardas e fiscais diante das águas paradas, dos animais mortos e dos quarteirões infectados. Depois dez anos de circulação, crescia as referências na *Semana Ilustrada* às demais províncias do Império, com a reprodução de notas publicadas em jornais de Pernambuco, Bahia e Pará e mesmo do exterior. Longe dos longos balanços políticos ou das críticas teatrais e literárias, tratava-se de conteúdo que surpreendia os moradores e que, possivelmente, eram repetidos e comentados, pois registravam casos singulares, curiosos e inusitados. Esse material perfazia um longo percurso, de citação em citação em diferentes impressos, até virar notícia no Rio de Janeiro.

As crônicas a respeito do *elemento servil* e do Gabinete Rio Branco também invadiam a folhinha, que não deixava de tratar da questão mais candente da época, o fim do regime escravista, que abria outro desafio, a *instrução do povo*. A *Semana* claramente sempre apostou em instituições que julgava capazes de promover as ciências e as “artes civilizatórias”, como teatros, academias, faculdades, instituições e escolas científicas, porém, nessa época outras prioridades vieram à tona, como a educação de base, a construção de colégios e de escolas. Sem abandonar o seu compromisso com o cotidiano da corte, o Dr. Semana e o Moleque continuavam sendo caricaturados na cidade, no qual agora as ruas e passeios concorriam com os bondes, o Alcazar, as peças cômicas do Teatro Ginásio, os banhos de mar e as idas e vindas aos *vaudevilles* e operetas. Espaços interativos da urbe que pareciam estar sendo disputados por uma parcela maior da sociedade.

4.1 O Sr. Brasil na Guerra do Paraguai.

Na edição de boas vindas da revista *Semana Ilustrada* para o ano de 1865, o Dr. Semana e o Moleque acompanhavam a partida da embarcação que levava os soldados do Império para o mais longo e sangrento combate armado da história da América Latina, a Guerra do Paraguai. No final de 1864, o Paraguai invadiu as províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e Mato Grosso e, em maio de 1865, Argentina, Brasil e Uruguai selaram o Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai de Solano Lopez, que decidira aumentar sua autoridade sobre a região da Bacia do Prata.

Depois de prolongado isolamento comercial, o Paraguai abriu-se para o mercado na década de 1850, com grandes áreas de produção agrícola, fluxos de imigrantes, importação e exportação de mercadorias e iniciativas industriais. Nesse quadro de ascensão, o general Solano Lopez herdou o comando de seu pai e conduziu política externa com aspirações de equiparar forças com os seus vizinhos. Antes de culpar a Grã-Bretanha e os aspectos econômicos internacionais como grandes responsáveis pelo conflito, a historiografia atual procura explicar as causas do conflito no próprio desenvolvimento geopolítico da região, tais como questões de fronteiras, navegação e portos e nas contradições platinas, que envolviam a consolidação dos Estados nacionais.²²⁷

No segundo semestre de 1864, diante de tomada de posições distintas frente os combates políticos entre *blancos* e *colocados* no Uruguai, forças paraguaiaias intervieram e prenderam a embarcação brasileira *Marquês de Olinda*, o que deu início ao conflito. Diante das grandezas populacionais e econômicas dos países envolvidos, esperava-se uma ação militar forte, rápida e vitoriosa contra um líder de uma região historicamente sem grandes recursos, apresentado como autoritário.

²²⁷ Entre os novos estudos, destacam-se: DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a charge como uma arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009, p. 144/145.



Figura 53 – *Semana Ilustrada*, ano 4, nº 212, capa, 1 de jan 1865.

O EMBARQUE DOS SOLDADOS PARA O SUL.

O ADEUS DO DR. SEMANA

- Adeus, bravos soldados! Parti gualhardamente e voltaí coroados pela Glória!

Já no final do ano, as caricaturas de caráter ufanista começaram a proliferar, como se observa na *Semana Ilustrada*, n' *O Arlequim*, n' *A Vida Fluminense* e, também, no *Paraguai Ilustrado* (1865), folha que surgiu para responder ao interesse por informações sobre o conflito. Exceção feita ao *Ba-Ta-Clan* (RJ, 1867/1872), publicado em francês e que não deixou de criticar as posições assumidas pelo Brasil na Guerra, as revistas ilustradas da corte insistiram a respeito do inimigo bárbaro, irracional e sem escrúpulo e enalteciam a “missão civilizadora da liberdade e da nobreza de pensamento” frente a uma “nação primitiva e escravizada por um déspota,” para retomar os termos da época.²²⁸

A fim de suprir o público fluminense com notícias de guerra, a *Semana Ilustrada* providenciou correspondentes, entre os quais estavam Joaquim José Inácio, futuro Visconde de Inhaúma, Antônio Luiz Von Hoonholtz, futuro Barão de Tefé, Alfredo d'Escagnolle Taunay e Secundino de Gomensoro.²²⁹ A exemplo da *Semana*, outros periódicos, como *A*

²²⁸A posição do *Ba-ta-clan*, que chacoteava, por exemplo, a ineficiência dos exércitos da Tríplice Aliança, talvez se explique pela posição da França que, frente ao apoio britânico, por meio de armas e materiais ao Brasil, Uruguai e Argentina, ficou ao lado do Paraguai. Ver: SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a charge como uma arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009, p. 144/145.

²²⁹ Idem, p. 42 e MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: Os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012, p. 152.

Vida Fluminense, publicavam imagens em que era evidente o empenho em dar conta das batalhas e movimentos das forças do exército, ainda que nada superasse o lugar ocupado por Solano Lopez. Adjetivado como *tirano cruel* ou *Mariscal*, mas também *doente*, *feroz*, *bárbaro monstro*, *déspota furioso e louco*, o líder paraguaio transformou-se na grande atração da imprensa ilustrada fluminense que, semanalmente, esforçava-se por animalizá-lo, transformando-o em cão, cavalo, pato, abutre e outros.²³⁰

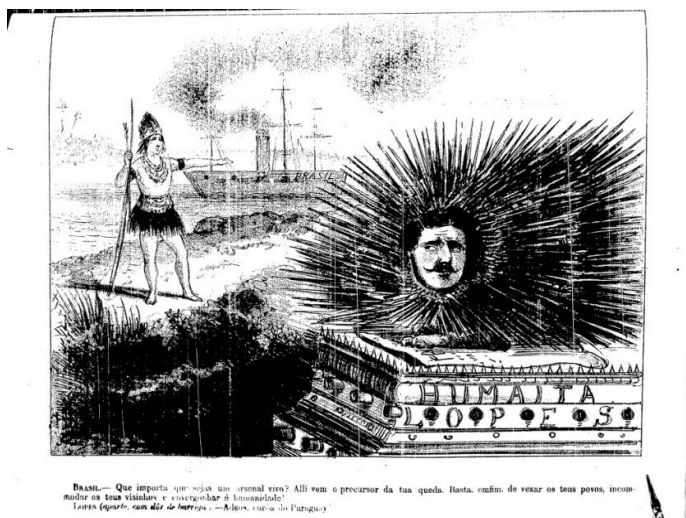


Figura 54 – *Semana Ilustrada*, ano 4, nº 225, p. 8, 2 de abr 1865.

Brasil. - Que importa que seja um arsenal vivo? Ali vem o precursor de tua queda. Basta. Enfim de vexar os teus povos, incomodar os teus vizinhos e incomodar à humanidade!

Lopes (aparte com dor de barriga) – Adeus, coroa do Paraguai.

A *Semana Ilustrada* apoiou a campanha pelos Voluntários da Pátria, acentuando a importância e glória da partida de civis, cativos e forros para os campos de batalha. No início, o clima era de confiança, otimismo e apoio quase incondicional ao Império, que não deveria recuar diante da ousadia de Solano Lopez. Frente às forças reunidas e ao pequeno conhecimento do que se enfrentaria, apostava-se numa vitória rápida contra a “selvageria” paraguaia. Todavia, apesar da superioridade naval e terrestre, o conflito prolongou-se por cinco anos, acarretando perdas de enormes contingentes civis e militares de ambos os lados. O passar dos anos e a demora na destruição de Solano Lopez fizeram com que a campanha se tornasse alvo de críticas.²³¹

²³⁰ SILVEIRA, Mauro César. *Op. cit.*, p. 112/113 e 132/133.

²³¹ A explicação para o prolongamento do conflito deveu-se ao fato de, após o primeiro ano, o Brasil ter enfrentado o Paraguai praticamente sozinho. O exército brasileiro sofria muitos problemas logísticos, de abastecimento e deslocamento, expondo o amadorismo dos comandantes brasileiros. Do outro lado, o Paraguai contou com excelentes defesas terrestres e fluviais, além da tenacidade dos habitantes, leais a Solano Lopez. À medida que o embate prolongava-se, a emoção patriótica foi cedendo lugar para dúvidas a respeito da conveniência do conflito, sustentado, até o final, pelo Brasil e pela firme posição do Imperador em caçar Lopez.

Em março de 1869, a nomeação do Príncipe Conde d'Eu para liderar as tropas no Paraguai gerou certo animo, como avaliou o então mensageiro de guerra, Visconde de Taunay:

Muito boa impressão a toda a nação causou o Decreto de 22 de março de 1869, nomeando o Conde d'Eu, comandante-em-chefe das forças em operações no Paraguai. Reanimou-se o espírito público, julgando-se próximo o término daquela guerra, que trazia o Brasil já tão cansado.²³²

Taunay reconhecia, portanto, que o Brasil mantinha a guerra, mas estava “cansado”. Três meses mais tarde, a sátira semanal do periódico de Henrique Fleiuss expressou a mesma preocupação de Taunay, ao apresentar um Sr. Brasil surrado e franzino, que precisava achar o fim da Guerra.



Figura 55 – *Semana Ilustrada*, nº 449, p. 8, 18 de jul 1869.

Viljoir: - VV. EExs. não me sabem dizer aonde é o fim da Guerra?

Guerreiro: - Anda sempre com este velho- ele o mostrará

Marinho:- o fim da guerra é laaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Na caricatura da *Semana*, o Sr. Brasil, que aparentava vir de uma difícil e longa jornada, pedia informação sobre a localização do fim da guerra para duas personagens e recebia resposta desanimadora, pois tinha diante de si caminho longo e estreito, o que talvez explique os olhos arregalados do extenuado e raquítico personagem. Note-se que a

Ver BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 166 e CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 106.

²³² TAUNAY, Visconde de. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 25.

personagem era acompanhada por um velho com uma foice apoiada nas costas e usando túnica, numa clara alusão à morte, que parecia ansioso por conduzir o Sr. Brasil por entre as montanhas. Na mão direita vê-se o clássico símbolo da morte e na outra a ampulheta, marca da inexorável passagem do tempo, compondo um conjunto pouco promissor para o desfecho da longa e custosa guerra.

O animo resultante da nomeação do Conde d'Eu parecia, três meses depois, ter ficado para trás, sobretudo quando se compara esta imagem do Sr. Brasil com a publicada em abril de 1865, no início da Guerra (ver Figura 2). Agora, com aparência suja, os cabelos compridos, o corpo franzino e o penacho desmanchado, a revista evidentemente expressava o desgaste resultante do conflito. Ao litografar um Sr. Brasil sem rumo, com apenas uma modesta trouxa amarrada numa vara, a *Semana* consentia a preocupação e a insatisfação com a campanha que, apesar de vitoriosa, deixava para a nação e o governo monárquico dura herança.

Depois de mais de cinco anos de batalha, finalmente Solano foi morto e o conflito declarado encerrado em março de 1870. Apesar de atingidos os objetivos, a Guerra do Paraguai consistiu num ponto de inflexão na trajetória do estado-monárquico brasileiro. Moralmente, a justificativa da luta contra a incivilidade de um suposto tirano, que escravaria seu povo, expôs as próprias contradições do Império, movido pelo braço escravo. Economicamente, os prejuízos foram enormes e agravaram, nas décadas subseqüentes, o já persistente déficit público, o que deu origem ao aumento de impostos, emissões de moeda e empréstimos internos e externos. Para Joaquim Nabuco e outros, a Guerra do Paraguai marcaria, ao mesmo tempo, o fim do apogeu e o início da decadência do Império.²³³

4.2 As Cruzadas da *Semana Ilustrada*.

Se, no final da década de 1860, o Brasil invadiu Assunção e marchou para a captura de Lopez, no Rio de Janeiro a *Semana Ilustrada* começava seu conflito particular. Em 1869, a revista ilustrada de Fleiuss envolveu-se em debates contra os jesuítas, a Igreja Católica e, principalmente, o periódico eclesiástico *O Apóstolo* (RJ, 1866/1901). Antes mesmo da Questão Religiosa, que a partir de 1873 mobilizou a imprensa fluminense, a *Semana Ilustrada* imprimia suas posições anticlericais e antecatólicas, numa conduta que a aproximava do protestantismo.

²³³ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 458/484; CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 106 e BETHEL, Leslie. *Op. cit.*, p. 168.

No início de julho de 1869, o cronista de *Badaladas* comentava sobre os incidentes que envolveram dois padres e asseverava que os religiosos pregavam com vocabulário inapropriado e espantavam as boas famílias. O autor afirmou que, caso conhecesse um padre assim, longe de insultá-lo, o abraçaria. A justificativa estava no fato de atitudes como estas desmoralizarem o clero, interessado em reintroduzir o jesuitismo no Brasil.²³⁴ A revista voltou à questão algumas semanas depois, como se vê na capa abaixo reproduzida.



Banquete da civilização.
Dr. SEMANA.—Ataca, moleque, ataca, que no banquete da civilização o melhor prato é uma espetada de jesuítas.

Figura 56 – *Semana Ilustrada*, n° 448, capa, 11 de jul 1869.

Dr. Semana. – Ataca, moleque, ataca que no banquete da civilização o melhor prato é uma espetada de jesuítas.

Vale lembrar que, no contexto da ilustração portuguesa, os jesuítas foram perseguidos e expulsos do Brasil e de Portugal pelo Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII. Quase cem anos depois, compartilhando da mesma opinião, a *Semana Ilustrada* não esquecia de saudar a medida do dirigente:

O Marquez de Pombal, que foi um dos primeiros estadistas da Europa, deu um golpe profundo nos filhos de Loyola, expulsando-os do território português.

Só por esse ato, há de estar vestido e calçado no reino do céu, onde bem poucos jesuítas hão de gozar da presença divina.²³⁵

Segundo o periódico, ao lado dos jesuítas, considerados responsáveis pela perda das noções de justiça e honestidade estavam os lazaristas, taxados de edições baratas dos primeiros.²³⁶

Além da crítica às ordens missionárias, em outubro do mesmo ano a *Semana* voltou-se diretamente contra o Vaticano. Dessa feita a crônica tratava do pedido de esmola procedente das autoridades eclesiásticas e que deveriam ser entregues no Concílio do Vaticano, a ser

²³⁴ Badaladas. *Semana Ilustrada*, n° 447, p. 2, 4 de jul 1869.

²³⁵ Pontos e vírgulas. *Semana Ilustrada*, n° 435, p. 2, 11 de abr 1869.

²³⁶ Idem

realizado ainda em 1869. A revista questionou artigo publicado no *Jornal do Comércio* sobre a modesta arrecadação obtida pelo Bispo do Rio de Janeiro, destacando que se tratava de quantia modesta e pouco honrosa a ser entregue ao Papa. Na visão do cronista da revista, a situação era bem outra, pois caso todos os padres levassem para a Roma soma semelhante, o resultado seria um valor exorbitante, pelo menos para o cidadão comum. O argumento prosseguia nos seguintes termos:

Justamente, porque o Cristo cujo é representante o Papa, disse aos seus apóstolos que abandonassem os bens da terra pelo do céu (S. Mateus, cap. VI, v. 19, 20 e 24). Aos que se afadigam pelos bens da terra chama Jesus Cristo de *homens de pouca fé*.²³⁷

O autor aproveitou a oportunidade para tecer observações a respeito do comportamento de representantes da Igreja pelo país a fora. No interior do Ceará, o alferes de certo destacamento fora vítima do padre Ibiapina, que incitava o povo da região a linchar os que tinham relações extraconjugais, enquanto a diocese de Pernambuco desfrutava de prestígio em Roma graças à prática da *rolha eclesiástica*, ou seja, o cerceamento à liberdade de expressão. No Pará, por seu turno, o que estava em questão eram as práticas de padres que tratavam seus escravos por meio de pancadas, cordas e troncos, enquanto no Rio Grande do Sul o padre Nicoláo Galiote teria fugido para Montevidéu com as esmolas doadas para a Igreja.²³⁸

Não admira que a folha de Fleiuss tivesse problemas com o semanário religioso *O Apóstolo* que, segundo Werneck Sodré, tampouco poupava críticas às revistas ilustradas.²³⁹ Vale acompanhar o tom das disputas, pois enquanto Fleiuss ressentia-se do fato de a oponente afirmar que a *Semana* “morreria assada de vergonha” depois de ver a bela festa de procissão de Nossa Senhora, Fleiuss acusava o inimigo de herético e excomungado por tratar a Virgem como uma deusa. Com ironia, a *Semana* voltava-se para um dos maiores símbolos católicos, a Virgem Maria e afirmava que se ela oferecesse a salvação, Deus não passaria de um rei constitucional, que reinaria, mas não governaria.²⁴⁰

No início de dezembro, em outro número que dedicava quase a metade ao embate com a folha inimiga, reproduziram-se os termos nos quais *O Apóstolo* respondeu à *Semana*

²³⁷ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 463, p. 2, 24 de out 1869.

²³⁸ Idem, p. 2,3 e 6.

²³⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 216. Sobre a revista, ver: PINHEIRO, Alceste. *O Apóstolo*, ano I: a auto compreensão de um jornal católico do século XIX. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO REGIÃO SUDESTE, 14, 2009. Rio de Janeiro, RJ. Anais... Rio de Janeiro, RJ, Intercom, maio. 2009. p. 1-12. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0018-1.pdf> >. Acesso em: 20 ago. 2014.

²⁴⁰ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 471, p. 2, 19 de dez 1869.

Ilustrada, que se declarava não uma inimiga, mas antes conselheira. “Os padrecos do *Apóstolo*”, termo bem pouco simpático, eram acusados de não colocar em prática suas próprias máximas – mansidão à injúria, o amor ao ódio – antes assumindo a postura de ministros da guerra ao atacar o semanário do Dr. Semana, referindo-o como: “infâmias nojentas”, “animalejos de imprensa”, “moita de desprezo”, “malucos”, “caranguejos”, “nojentas caricaturas”, “imundos escarros”, “baba impura”, “infames pasquins”, “chafariqueiro”, “insigne mentiroso” e outros.²⁴¹

Na disputa cada vez mais acirrada, a *Semana Ilustrada* classificou a publicação católica como hipócrita, repressiva e intolerante e publicou caricatura na qual o Dr. Semana era queimado pelo fogo da inquisição, aceso pelos padres d’*O Apóstolo*.



Figura 57 – *Semana Ilustrada*, nº 469, p. 5, 5 de dez 1869.

Auto-da-fé

“Ao fogo!” gritam os padrecos do *Apóstolo*. E o infeliz, no meio das chamas, ouviu este coro em voz roufenha: *Et plebs tua loetabitur in te.*

Ao colocar seu personagem símbolo amarrado na fogueira feita pelos padres d’*O Apóstolo*, a *Semana Ilustrada* apresentava-se como vítima da intolerância e apelava para o passado de séculos da instituição, clara tentativa de desqualificar o interlocutor e reafirmar que a intransigência, tirania, violência e atraso seguiam como marca distintiva da Igreja. Nas questões propriamente teológicas, os grandes temas que suscitavam a indignação da *Semana* eram a infalibilidade do papa, a grande adoração pela Virgem e a riqueza e ostentação do Vaticano. No entanto havia outras áreas nas quais o debate se insinuava.

²⁴¹ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 469, p. 2/3, 5 de dez 1869.

Para os que defendiam as reformas urbanísticas, então associadas à higiene e à moralização dos costumes, a religiosidade popular católica era vista como mais um elemento que dificultava a senda do progresso. Indício da força da Igreja na capital do Império pode ser encontrado nas observações do imigrante alemão Koseritz, residente no sul do país, escritas quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1883. Nas suas palavras,

[...] existe aqui um verdadeiro exército de padre de toda a sorte (inclusive muitos jesuítas), monges, feiras irmãs de caridade, irmãos e não sei que mais. Todas as ruas estão cheias dessa gente, para a qual o Rio é certamente um paraíso.²⁴²

O catolicismo expressava-se nas edificações e práticas, mas também procissões e festas que para muitos eram sinônimo do arcaísmo da cidade. Tal clima beato era alicerçado por um catolicismo popular que, antes de significar reclusão e castidade, era responsável por guardar e trazer para as ruas festas de tradição colonial. Assim, na defesa do ideal de comportamento da família higiênica e disciplinada e contra os vícios sociais, ou seja, as festas que reuniam religiosidade e tradições populares, com suas barracas de jogos, bebidas e diversões, os médicos, as autoridades policiais, certos políticos e a imprensa assumiram posições anticlericais. Tais festejos, incentivados por esse catolicismo, eram tomados por desordem, vulgaridade, mestiçagem, vagabundagem e doenças que ameaçavam o projeto civilizador propugnado pelos que defendiam a modernização.²⁴³

As festas do Divino foram as mais combatidas por aqueles que encaravam como atraso e promiscuidade os jogos de azar, o carnaval, a capoeira, os batuques, os dias de folias, os tocadores, as máscaras e os fogos de artifício. Para os que clamavam por transformações radicais do cenário urbano da corte, como era o caso do periódico de Henrique Fleiuss, a religiosidade católica deveria ser atenuada com mais laicidade, menos credences nos espaços públicos, que deveriam ser o domínio da razão, da ciência, das artes e do progresso, em detrimento das irracionalidades de uma sociedade mestiça.

Muitas vezes, via-se na religiosidade incentivada por setores católicos certa permissividade e tolerância de costumes, condutas e crenças enraizados por séculos de convívio entre o que se consideravam brancos vulgares, nativos selvagens e pretos degenerados. Maior exemplo disso, a *Semana Ilustrada* publicou carta de um padre que se desligou da Igreja por culpar o catolicismo de não salvar os povos latinos da perversão social,

²⁴² KOSERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980, p. 71. Apud: NEVES, Margarida de Souza. Uma cidade entre dois mundos – o Rio de Janeiro no final do século XIX. In: GRINBERG, Keila & SALES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 144.

²⁴³ Ver sobre: ABREU, Martha & VIANA, Larissa. Festas religiosas, cultura e política no império do Brasil. In: GRINBERG, Keila & SALES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 255/256.

moral e religiosa em que estavam entregues, compondo um quadro pouco favorável das práticas religiosas nas Américas: “É minha convicção profunda que, se as raças latinas estão entregues à anarquia social, moral e religiosa, a causa principal não é o catolicismo em si mesmo, mas a maneira por que ele é há muito tempo compreendido e praticado”.²⁴⁴

Em clima de rivalidade com *O Apóstolo*, a *Semana Ilustrada* iniciou seu décimo ano de circulação, esforçando-se por desacreditar a Igreja Católica e seus valores. Na data da efeméride, o Dr. Semana, transformado em messias da imprensa fluminense, parodiava os símbolos cristãos, como Moisés e os dez mandamentos.



Figura 58 – *Semana Ilustrada*, nº 469, capa, 5 de dez 1869.

Com este número principia o décimo ano.

O novo Moisés.

- Aqui estão as taboas da minha lei. Estes dez mandamentos se encerram em dois: amar a *Semana* sobre todas as coisas e aos assinantes como a nós mesmos.

Sob os auspícios do início de mais um ano de publicação o Dr. “Moisés” Semana, de batina e longas barbas brancas, proclamava os seus mandamentos e importunava o rigorismo dos beatos d’*O Apóstolo* e da cidade. Em meio às crônicas que exaltavam a data, Molière, outra vez, era lembrado e as palavras de ordem da revista faziam referência aos homens de bem, ao amor à verdade, ao bom senso, ao bom gosto, ao “partido” do Brasil e ao “estandarte do progresso”. Chegava-se à conclusão que, dez anos de vida no efêmero e intermitente

²⁴⁴ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 463, p. 3, 24 de out 1869.

jornalismo fluminense, em face do longo caminho de espinhos e obstáculos, não significavam exatamente dez anos, mas sim dez séculos. Todavia, a façanha rendia frutos e se proclamava que, “*et ne veux nulle place en des coeurs corrompus*”, por outro lado, comemorava o crescimento da revista: “A *Semana* tem visto, como prêmio de seus esforços, crescer de dia em dia o número de seus bons assinantes, obtendo mesmo nas províncias uma circulação sem exemplo em periódicos não políticos”.²⁴⁵

4.3 Para além da corte.

Em março de 1871, em mais uma tiragem, a *Semana Ilustrada* pronunciava-se, como de costume, contra a frágil estrutura urbana da capital do Império. O grande problema desta vez era o ferro carril, os bondes, que não ofereciam comodidade adequada para os seus usuários e muito menos pontualidade nos horários de chegada. Depois dos problemas e percalços, os elogios e aplausos ficavam por conta da apresentação burlesca do jovem artista Telemaco, no Teatro São Luiz. O leitor da revista já havia habituado-se a esse quadro que, desde seu início, elegia os espaços públicos do Rio de Janeiro como grandes “teatros” para as críticas, comentários e gravuras do periódico.

No entanto, a edição que tratou dos bondes e da nova apresentação do Teatro São Luiz era um bom exemplo para evidenciar outros contornos que a publicação ganhava no final da década de 1860. Apesar de não abandonar temáticas relativas ao Rio, o exemplar fora composto, sobretudo, por notícias de fora da capital, a começar pela capa:



Figura 59 – *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, capa, 19 de mar 1871.

- Que retrato é este, Moleque?
- É o de um parceiro meu, chamado Francisco Lopes de Sena Pimentel, RESSUSCITADO em Maranhão. Pediram-me que lho

²⁴⁵ Primeira Década. *Semana Ilustrada*, nº 468, p. 2, 28 de nov 1869.

apresentasse. Nhonhô, e me empenhasse pela reprodução dela na *Semana*. Aqui está o retrato, não sei se Vm. quer publica-lho. (Vide o texto)

O grande retrato que o Moleque exibia ao Dr. Semana era do morador de S. José dos Matões, freguesia de São Luis do Maranhão. A *Semana* publicou, em julho de 1870, que Francisco Lopez de Sena Pimentel fora dado como morto, assassinado violentamente pelos clérigos Thomaz de Moraes Rego, Manoel Collaço Maneca e Veras, entre outros. Porém, a notícia mostrou-se falsa já que Francisco Lopez continuava vivo, como fez questão de provar aos chefes de polícia do Maranhão e do Piauí.²⁴⁶ O fato ganhou bastante espaço na revista, que publicou caricatura sobre o assunto na capa, evidenciando o interesse crescente em dar conta para o público da *Semana* do que se passava em outras províncias.

Além do caso no Maranhão, pose-se citar, por exemplo, rombos nos cofres públicos ou o suicídio do oficial de carpina, Lourenço de Assunção, que causou sensação nos jornais da província do Pará. De Pernambuco, vinha a notícia de uma menina do interior que se vestiu de homem e tentara embarcar de Recife para o Rio de Janeiro. Em São Paulo, a novidade era a nova escola noturna de Itu e a estupidez da folha da cidade, sintomaticamente denominada *Esperança*, que se opunha à iniciativa.²⁴⁷ Outra questão que ocupou grande espaço na publicação foi o artigo da folha cearense, *Tribuna Católica*, sobre a missão de dois sacerdotes à capela de um lugarejo. Na *Semana*, o cronista relatava a ignorância do arraial e o imbróglio causado por um desmedido fiel que pecava para conseguir confessar-se:

Consegue penetrar no quarto de um dos missionários, protegido pela sua ausência, toma um bilhete de confissão de cima da mesa, invades-se despercebido, e nessa mesma noite apresenta-se munido de seu bilhete com toda a segurança de um direito adquirido e indisputável.²⁴⁸

Merece destaque o fato de a *Semana Ilustrada* selecionar esses fatos curiosos nos impressos de outras províncias, o que indica que seus responsáveis folheavam essas publicações à procura de material que pudesse aguçar a curiosidade de seus leitores. Um jornal sergipano, segundo a *Semana*, cometia deslize cerimonial e gramatical ao comentar o embarque de importante personalidade: “o embarque de S. Ex. foi a prova mais pública do quanto ficou desprestigiado. ACOMPANHARAM-LHE empregados públicos e muito poucas pessoas vindas do interior”.²⁴⁹ Em outra, eram os casos mirabolantes estampados no *Jornal da Bahia* que, na ênfase ao acato do jejum pela hora do jubileu católico, intrometia-se sobre a

²⁴⁶ O ressuscitado. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, p. 7, 19 de mar 1871.

²⁴⁷ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 448, p. 2, 11 de jul 1869. Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 448, p. 2, 11 de jul 1869; Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 529, p. 2/3, 29 de jan 1871.

²⁴⁸ Badaladas. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, p. 2, 19 de mar 1871.

²⁴⁹ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 448, p. 2, 11 de jul 1869.

ato dos seu leitores em “ir ao açougue ou à praia do peixe”, “uma fritada ou ir gastar três vinténs no Braguinha”.²⁵⁰ Voltando ao curioso caso do Maranhão, no qual o homem reapareceu depois de ter sido declarado morto, a *Semana* revelou o longo caminho da notícia até a capital do Império, com ativa participação das redações dos jornais:

As correspondências liberais de Caxias para o *Liberal*, folha do Maranhão, a redação desta folha, e as correspondências daquela província para a *Reforma*, do Rio de Janeiro, deram a Francisco Lopes de Sena Pimentel por assassinado com circunstâncias atrozes pelos vigário Thomaz de Moraes Rego, Manoel Colhaço Maneca e Veras, Joaquim José de Lacerda[...]²⁵¹

Se a linha editorial da revista não se alterou de modo radical na década de 1870, é certo que cresceu o interesse pela imprensa que se fazia no restante do país, que agora era seguida de perto. Evidencia disto é que o *Diário de Pernambuco* (Recife, 1825/2014) foi alvo de repreensões por não ter informado seus leitores que reproduzia artigo originalmente publicado na *Semana*: “pode transcrever, mas o açúcar de um jornalista é dizer donde transcreve”.²⁵² Se, nos primeiros anos de circulação, eram os grandes jornais da cidade, caso do *Jornal do Comércio* e do *Diário do Rio de Janeiro*, que atraíam a atenção dos responsáveis pela *Semana*, agora, se ampliava o leque de referências, compondo um panorama regionalmente diversificado.

Não é tarefa simples precisar os motivos da presença dessas notícias interprovinciais na *Semana*, mas algumas hipóteses podem ser levantadas. Primeiramente, é notório que foi na Guerra do Paraguai que, pela primeira vez, outras regiões do Império mereceram destaque na *Semana Ilustrada*. As duras batalhas contra o forte inimigo exigiam recursos e o conteúdo da publicação, de teor ufanista, pedia o apoio das províncias para enviar soldados e voluntários para a defesa da pátria.

²⁵⁰ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 468, p. 3/6, 28 de nov 1869.

²⁵¹ O ressuscitado. *Op. cit.*

²⁵² Vício e virtude. *Semana Ilustrada*, nº 453, p. 7, 15 de ago 1869.



A Bahia e seus filhos.
— Ide, meus filhos —, esta capela cingirá os vivos, as minhas orações acompanharão os mortos: e mortos ou vivos, o Brasil espera, e eu mando, que cada um de vós cumpra o seu dever.

Figura 60 – *Semana Ilustrada*, ano 5, nº 367, p. 8, 5 de nov 1865.

A Bahia e seus filhos

- Ide, meus filhos -, esta capela cingirá os vivos, as minhas orações acompanharão os mortos: e mortos ou vivos, o Brasil espera, e eu mando, que cada um de vós cumpra o seu dever.



D. BARBARA,
SPARTANA DE MINAS-GERAIS.
“Meu filho, toma este escudo; volta com ele ou volta sobre ele!”
(Vide Jornal do Commercio de 28 de Janeiro, na gazetilha sob a epigrafe – Patriotismo.)

Figura 61 – *Semana Ilustrada*, ano 5, nº 207, p. 8, 5 de fev 1865.

D. BARBARA, SPARTANA DE MINAS-GERAIS

“Meu filho, toma este escudo; volta com ele ou volta sobre ele”
(Vide Jornal do Commercio de 28 de Janeiro, na gazetilha sob a epigrafe – Patriotismo.)



Eia leões do norte! Sús a guerra! Esqueção-se queixas e dolorosas feridas! Do passado lembremo-nos apenas das nossas glórias. Voemos, pernambucanos, em defesa da terra que é berço comum de nós todos. Vamos levar a nossos irmãos do Sul sangue e braços! A' guerra!

Figura 62 – *Semana Ilustrada*, ano 5, nº 228, capa, 23 de abr 1865.

Eia leões do norte! Sús a guerra! Esqueção-se queixas e dolorosas feridas! Do passado lembremo-nos apenas das nossas glórias. Voemos, pernambucanos, em defesa da terra que é o berço comum de nós todos. Vamos levar a nossos irmãos do Sul sangue e braços! A' guerra!

Para José Murilo de Carvalho, a Guerra do Paraguai foi fator importante na formação da identidade nacional brasileira. Devido a enorme distância entre as províncias, o sentimento antilusitano do momento da independência foi vivido mais regionalmente pela população, enquanto os conflitos externos de 1828 e 1852 foram relativamente restritos, sem exigir a mobilização de todo o país. No entanto, foi contra Solano Lopez que, pela primeira vez, a experiência dramática da guerra afetou grande parte da população, os brasileiros do norte e do sul encontravam-se e a conquista pela vitória ganhou dimensão nacional.²⁵³ Tal aspecto parece ter atingido a *Semana Ilustrada* que se dava conta de que o país ia bem além da corte.

Como via de mão dupla, a Guerra também pode ter jogado papel importante em outro aspecto crucial para a revista: a expansão do seu círculo de leitores. A intensa campanha de apoio ao país e aos voluntários da pátria, as chacotas contra o líder paraguaio e o esforço de manter informados os compatriotas sobre os rumos dos exércitos e batalhas no Paraguai, podem ter despertado maior interesse do público de outras capitais em relação à folha ilustrada. Além da revista em si, com personagens que caíram no gosto do público, a postura da *Semana* frente à guerra contribuiu para torná-la conhecida em lugares mais longínquos da Capital. Talvez não seja por mero acaso que, mesmo depois de um ano da captura de Solano Lopez, a nota que pedia a renovação das assinaturas não era emitida somente para os

²⁵³ CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p, 108.

habitantes da corte: “Pede-se aos Srs. Assinantes da *Semana*, não somente na corte como nas províncias, hajam a bondade de mandar reformar as assinaturas, afim de não sofrerem uma amputação semanal. (Os interessados)”.²⁵⁴

Ao entrar no décimo ano de existência, a revista comemorava o crescimento dos seus assinantes e lembrava que contava “mesmo nas províncias, uma circulação sem exemplo em periódicos não políticos”.²⁵⁵ Veja-se a seguinte nota, relevante para se avaliar o alcance da revista:

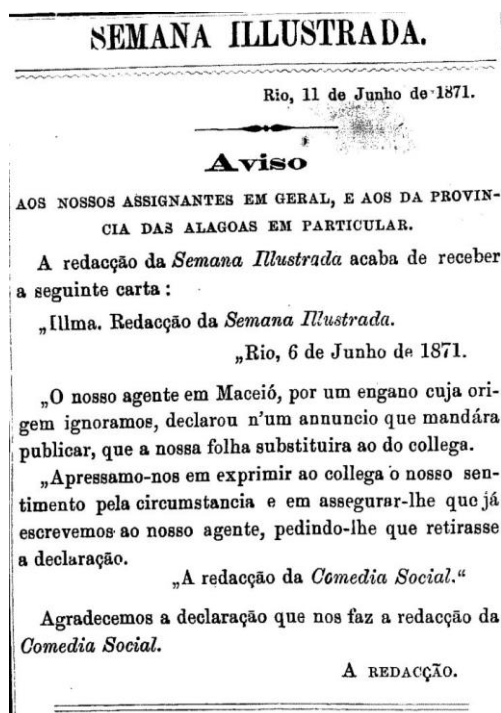


Figura 63 – *Semana Illustrada*, nº 548, p. 2, 11 de jun 1871.

Graças ao engano, sabe-se que a *Semana* chegava a Alagoas e não há motivos para supor que outras províncias não recebessem a publicação. Os artigos da *Semana* passaram a trazer informações de fora do Rio na intenção de atender uma demanda, quiçá pequena, mas importante para a abertura de novos mercados para a publicação. As notícias e as referências a jornais e redações contemplavam outras províncias porque é possível que leitores de fora do Rio Janeiro ao mesmo se habituando ao Dr. *Semana* e ao Moleque e, ao mesmo tempo, informando-se sobre os acontecidos de sua região pela *Semana Illustrada*.

Cabe destacar a natureza desse noticiário, que relatava fatos inesperados, insólitos e engraçados ocorridos para além das fronteiras nacionais. Apropriando-se de artigos publicados em outras folhas, a *Semana* informava o seu leitor e não deixava de emitir suas

²⁵⁴ Anuncios a pedido. *Semana Illustrada*, ano 11, nº 535, p. 7, 12 de mar 1871.

²⁵⁵ Primeira Década. *Semana Illustrada*, nº 468, p. 2, 28 de nov 1869.

posições, como no caso do naufrágio do navio italiano *Uncova*, que transportava emigrantes chineses, os *coolies*, para Callao, região do Peru. A *Semana* reproduzia nota do *Jornal do Comércio* de Lisboa:

- Horrível. – Lemos no Jornal do Comércio de Lisboa de 2 do corrente:

“É dolorosíssima a notícia que se encontra num jornal inglês chegado hoje: 425 pessoas morreram queimadas, sendo vítimas da sua própria maldade.

“A bordo de um navio italiano de grande lotação, chamado *Uncova*, fretado em Macao para conduzir emigrados chineses, que se destinavam a Callao, iam 537 *coolies*.

“Quando o navio se aproximava da ilha Netuno, alguns dos passageiros lançaram-lhe fogo com o intento de que a tripulação fizesse encalhar a embarcação nas praias da mesma ilha, podendo eles então fugir, levando consigo o dinheiro que, segundo o ajuste, houvessem recebido dos contratadores. O calculo falhou completamente.

“O capitão e a equipagem, reconhecendo a malvadez dos *coolies*, trataram de salvar-se e o conseguiram, abandonando o navio, e deixando entregues os incendiários à sorte que a se preparavam. Os escaleres em que iam, puderam atracar ao navio *San Salvatore*.

“Aparecendo, no ponto em que ardia o *Uncova*, o navio Singampore, conseguiu salvar 112 daqueles desgraçados; porém 425 morreram no meio das chamas”.²⁵⁶

A reprodução da informação, tal como ocorreu no caso do morto que não havia morrido, repetia-se aqui. Afinal, a notícia do naufrágio chegava ao público fluminense por meio das páginas da *Semana Ilustrada*, que transcrevia para os seus leitores a notícia do jornal lisboeta que, por sua vez, tinha tomado conhecimento do ocorrido por um jornal inglês recém chegado à capital portuguesa. Depois de ter saído em primeira mão, quem sabe, da redação de uma folha londrina, percorria um longo circuito até aportar no Brasil.



Figura 64 – *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, p. 5, 19 de mar 1871.

Eis a moralidade dos tão decantados colonos chineses.

²⁵⁶ Chineses. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, p. 6, 19 de mar 1871.

Por um aresto divino, quem faz cadeia morre nela. (vide o texto)

Enquanto o jornal de Lisboa adjetivava os emigrantes da embarcação de desgraçados, no Brasil, a *Semana*, com ironia, referia-se à moralidade dos colonos chineses que atearam fogo na embarcação, o que pode ser interpretado como um ataque direto aos que defendiam a substituição da mão de obra escrava pelos colonos chineses. Fica claro que a notícia ganhava “novos ares” e contornos próprios dentro da *Semana*, o que não deve ter sido diverso com o jornal de Lisboa que divulgou a informação do naufrágio retirada do periódico inglês. Essas transferências e apropriações, mais do que “influências” ou “cópias”, fazem pensar numa circularidade da produção letrada na qual os modelos, textuais e/ou imagéticos, eram alterados quando inseridos em um novo contexto.²⁵⁷

Para não ficar num único exemplo, outros episódios da mesma ordem merecem destaque, como a reprodução de notícia do jornal *El Mercurio* (Santiago, 1827/2014) sobre a anulação de um casamento que já durava quatorze anos, frente à descoberta do suposto marido ser, de fato, uma mulher. Também cabe citar a transcrição de artigo do jornal americano *Sun* sobre as ideias, pouco ortodoxas, do padre Jacintho em relação ao catolicismo tradicional, sem esquecer o erudito texto da Comuna de Paris, publicado no jornal de Lisboa, *A Nação* (Lisboa, 1847/1928).²⁵⁸ Esses circuitos de informação ilustram bem a afirmação de Dominique Kalifa de que foi no século XIX que se nasceu uma verdadeira “cultura midiática”.²⁵⁹

A escolha de notas para serem reproduzidas na revista, provenientes de outras províncias e até de fora do país, tinha natureza idêntica: tratava-se de casos insólitos, trágicos, curiosos, bizarros, capazes de interessar e surpreender e os leitores, bem ao estilo dos *faits-divers*, que faziam sensação na imprensa europeia. Acontecimentos como crimes, suicídios, incêndios, inundações, acidentes, fenômenos misteriosos e espirituais foram transformados em objetos midiáticos que, revestidos de dramaticidade ficcional, tinham o poder de circular entre realidade e imaginação.²⁶⁰

²⁵⁷ GUIMARÃES, Valéria. Os *faits divers* na imprensa do Brasil e da França. In: GUIMARÃES, Valéria (org.) *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 150.

²⁵⁸ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 468, p. 2/6, 28 de nov 1869; Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 471, p. 2, 19 de dez 1869; Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 550, p. 2, 25 de jun 1871.

²⁵⁹ Apud: CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (org.) *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 30. Nesse caso coloque só o APUD.

²⁶⁰ AMBROISE-RENDU, Anne Claude. Um certain écho Du monde: propositions pour une lecture des faits divers de presse. *Revue Recherches Contemporaines*, n. 3, 1995-1996. Apud: GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, nº 18, p. 277-240, jan.-jun. 2009, p. 234.

Segundo a bibliografia especializada, os *fait-divers* só chegaram propriamente no Brasil na passagem do século XIX para o XX, visto que o gênero necessitava dos *faits-diversiers*, pequeno repórter que ia até delegacias ou locais nos quais os crimes aconteceram como investigadores. De fato, sem a presença de repórteres e de prática jornalística consolidada, que só se impôs no Brasil nos anos 1880-1890, a *Semana*, ainda no início da década de 1870, mobilizou esse gênero de texto, novo recurso da imprensa periódica que chamava a atenção de amplo segmento do público. Apesar de taxado como menor, esse jornalismo possibilitou diálogos com outras linguagens e conexões com um público mais amplo.²⁶¹

Ainda que as caricaturas de costumes, as crônicas políticas e satíricas, os contos e as críticas artísticas continuassem a proliferar nas páginas do hebdomadário e confirmar a marcante presença das ruas, clubes, praças e teatros do Rio, um tipo diverso de texto jornalístico foi incorporado, ainda que modestamente, nas páginas da revista, que reproduzia fatos curiosos e fora do comum, retirados de outros impressos e que espantavam e seduziam o público com fatos reais ou imaginários. Tal como em outros países, aqui também o sentido moralizante, tão comum nos *fait divers*, acabava por reforçar a mentalidade eugenista e justificar a degenerescência de personagens pobres, mestiços, caboclos, mulheres negras e imigrantes.²⁶² Como um prelúdio a esse sensacionalismo, muitas das notícias divulgadas na *Semana* lidavam com aqueles que eram vistos como situados no limiar da degeneração racial. A falsa morte do negro da freguesia S. José dos Matões no Maranhão, a missão dos padres para o distante lugarejo de ignorantes fieis no Ceará e o navio incendiado pelos colonos chineses, despertavam curiosidade, ainda mais atizada pelos tabus sociais que pesavam sobre as chamadas “classes perigosas”. Da mesma maneira, a notícia da mulher travestida de marido, por quatorze anos, aguçava os instintos de repugnância, porém, ao mesmo tempo, desejo e mesmo inveja daqueles que conseguiram ultrapassar os rígidos condicionantes sociais.

Da passagem dos anos 1860 para os anos 1870, as crônicas e caricaturas, que marcavam o cotidiano da sociedade fluminense, passaram a dividir espaço, em alguns números, com noticiário advindo de outros jornais, que circulavam dentro ou fora do país. Os editores e colaboradores da *Semana Ilustrada* mostravam-se dispostos a oferecer aos seus leitores uma visão mais ampla do país, ou seja, para além da corte. Porém, essa visão não

²⁶¹ GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, nº 18, p. 277-240, jan.-jun. 2009, p. 238/239.

²⁶² GUIMARÃES, Valéria. Os *faits divers* na imprensa do Brasil e da França. In: GUIMARÃES, Valéria (org.) *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 151.

estava dissociada do novo jeito de “fazer” imprensa que se estabelecia em grandes centros populacionais do mundo, os *fait-divers*.

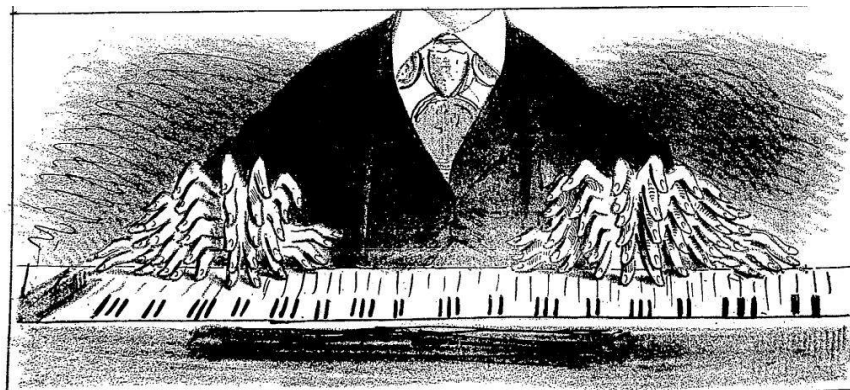
Oferecer aos leitores fatos incomuns, publicados pela imprensa das províncias e de outros países, talvez integrasse a estratégia da revista humorística para aumentar o número de assinantes e manter-se como impresso dominante em seu gênero, como fora em seus primeiros anos. Com a popularidade dos impressos humorísticos ilustrados, no qual proliferavam junto ao um público sedento por entretenimento, havia um cenário mais competitivo para a *Semana* que, como um ícone da imprensa da época, tinha que inovar e mostrar-se mais perto da *modernidade*.

4.4. De volta à cidade: operetas, *vaudevilles*, banhos de mar, bondes e a multidão.

A década de 1860 encerrou-se com os aplausos e suspiros pelo pianista norte americano de New Orleans Louis Moreau Gottschalk e pela atriz italiana Adelaide Ristori. Em junho de 1869, a *Semana* narrava a ansiedade da plateia pela estreia do artista, para a qual estava confirmada a presença notável do Imperador e da Imperatriz: “Finalmente... Gottschalk apareceu. Não sabemos que mão invisível quebrou o gelo que nos cercava, nem qual doce espírito nos animou; na sala perpassou um tenuíssimo murmúrio que uma palavra traduz: enfim!”.²⁶³ Vítima de malária no final do mesmo ano, a boa sociedade fluminense enchia os espetáculos do Teatro Lírico Fluminense, sem saber que aquelas seriam as últimas apresentações do grande músico instrumental. Com o mesmo sucesso do pianista, a atriz Adelaide Ristori destacou-se na cena dramática com a tragédia grega *Medeia*. Para a folha ilustrada do Dr. Semana e do Moleque, Adelaide atingia “as raias do sublime e ultrapassa tudo quanto até agora tem visto a cena dramática”.²⁶⁴

²⁶³ Gottschalk. *Semana Ilustrada*, nº 445, p. 7, 20 de jun 1869.

²⁶⁴ *Medea-Ristori. Semana Ilustrada*, nº 446, p. 7, 27 de jun 1869.



Fomos obsequiados com uma photographia das mãos do Sr. Gottschalk, tirada pelo Sr. Pacheco no momento da execução do tremolo.

Figura 65 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 447, p. 4, 4 de jul 1869.

Fomos obsequiados com uma fotografia das mãos do Sr. Gottschalk, tirada pelo Sr. Pacheco no momento da execução do tremolo.



ADELAIDE RISTORI

Figura 66 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 447, p. 4, 4 de jul 1869.

ADELAIDE RISTORI

Nos anos de 1870, a *Semana Ilustrada* investiu na tentativa de ampliar seus horizontes para além do Rio de Janeiro. Jornais provinciais e casos escabrosos ou curiosos de fora da corte ganhavam espaço no semanário. No entanto, apesar desse novo enredo, a preocupação para com o Rio de Janeiro, seus portões, ruas, vielas, passeios públicos, clubes e teatros nunca deixaram de ocupar espaço no periódico. Na capital do Império, o grande palco do semanário, a chegada de novos artistas significa um supro de arte e novidade para a imprensa e para as noites daqueles que frequentavam os eventos da boa sociedade. Para a crítica artística da

Semana Ilustrada, Gottschalk e Ristori representavam a regeneração do gosto para o público inteligente, que não aguentava mais o decantado regresso da arte dramática. Porém, o que era tomado como de “baixo nível” ou “invasão do mal” parecia conquistar o público fluminense, com destaque para o ritual do *cancan* cujo templo era o Alcazar.²⁶⁵

Localizado na Rua Uruguaiana, o *Alcazar Lyrique* trazia para a capital do Império belas mulheres e um teatro de variedades inspirado em Offenbach.²⁶⁶ Como as lojas, tecidos, perfumes e outras bagatelas, o estabelecimento noturno era mais uma importação brasileira do universo parisiense e a *Semana Ilustrada*, evidentemente, não podia ficar inerte à novidade. Contudo, é sabido que muitos escritores da época, como Machado de Assis, Visconde de Taunay e Joaquim Manoel de Macedo, também colaboradores da *Semana Ilustrada*, engrossaram as críticas contra a casa de espetáculos da Rua Uruguaiana.²⁶⁷ Certas publicações culpavam o Alcazar por desviar o público dos concertos e peças dramáticas, arruinando as verdadeiras artes da civilização.

Com encenações de operetas e *vaudevilles* que faziam sucesso em Paris, o Alcazar aportava nova movimentação noturna na cidade. Suas atrizes, apelidadas de alcazalinhas, eram observadas, procuradas e desejadas em hotéis, cafés e jantares. Para citar alguns nomes, Émilie Foucaud, Vittoria Carlotta, Jeanne de Bar, Amélie Abel e Mille. Aimée atuavam, dançavam e encantavam o público masculino com suas canções alegres, picantes e brejeiras, que lhes garantiam admiradores fiéis, enamorados e amantes.²⁶⁸ No Rio de Janeiro, as jovens estrangeiras eram atração, na qual, nas palavras de Menezes, despertava desejos oprimidos, provocava sentimentos confusos de admiração, repulsa, paixão e ódio.²⁶⁹

Aspectos semelhantes perpassaram nas descrições e no humor da *Semana Ilustrada* quando o assunto eram os *vaudevilles* e as *cocôtes comédienne*. Desde a inauguração da casa em 1864, Machado de Assis, valendo-se do pseudônimo de D. Semana, como informa

²⁶⁵ Gottschalk. *Semana Ilustrada*, nº 449, p. 6, 18 de jul 1869.

²⁶⁶ Jacques Offenbach foi um artista atraído em Paris pela ópera cômica. Em meados do século XIX, foi responsável por apropriar-se e reinventar um gênero teatral chamado *vaudeville*. Com humor e música, o teatro de Offenbach ficou marcado por recuperar um estilo leve de atuação apreciado pelas classes populares e pela baixa burguesia na época da Revolução Francesa. MENEZES, Lená Medeiros de. (Re) inventando a noite: o *Alcazar Lyrique* e a *cocotte comédienne* no Rio de Janeiro. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 20-21, jan-dez, 73-91, 2007, p. 73/76.

²⁶⁷ SOUZA, Silvia Cristina Martins. Com um olho no entretenimento e o outro na política: história, teatro e cotidiano politizado no Alcazar Lírico (Rio de Janeiro, década de 1860). *Baleia na Rede- estudos em arte e sociedade*. Revista virtual do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura. Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - Campus de Marília. Vol. 9, n. 1, p. 15-33 dez. 2012, p. 19/20.

²⁶⁸ Idem, p. 78/82

²⁶⁹ Idem, p. 82/86.

Azevedo, opunha-se ao que rotulava de imoralidade do Alcazar.²⁷⁰ No entanto, em outras colunas da revista, pequenos trechos comentavam as atuações das atrizes dentro e fora dos palcos. A exemplo da caricatura abaixo, o misto de moralismo e ironia acabava por criar certa ambiguidade sobre a aceitação ou reprovação do Alcazar por parte da *Semana*:



Juiz. — O requerimento diz, que o senhor quer separar-se da sua mulher. Qual é o motivo?
 Réo. — O motivo é simples, ella quer matar-me; porque não me dá mais dinheiro para ir ao Alcazar e eu sempre lhe tenho dito, que o Alcazar é a minha vida.

Figura 67 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 452, p. 4, 6 de ago 1869.

Juiz. — O requerimento diz, que o senhor quer separar-se da sua mulher. Qual é o motivo?

Réo — O motivo é simples, ella quer matar-me; porque não me dá mais dinheiro para ir ao Alcazar e eu sempre lhe tenho dito, que o Alcazar é a minha vida.

O mote eram os males que o Alcazar provocava nos casais. A graça residia no fato de se quebrar a expectativa, com o marido declarando, perante a lei e na presença da esposa, seu amor incondicional ao Alcazar. O riso acusatório recaía, imediatamente, sobre o marido, tornado um sujeito ridículo, de falsa moral e viciado nas noites do Alcazar. Todavia, ainda percebe-se certa dose de benevolência e empatia pelo amante da casa noturna.

Já a esposa furiosa, vítima do sucesso das alcazalinhas, não exibia nenhum traço de beleza ou graça ao que se somam as roupas e cabelos descuidados, razões que talvez colaborassem para que o homem não desejasse estar em casa. Apesar de réu, o marido, com feição passiva, mostrava sinceridade no seu sentimento e desejo de ficar com o Alcazar, compondo um quadro em que a separação entre vítima e algoz tornava-se tênue, num processo que amenizava responsabilidades. Com base na análise sobre o humor de Pirandello,

²⁷⁰ AZEVEDO, Silvia Maria. Brasil em imagem: um estudo da revista Ilustração brasileira 1876/1878. Tese de Livre Docência. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, p. 320.

Saliba acentua que, em certas ocasiões, o cômico suspende o sentimento de superioridade e distância e o *riso* que julga pode transformar-se em *sorriso* de compreensão.²⁷¹ Parece ser este o caso aqui: o amor do sujeito pelo Alcazar apresentava-se como patético e imoral, mas, num segundo instante, sua postura e atitude transformam-no num culpado ingênuo, vítima, ao mesmo tempo, da fúria da mulher e do Alcazar. Rapidamente, o *riso* de ajuizamento e condenação dá lugar para o *sorriso* de aproximação e condolência para com o acusado, no qual frequentar o Alcazar tinha lá seus motivos plausíveis, ainda que não ditos, mas insinuados. É evidente que a recepção passa por um processo de individualização, no entanto, “em tempo de desejos contidos, de desejos frustrados”,²⁷² a análise pretende evidenciar os sentimentos dúbios de repulsa e atração que o Alcazar e as odaliscas alcazalinhas despertavam na sociedade fluminense.

Se, na seção de crítica teatral, o Alcazar era desprezado e acusado de comprometer as artes do país, em outras colunas escapavam frases e comentários que atestavam o conhecimento de causa sobre o lugar. Quando Mlle. Aimée, a alcazalina mais talentosa e desejada, deixou a cidade, sentimentos de comoção e tristeza misturavam-se às demonstrações de felicidades, o que rendeu na *Semana Ilustrada* crônicas, poemas e ilustrações.

²⁷¹ Para melhor compreensão do conceito, cita-se: “Para Pirandello o cômico nasce de uma percepção de contrário, como no famoso exemplo de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas sobretudo do sentimento de superioridade. A percepção do contrário, porém, pode transformar-se num “sentimento do contrário” – quando aquele que ri procura entender as razões pelas quais a velha se mascara na ilusão de reconquistar a juventude perdida. Neste passo, a velha da anedota não está mais distante do sujeito que percebe, porque este último pensa que também poderia estar no lugar da velha – seu riso se mistura com a compreensão piedosa e se transforma num sorriso. É aqui que Pirandello começa a diferenciar o cômico do humorístico. Para passar da atitude cômica para atitude humorística é preciso renunciar ao distanciamento e à superioridade.” SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Epoque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 24.

²⁷² DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: contexto, 2006, p. 220.



Figura 68 – *Semana Ilustrada*, ano 8, nº 404, p. 3, 6 de set 1868.

Porque a Aimée s'embora.
A desappareição de uma estrella.

Na gravura reproduzida, a partida de Amée era tomada em dupla chave: com a desapareição da grande estrela, as operetas não seriam mais as mesmas, em compensação, os homens voltariam aos seus ofícios, o padre rezaria a missa, o roceiro trabalharia na lavoura e o estudante se afundaria nos livros. Se, motivou suicídios e rios de lágrimas de seus adoradores, também trouxe alegrias para as moças e promoveu a reconciliações de casais. Segundo o cronista, o Rio de Janeiro estava de luto:

Os leões da rua do Ouvidor andam cabisbaixos. Os fraldiqueiros da rua de Uruguaiana choram. O céu pesa sobre nossas cabeças como um capacete de chumbo. Não há olhos enxutos, nem nariz pálido. E não é o defluxo que nos afogueia, é a dor. O próprio termômetro se encolheu; o azougue amesquinhou-se.

[...]

Há males que vem para o bem, diz o rifão. A desastrosa ausência da diva alcazarina traz-nos a feliz partida de muita gente, que não tinha que fazer aqui.

Fazendeiros que se haviam esquecido da fazenda; soldados que se tinham esquecido do inimigo; ex-deputados que se tinham esquecido dos eleitores; caixeiros que se tinham esquecido do patrão; estudantes que se tinham esquecido de S. Paulo; médicos da roça que se tinham esquecido da morte; padres que se tinham esquecido das províncias.²⁷³

²⁷³ Chronica para-lamentar. *Semana Ilustrada*, ano 8, nº 403, p. 3/6, 30 de ago 1868.

Amée partiu para a França e o lacrimejar da imprensa deixava claro o furor causado pela notícia na cidade. Depois de tanto sucesso do próprio estabelecimento e de sua “fada” maior, desde os meados da década de 1860, Amée e as outras estrelas alcazalinhas pareciam ter vencido o braço de ferro com os conservadores da cidade. Já em 1871, o crítico teatral da *Semana* rendia-se ao Alcazar, sob o argumento de que a *Semana* não poderia se manter alheia a tudo o que passava-se pelo “telescópio da arte”, razão pela qual seu crítico era obrigado a frequentar os espetáculos públicos e particulares, normais e anormais e até “fábricas de cerveja, onde se representa com copos, garrafas e cachações; [...]”. Nessa deambulação noturna, o Alcazar era passagem obrigatória:

“A representação de Opereta foi um triunfo para a companhia de Mr. Arnaud. Rose-Marie continuo a mostrar que é um artista de bastante merecimento e que pode suprir, em quase todos os papeis, a sempre lembrada Aimée.”²⁷⁴

Em outra, assinada por “L d’A.”:

Cumprir dizer que n’esta quadra, viúva do teatro italiano, o Alcazar é talvez um dos pontos de reunião mais fortes alicientes hajam para a nossa sociedade elegante.

De feito, quem pode ouvir, sem desatar-se a rir, o Canard à trois becs, e o Sepert à plumes, nova opereta que o Sr. Arnaud apresentou quarta feira ao seu descuidado e alegre público?²⁷⁵

O humor dos *vaudevilles* e das *Opéra-comique* ganhavam espaço no Rio de Janeiro. *Les Dragons de Villars* era a nova opereta cômica do Sr. Arnaud, o diretor teatral do Alcazar.²⁷⁶ Na divulgação do espetáculo, cuja estrela maior era Mlle. Arnal, o comentarista da *Semana* chamou a atenção para a ascensão “definitiva de um gênero teatral de acordo com o modo de ser do século em que vivemos, [...]”. Diferentemente daqueles que enxergavam no estilo a decadência, o cronista preferia realçar as mudanças e transformações da arte inventada pelos gregos:

O gênio humano é como o fogo que referve no centro da Terra, e que respira pelos vulcões: de séculos a séculos há crateras que se fecham, mas há outras que se abrem. A tragédia fechou-se; abriu-se o drama, nasceu a ópera cômica.²⁷⁷

Com cada vez mais preponderância na cena artística da cidade, além do Alcazar outros teatros buscavam lucrar com peças do gênero. É fato que o clássico de Shakespeare, *Romeu & Julieta*, estreou nos palcos fluminenses com o ator dramático italiano Ernesto Rossi e as

²⁷⁴ Theatrics. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 529, p. 6/7, 29 de jan 1871.

²⁷⁵ Teatro Lyrico Francez. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 534, p. 7, 5 de março 1871.

²⁷⁶ Não se tem a precisão se todos os espetáculos das *cocottes* do Alcazar eram encenados lá, com a popularidade algumas peças eram levadas para outros teatros da cidade. Ver: SOUZA, Sílvia Cristina Martins. *Op. cit.*, p. 22.

²⁷⁷ Teatro Lyrico Francez – Opera Cômica. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 533, p. 3, 16 de jul 1871.

apresentações, entre junho, julho e agosto de 1871, foram alvo de constantes elogios da *Semana*.²⁷⁸ No entanto, no teatro Ginásio, prontamente reconhecido pelas comédias de costumes, o “admirável ator cômico” português Taborda parecia contar a favor do público.²⁷⁹ Durante o mesmo período, tanto as apresentações dramáticas de Rossi e as cômicas de Taborda receberam críticas favoráveis dos cronistas da *Semana*, porém, enquanto no caso de Rossi informava-se que “a sala estava pouco cheia; mas era um público artista e delicado”, nas apresentações de Taborda, o Teatro Ginásio enchia “todas as noites por uma multidão ansiosa de o ver e aplaudir”.²⁸⁰

A multidão a que se refere a *Semana* não surpreendia os proprietários do Ginásio, visto que o sucesso era o resultado de ações que pretendiam amplificar seu público. Em 1872, o Teatro realizou reformas que incluíam a desmontagem de alguns camarotes e a permissão do uso de chapéus e cigarros, uma forma de acolher famílias de camadas médias em ascensão.²⁸¹ Desde 1865, com a apresentação no Alcazar de *Orphée aux enfers*, as operetas foram constantemente dominando a cena fluminense. Temendo ficar ao largo, o Teatro Fênix Dramática apresentou, em 1868, paródia da opereta francesa *Orphée aux enfers*, chamada Orfeu na Roça, que alcançou o número de 100 apresentações somente no primeiro ano.²⁸²

O público dos teatros cômicos, como o de Taborda e das operetas em ascensão, podia continuar a consumir cenas cômicas nas ruas, tipografias e casa de livreiros. O mesmo riso inspirado no cômico das apresentações teatrais era suscitado pelas revistas ilustradas humorísticas, que se consolidavam na corte no fim da década de 1860. A revista de Fleiuss inaugurou um modelo de imprensa no qual ilustração litográfica e sátira eram, mais do que elementos somados a edição, fortes balizas editoriais do gênero. Se antes a *Semana* reinava praticamente sozinha, agora os títulos eram muitos, entre os quais se destacavam *A Vida Fluminense* (RJ, 1868/1875), *O Mosquito* (RJ, 1869/1877), *Ba-Ta-Clan* (RJ, 1867/1872), *O Mundo da Lua* (RJ, 1871/1872) e o *Mephistopheles* (RJ, 1874/1878).

No século XIX, a relação entre teatro de costumes e a imprensa periódica foi intensa e além das críticas e comentários sobre as apresentações, ocorreram apropriações recorrentes de

²⁷⁸ Ernesto Rossi. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 546, p. 3, 28 de maio 1871.

²⁷⁹ O Taborda. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 550, p. 7, 25 de junho 1871. Sobre o teatro Ginásio e as comédias brasileiras do século XIX, ver: SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*. Campinas: Unicamp; CECULT, 2002.

²⁸⁰ *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 534, p. 3, 9 de julho 1871; Taborda. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 553, p. 2/3, 16 de jul 1871.

²⁸¹ MAGALDI, Cristina. *Music in Imperial Rio de Janeiro: European culture in a tropical milieu*. Lanham, MD: Scarecrow Press. 2004, p. 22/55. Apud: COSTA-LIMA NETO, Luiz. O teatro das contradições: o negro nas atividades musicais nos palcos da corte imperial durante o século XIX. *Opus*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 37-71, dez. 2008, p. 50.

²⁸² Idem, p. 60/61.

máximas, costumes, chistes e personagens que saíam dos palcos e acabavam impressos em pranchas avulsas ou em revistas ilustradas. Caso paradigmático é a personagem de Robert Macaire, surgido depois que o ator Frédérick Lemaître conseguiu lhe imprimir nos palcos um caráter cínico e debochado ao que antes tinha viés dramático. Na nova roupagem, Macaire ganhou vida em outros contextos e nas famosas pranchas do caricaturista Honoré Daumier, que o transformou numa personagem símbolo do século XIX.²⁸³ No Brasil, o próprio o Moleque da *Semana Ilustrada* teria sido inspirado na personagem Pedro, jovem escravo atrevido da comédia de José de Alencar *O demônio familiar*.²⁸⁴

Dos palcos às livrarias, o riso parecia multiplicar no Rio de Janeiro. Se o nível de analfabetismo na capital não diferia muito da média do Império, na cada dos 81%, as revistas ilustradas humorísticas traziam grande quantidade de imagens e, como no Alcazar ou no Ginásio, seu poder de comunicação era o da comicidade e do entretenimento e que também poderia ser fluido coletivamente, visto que a leitura em grupo e/ou em espaços públicos, como espécie de “sociabilidade literária”, tornara-se prática comum.²⁸⁵

Veja-se a relação entre os preços dos periódicos ilustrados e o valor dos ingressos nos teatros cômicos. Até o final da década de 1860, o valor de venda avulso de dois exemplares da *Semana Ilustrada*, quinhentos réis cada, era o mesmo valor da entrada mais barata do Alcazar Lírico, que custava mil réis, o bilhete mais em conta dos teatros da corte, montante também cobrado pelos circos que passavam pela cidade.²⁸⁶ A essas possibilidades de divertimentos e brincadeiras a preços módicos somava-se outro espaço: os banhos de mar.

²⁸³ SALGUEIRO, Heliana Angotti. *A comédia urbana de Daumier a Porto Alegre*. São Paulo: Museu de Arte Brasileira - Fundação Armando Álvares Penteado, 2003, p. 61.

²⁸⁴ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique M. Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na corte (1859/1882). *ArtCultura*, Revista do Instituto de História/UFU, v.8, n.12, p. 85/97, jan/jun 2006, p. 92.

²⁸⁵ MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 81.

²⁸⁶ SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *Op. cit*, p. 20.



Figura 69 – *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, p. 4, 19 de mar 1871.

- Olhe, a mulher do Snr. - Pancrácio; eu pensei que ela era mais...
- É verdade, também pensei que ela era menos...



Figura 70 – *Semana Ilustrada*, ano 13, nº 630, capa, 5 de fev 1873.

Depois do dia 31 de Dezembro com que findou o ano de 1872, veio o dia 1 de Janeiro de 1873, como todos sabem; mas o que não sabem é que nesse dia o Dr. Semana depois de ter tomado o seu banho, escreveu na primeira página da sua folha o número seiscentos e trinta, quarto número do décimo terceiro ano, para cuja assinatura faz o convites o

Moleque.



—Então temos afinal banhos populares, isto é, barracas commodas, por preços razoáveis e água do mar em abundância!
 —E a ponte! Moleque, como é bom não mais precisar de ir passo a passo mar a dentro; agora um salto e *le coup est fait*. Salta, moleque, eu te sigo.

Figura 71 – *Semana Ilustrada*, ano 13, nº 636, capa, 16 de fev 1873.

- Então temos afinal banhos populares, isto é, barracas cômodas, preços razoáveis e água do mar em abundância!
- E a ponte! Moleque, como é bom não mais precisar de ir passo a passo mar a dentro; agora um salto e *le coup est fait*. Salta, moleque, eu te sigo.

Na primeira imagem, como já fora explicitado no capítulo 2, explorava-se os dispares corpos das simetrias “naturais” da pintura neoclássica, padrão mobilizado como ideal e no qual ao qual a *Semana* recorria no momento de contruir o discurso humorístico. Contudo, o que se quer evidenciar agora é a descoberta da praia por grande número de pessoas, que se transformava em novo espaço de encontro e passatempo da sociedade. Já na terceira imagem, o Dr. Semana comentava com o Moleque sobre a gratuidade da prática e rotulava a recreação de “banhos populares”, com suas “barracas cômodas” e “preços razoáveis”

Nas figuras 69, 70 e 71, o caricaturista evidenciava, mesmo que por pequenos traços e borroões, a multidão que tomava as águas e as areias da praia. Outra atividade, que não surgiu nesse momento, mas carregava o sentido de evento lúdica praticada por grandes contingentes em espaços urbanos, era o carnaval e outros festejos de rua.



Figura 72 – *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 533, p. 5, 26 de fev 1871.

Recordação do Carnaval de 1871

Uma das máscaras mais expressivas e que excitou geral hilaridade entre outras (mesmo sem excepção daqueles que andam todo o ano mascarados) foi a do Pai João, vestido de ministro e abraçado com a pasta da Agricultura, cor de esmeralda.

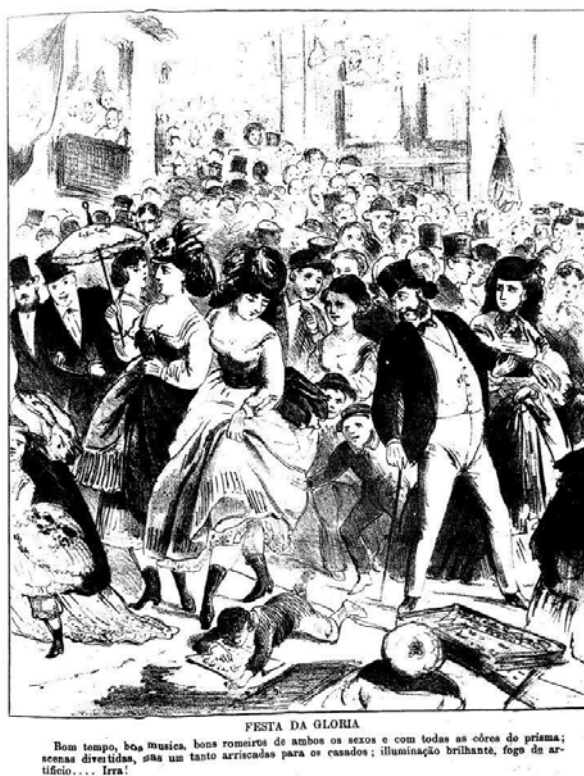


Figura 73 – *Semana Ilustrada*, ano 12, nº 611, p. 5, 26 de ago 1872.

Festa da Glória

Bom tempo, boa música, bons romeiros de ambos os sexos e com todas as cores do prisma; cenas divertidas, mas um tanto arriscadas para os casados; iluminação brilhante, fogo de artifício... Irra!

Nas duas caricaturas, além das personagens principais, a paisagem de fundo foi composta, sobretudo, pelo aglomerado de pessoas. Segundo Angotti Salgueiro, já fazia parte do imaginário da época a identificação entre multidão e cidade que, entre ruas e casas de comércio, tornou-se elemento primordial na composição do cenário urbano. Muito antes da *Semana Ilustrada*, a associação já era tematizada na França por caricaturistas como Honoré Daumier e entre nós por Araújo Porto Alegre, pioneiro em tantos aspectos.²⁸⁷

Na falta de espaço nas ruas e calçadas, que a barafunda do vai e vem do festejo promovia, o passeio de duas belas jovens excitava ainda mais os folguedos. Não obstante a atenção que chamavam, a brincadeira dos pequenos meninos acabou por provocar pequeno desajuste na saia de uma delas, o que aguçou a curiosidade do passante ao ver exposto “uma torneada e bem lançada barriga de perna”, objeto de descrição e desejo comum de cronistas da *Semana*.²⁸⁸ De cartola, gravata, paletó, colete e elegante corte de barba, o homem bem posicionado na sociedade e acompanhado de sua esposa deveria manter a discrição e mesmo desaprovar o ocorrido, porém, como a *Semana Ilustrada* desejava captar “os sublimes mistérios de nossas glórias, bem como de nossas misérias”, o oposto aconteceu.²⁸⁹ Com a quebra da linearidade, do convencional e do natural, o humor vociferou e a estirpe do sujeito desvalorizou-se, aproximando-o do “velho gaiteiro”, que se contorce e esbugalha seus olhos em direção às pernas da menina moça que talvez tivesse idade para ser sua filha.

Apesar da centralidade da cena, a comicidade da gravura da Festa da Glória não se encerra na falta de escrúpulos do sujeito. O contraste apresentava-se na amplitude da imagem que, todavia, acabava por se apequenar diante de uma “barriga da perna”. Assim, a rua, as casas, suas sacadas, a festa, a multidão, as famílias, os casais, os rapazes e as moças, tudo se acabou voltando para as moçoilas. Homens a desejar e mulheres a invejar inclinavam seus pescoços, voltavam seus rostos e aguçavam seus olhares para o que deveria ser um simples passeio. O sujeito, bem ao centro da imagem, aponta seu dedo indicador, as crianças, maliciosas, direcionavam suas brincadeiras para desestabilizar a moça e o “distinto” homem, de idade avançada e com integridade assegurada por sua cara cartola, apresentava comportamento similar ao dos meninos. Por outro lado, pela excessiva atenção que as duas

²⁸⁷ SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Op. cit.*, p. 106.

²⁸⁸ Preleções da anatomia burlesca: III – A barriga da perna. *Semana Ilustrada*, ano, nº 29, p. 3, 23/ 06/ 1861.

²⁸⁹ Wagon: Primeira corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 4, p. 2, -/01/1861.

personagens despertaram, as duas belas representantes do “belo sexo” poderiam ser, na verdade, duas “madames” que, na importação dos maus hábitos de Paris, como andar pelas ruas sem acompanhantes, eram caricaturadas como libertinas na sugestiva legenda: “cenas divertidas, mas um tanto arriscadas para os casados”. Mesmo sem muitas evidências, pode-se até pensar que, ao invés dos hábitos, as personagens fossem propriamente estrangeiras, talvez, francesas ou polacas associadas ao mercado do prazer, identificadas como mulheres fáceis, que não seguiam a risca os códigos de pudor.²⁹⁰

Ainda na Festa da Glória da *Semana*, observa-se a presença de dois tipos de traços na ilustração: os mais nítidos, para delinear as personagens à frente da imagem, e os da multidão e do cenário urbano ao fundo. Assim, as duas jovens protagonistas da caricatura, os dois rapazes à direita e o casal à esquerda, exibem traços mais nítidos e tons mais fortes nas roupas, sapatos, cabelos e barba, do que aqueles que estão atrás, compondo o grande aglomerado. Com traços mais leves e tons mais claros que mais esboçavam do que marcavam, pode-se notar que o jogo aguçava a dimensão espacial da imagem, pois a falta de nitidez no traçado das pessoas e prédios ao fundo demarca distância e confere profundidade à cena.

Tal padrão não se manteve para as crianças e os pais que figuram no centro da cena, uma vez que, apesar de estarem na linha de frente e comporem a parte principal da caricatura, os seus corpos e roupas não receberam o mesmo realce que, por exemplo, o figurão da cartola e sua mulher. Pelas vestimentas, nota-se que a família não integrava a parte mais abastada da sociedade fluminense e a despeito de desempenharem papel preponderante na caricatura, afinal foram os meninos os responsáveis pela aparição da desejada panturrilha, os rabiscos e os tons mais apagados utilizados na constituição de seus rostos e vestimentas são os mesmos adotados para a multidão. O modesto chapéu utilizado pelo pai indica que talvez se tratasse de um pequeno comerciante, um maquinista ou um roceiro, afastado das áreas urbanas que visitava a corte pela “boa música”, “iluminação brilhante” e “fogo[s] de artifício” que a Festa da Glória proporcionava.²⁹¹ O traço do anônimo caricaturista demarcava diferenciações sociais para os levados meninos e, porventura, seus pais que não se alinhavam entre as personagens abastadas da primeira linha, antes compunham a multidão amorfa, tecido mais espesso da sociedade.

Contudo, nesse momento, mais importante do que a separação de classe realizada pelo traço do ilustrador, é a pluralidade social presente na cena que chama a atenção: madames, nacionais ou estrangeiras, jovens e famílias abastadas e modestas, dividiam o mesmo espaço

²⁹⁰ DEL PRIORE, Mary. *Op. cit.*, p. 195.

²⁹¹ *Semana Ilustrada*, ano 12, nº 611, p. 5, 26 de ago 1872.

na caricatura que ainda trazia, discretamente, no canto inferior esquerdo da imagem, quitandeiras “filhas da guiné” e seu tablado de venda. Em contraposição ao público “artista e delicado” dos dramas do talentoso Rossi, dos clubes, salões e cafés, a nova década iniciava-se na *Semana* com a “multidão” ansiosa para ver o ator cômico Taborda, assistir aos *vaudevilles* e operetas do Alcazar e do Ginásio, ir às praias ou aos festejos de rua, como a Festa da Glória. Entre esses novos espaços e elementos urbanos da corte evidenciam-se denominadores comuns, como diversão, humor e maior participação social. Se, em Paris, nos finais da tarde, a multidão invadia os cafés de *boulevard* e se acotovelava na fila dos teatros à espera de prazer, no Rio de Janeiro, da década de 1870, parecia nascer um elemento novo, que mais tarde Walter Benjamim veria como a essência da própria modernidade, a multidão.²⁹²

A cidade sofria mudanças. Fazendas e chácaras eram pouco a pouco compradas e loteadas. Na junção de interesses entre agentes do capital imobiliário e empresários da área de transporte, a partir dos anos de 1870, o crescimento da urbe em direção às novas áreas era estimulado pela expansão das linhas de bonde.²⁹³ Na Paris da década de 1860, o lápis de Daumier retratava o cotidiano nos transportes coletivos, cenas que ganharam, no Rio de Janeiro, força no final da mesma década.²⁹⁴



DIALOGO N'UM «BOND.»
SOROR THEREZA: — (ao frade) Não me toque nos pés; respeite uma irmã da Caridade!
JESUITA: (com voz de flauta) Quem me dera ser cunhado dessa grande virtude!

Figura 74 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 450, p. 8, 25 de jul 1869.

DIÁLOGO N'UM “BOND”.

Soror Thereza: - (ao frade) Não me toque nos pés; respeite uma irmã da caridade!

²⁹² Ver SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Op. cit.*, p. 47 e AMARAL, Aracy. *A imagem da cidade moderna: o cenário e seu acervo*. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994. Apud: GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, nº 18, p. 277-240, jan.-jun. 2009, p. 237.

²⁹³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 52.

²⁹⁴ Idem.

Jesuíta: (com voz flauta) Quem me dera ser cunhado dessa grande virtude!

Como causa e efeito desse crescimento, os bondes, que revolucionou o transporte de pessoas, possibilitava outro tipo de mobilidade urbana, facilitando a frequência aos novos espaços de entretenimento. No entanto, mais do que simples meio de locomoção, o bonde também acabou por se transformar em mais um espaço de interação social, onde o encontro de grupos e diferentes classes era inevitável. Segundo o Moleque, “quem é que, neste Rio de Janeiro, ainda não entrou em um *bond*?”. Moços, velhos, homens, mulheres, crianças, negros, brancos, sujos, limpos, engravatados ou não que, por apenas 200 réis, não tiveram a honra de entrar nessas “sumacas terrestres”, no qual os moleques chamavam “pura e simplesmente de *bond*”.²⁹⁵

As crônicas da *Semana* não desprezavam o que se passava nesses espaços e ao Moleque cabia escutar as conversas dos passageiros. Mais gordos que um tenor do teatro lírico, dez passageiros falavam sem parar: um sobre o Clube Republicano, outro contra os civilizadores que derrubavam as árvores do cais da Glória e outros praguejavam contra os meninos que, depois das onze da noite, levantavam grandes nuvens de poeira por todas as ruas. O Alcazar, a polícia, os ladrões, feiticeiros e vendedores de falsos bilhetes de loteria também eram assunto, tal qual certas senhoras “que comprem escravas para tê-las expostas, todos os dias, nas janelas, sujeitas aos mais torpe comércio, que a moral, indubitavelmente, não pode aprovar (que homem atrasado!) [...]”.²⁹⁶

Os bondes tornavam-se elemento crucial no cenário urbano da corte e, assim, a *Semana* não se furtava a criticar o serviços e fornecer comentários e sugestões para a sua melhoria. Os responsáveis pelo periódico evocavam o exemplo de Buenos Aires, onde as linhas chegavam a todos os arrabaldes da cidade, o que ainda estava longe de acontecer no Rio de Janeiro.²⁹⁷ Afinal, moradores de diferentes localidades e classes queriam acesso ao transporte coletivo, a multidão dos festejos de rua, das praias e dos teatros cômicos também circulava nos bondes.

²⁹⁵ O Moleque da Semana. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 527, p. 3, 15 de jan 1871.

²⁹⁶ Idem, p. 6.

²⁹⁷ Bonds das Larangeiras. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 534, p. 7, 5 de mar 1871.



Figura 75 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 457, p. 4, 12 de set 1869.

BONDS PARA BOTAFOGO

- Não é carro, é uma caixa de sardinhas. Eu não sou sardinha nem camarão.
- Então vamos embora, papai!

Como tantos outros assuntos que diziam respeito à municipalidade, caso da alfândega, dos correios, da polícia e dos fiscais, os bondes ganhavam espaço na publicação. Por vezes, clamava-se pela presença de homens mais educados na estação do mangue, outras vezes o Dr. Semana pedia aos senhores da *Rio de Janeiro Street Railway Company* que cumprissem os horários divulgados nas tabelas e oferecessem melhores comodidades e serviços.²⁹⁸ Já os moradores do Cosme Velho remetiam petição ao Ministro do Comércio, Agricultura e Obras Públicas, apoiada pela revista, que citava o gerente da companhia férrea, Sr. C. B. Greenough, que deveria atender à demanda desses moradores.

Não é tarefa simples precisar exatamente o quão acessível tornavam-se as oportunidades de lazer e entretenimento oferecidas aos fluminenses menos abastados. A nova prática de ir às praias e desfrutar dos banhos *populares* é, por si só, uma nomenclatura reveladora. Porém, ainda pode somar-se a isso o grande sucesso da alcazalina Aimée, os preços módicos dos ingressos das peças de humor, as reformas do Teatro Ginásio e a proliferação das revistas ilustradas humorísticas. A multidão retratada na caricatura da Festa da Glória e descrita na peça humorística de Taborda poderia ser a mesma que disputava as

²⁹⁸ Correio da Semana Ilustrada. *Semana Ilustrada*, ano 11, nº 536, p. 3/6, 19 de mar 1871.

barracas de “preços razoáveis” nas praias, os acentos nos bondes e o os ingressos mais acessíveis das operetas do Alcazar e dos *vaudevilles* do Teatro Ginásio.

Diferentemente dos primeiros exemplares da *Semana Ilustrada*, nos quais se caricaturava o notório abismo entre os freqüentadores do Clube Fluminense e do Tetro São Pedro e aqueles trabalhadores das ruas e oficinas, como pretos de ganho, pretos tigres e lavadeiras do Campo de Santana, agora, no início dos anos de 1870, a revista litografava a presença nas ruas e casas de espetáculos dos setores médios. Não é demais supor que, na década de 1870, novas áreas públicas, meios de transporte, teatros, estabelecimentos e impressos periódicos atingiam uma parcela maior da sociedade, ou seja, popularizavam-se.

4.5. Instrução pública, a Lei de 1871 e a formação de um povo.

É interessante notar como as referidas transformações se faziam presentes na revista, que também tinha que se reinventar, depois de vários anos de circulação. Se, no primeiro ano, a dupla símbolo aparecia como aguerridos aventureiros, prontos para lutar contra os tipos e os problemas que assolavam a capital do Império, na edição de comemoração do aniversário de dez anos, o Moleque e o Dr. Semana eram distintos cavaleiros enobrecidos, desfilando os seus dotes.



Figura 76 – *Semana Ilustrada*, nº 520, p. 4/5, 27 de nov 1870.

Non anni domuere decem. Tradução do Moleque – Nem dez anos me moeram.

Depois de dez anos de vida, o cavalheiro de batalhas e aventuras, Dr. Semana, por entre admiradores e inimigos, prometia continuar lutando pelo ideal que trazia estampado no seu escudo medieval: *Ridendo Castigat Mores*. Como Dom Quixote, o anti-herói, sempre fiel aos seus princípios, era acompanhado por seu leal escudeiro, o Moleque. Mais nobres, refinados e guiados por sublime e angelical figura, que trazia os dizeres *constância e perseverança*, a dupla desfilava, altiva e elegante, deixando de ser apenas perseguidores para tornarem-se o centro da atenção de todos, fossem críticos ou donos das novas folhas periódicas.

Na caricatura comemorativa, a *Semana Ilustrada* era representada como o grande ícone da imprensa ilustrada, porém, também marcante era o bando áspero de opositores que levantavam suas lanças contra o Moleque e o Dr. Semana. Ferramenta crucial para a criação das ilustrações e textos do periódico, a lanças eram *portas-crayons*, também empunhado pelo Dr. Semana. O número elevado de “lanças crayon” apontado para os personagens maiores da *Semana* pode ser lido como alusão do aumento de folhas humorísticas ilustradas concorrentes, como *A Vida Fluminense* e *O Mosquito*, que contaram com o traço distinto de Angelo Agostini.

Entre tantas caras que apontavam suas armas, outras que fugiam e se escondiam, uma destaca-se pela representatividade que possui. Alocado na parte superior da imagem, atrás do Moleque, uma figura um tanto estranha apresentava-se com um *barrete frígio* na cabeça, símbolo dos adeptos da liberdade, da democracia e também da república. Marca do novo momento político vivido no país, o símbolo era agora incorporado na comemoração do aniversário da folha.

O Império acabava de sair de uma guerra dura e custosa e o governo era alvo de críticas. Para muitos, a monarquia e a escravidão eram agora associados ao atraso e ao passado colonial enquanto a República e o trabalho assalariado livre ao progresso e ao futuro. De fato, a expansão urbana e suas atividades econômicas davam força para novas camadas sociais que, sem possuir terras ou escravos, ansiavam por um estado burocrático legal e menos oligárquico. A década de 1870 foi, de forma mais efetiva, o momento que grupos e associações marcariam seus desejos por transformações políticas, econômicas e sociais do país.²⁹⁹ Vários grupos articulavam-se em prol da descentralização política, administrativa,

²⁹⁹ Angela Alonso marcou precisamente as afinidades e distâncias políticas, teóricas, sociais, regionais e de espaços de atuação daqueles que posteriormente ficariam conhecidos como a Geração de 1870. Na intenção de melhor tornar parelho o país com o ocidente liberal, tais pensadores discutiram os males coloniais que ainda assolavam a nação, como o regime político aristocrático, a economia escravista e a monarquia católica, contudo, a pluralidade de ideias e posicionamentos foi um marco importante da Geração. ALONSO, Angela. Apropriação

tributária e pela criação de uma infraestrutura de comunicações e transportes que favorecessem a expansão das atividades econômicas. No decorrer dos anos, as reformas tornavam-se cada vez mais consensuais e algumas delas chegaram a realizarem-se. No entanto, o personagem do *barrete frígio* representava os que sonhavam com a imediata instalação do regime republicano e a abolição da escravidão.

Os aliados dos estamentos políticos oficiais, criaram jornais, associações e refletiram sobre a sociedade brasileira, ainda que com diferentes proposituras teóricas e propostas de ação, esses grupos uniam-se em torno da contestação ao *status quo* imperial.³⁰⁰ A expressão facial um tanto lesiva do jovem remete para o modo que, não raro, eram identificados certos republicanos e abolicionistas que, longe das esferas de representações políticas formais, apelavam para incitações públicas e para a imprensa engajada, da qual a *Semana* não participava.



Figura 77 – *Semana Ilustrada*, nº 520, p. 4/5, 27 de nov 1870.

{Vão-se embora enfadadinhos Sem um adeus me dizer
As saudades que me deixam Por X réis posso vender}

Moleque. - Lá vão eles, Nhonhô.

Dr. Semana. - Deixa-os seguir em paz! Coitadinhos.

Moleque. - Mas pelo menos alcancei que se pusessem ao fresco.

Dr. Semana – Tu? Sempre mostras que és moleque!

Moleque. – É justamente por isso, vou dizer-lhes Adeus: Adeus colegas, flor da minha gente!

Na imagem acima, a personagem do barrete frígio voltava a aparecer e, mais uma vez, era associada à imprensa da época. Junto com um grupo de homens, que portavam pastas e

de ideias no Segundo Reinado. In: GRINBERG, Keila & SALES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 99/112.

³⁰⁰ ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 263/265.

manuscritos com o título *República* e *Artigos de fundo*, a personagem, tal qual seus companheiros, procurava meios para publicar os textos. Contrariamente à caricatura que marcou os dez anos da revista, dessa vez o Moleque e o Dr. Semana não eram apresentados na condição de alvos, tratava-se, na verdade, de angariar espaços na imprensa para disseminar ideais que, contudo, não seduziam os protagonistas da *Semana*.

É patente que se ensaiavam novas maneiras de atuar politicamente, conjuntura que contribuiu para a mobilização dos intelectuais mais jovens que, inspirados no cientificismo, no positivismo e no novo liberalismo, foram denominados de Geração de 1870.³⁰¹ Esse repensar do país e suas estruturas políticas e sociais não deixou de afetar a *Semana Ilustrada*, tanto que no final de 1869 a coluna *Pontos e Vírgulas*, que desde novembro de 1866 ocupava lugar de destaque na revista, deu lugar à seção *Badaladas*, que estreou defendendo o cientificismo e o determinismo racial:

O meu prezado amigo, que me precedeu nestas colunas, escrevendo os Pontos e vírgulas, - não podia suportar que a medicina curasse afeições morais.

Achava nisto charlatanismo.

Era engano.

As doenças morais são primas-irmãs das doenças físicas.³⁰²

Badaladas acompanhou a revista até seus últimos números o que marcou fortemente a publicação na sua fase final, quando liberalismo e positivismo inspiravam políticos, bacharéis e escritores brasileiros. Contudo, em *Badaladas* outra doutrina política era vítima do humor debochado da revista. O cronista pedia que os leitores não rissem, mas as revoluções eram apenas filhas dos estômagos vazios e os conservadores seriam os únicos a tê-los cheios. Sem trair o espírito humorístico da publicação, o cronista assegurava que um bom bife e a igualdade dos jantares era um princípio de ordem que resumia o socialismo. Ainda, remetia ao escritor francês Nicolas Chamfort (1740/1794), segundo o qual a sociedade era composta por apenas duas classes: os que possuem mais jantares do que apetite e aqueles que possuem mais apetite do que jantares.³⁰³

As novas seções e colunas da revista não aprofundaram tais questões, mas inegavelmente alguns comentários estavam em sintonia com as novas ideais que varriam o país. A história nacional deixava de ser lida sob a chave do indianismo romântico e da historiografia do IHGB em prol da ótica da “política científica”, que buscava explicar o nosso

³⁰¹ ALONSO, Angela. *Ideias em movimento...*, p. 284.

³⁰² Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 446, p. 2, 27 de jun 1869.

³⁰³ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 537, p. 2, 26 de mar 1871.

atraso e incapacidade de abraçar o progresso.³⁰⁴ Num contexto em que o sentimento em prol de reformas crescia e grupos de diferentes segmentos sociais tomavam a cena pública, *Badaladas* eximia-se e alegava não pretender discutir política:

Por isso digo bem, quando afirmo que não entendo de política.
Ninguém chama, para ver um doente, médico que não seja formado.
Nem entrega processo senão a legista que possua um título.
Isto é:
Não se confia a saúde, nem as algibeiras, senão a quem tenha estudos competentes.
Porque não acontecerá o mesmo em política?³⁰⁵

O cronista opunha-se aos que aprendiam política na Rua do Ouvidor ou no Café Chanceler e também a alguns governistas que, entre dois charutos de Havana, queimavam as pestanas a propósito de Montesquieu e Guizot.³⁰⁶ A exemplo de outros saberes, a legitimidade da política deveria provir do da ciência e não das opiniões de leigos. A revista não se comprometia com os clamores que pregavam grandes transformações do país, como o fim do regime monárquico, porém, alertava sobre os novos valores do *saber*, que eram cada vez mais atrelados as áreas, subáreas e ramos da ciência, símbolos de uma sociedade moderna. Contudo, em 1871, no contexto dos fortes debates sobre a Lei do Ventre Livre, a *Semana* não se ausentou:



Figura 78 – *Semana Ilustrada*, nº 550, p. 8, 25 de jun 1870.

A velha: - Ah! Tu não queres lavar a tua roupa suja em casa? Pois lava-a já e já, senão hás de lavá-la em público e *diante de todo o mundo*.

³⁰⁴ ALONSO, Angela. Apropriação de ideias..., p. 105/108.

³⁰⁵ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 446, p. 3, 27 de jun 1869.

³⁰⁶ Idem.

A moça: - Como hei eu lavá-la, se não me querem dar com que! Se pelo menos dessem um bom *sabonete*!...

Na caricatura, a alegoria indígena voltava a representar o país. A velha que trazia na barra da saia o nome *Europa*, pressionava com uma colher de pau a jovem nação a lavar suas roupas sujas. De forma cômica, a ilustração fazia clara alusão à pressão internacional para o fim do trabalho escravo. A jovem nação, que havia adiado as discussões devido à Guerra do Paraguai, não poderia mais fugir do problema. Depois da Guerra de Secessão, Estados Unidos e Grã-Bretanha intensificavam suas campanhas contra a escravidão nas antigas colônias espanholas e portuguesas. E o Brasil, como a maior concentração de trabalho escravo da América Latina, era um alvo prioritário.³⁰⁷ Para lavar o saco de roupas sujas, ou seja, dar solução para a questão escravista do país, a *Semana* deixava de lado a figura masculina do Sr. Brasil e caricaturava uma alegoria feminina. O país encontrava-se entre uma senhora que prometia expor a nação “diante de todo o mundo” e o saco de roupas sujas do *elemento servil* que poderia causar fortes desavenças e comprometer os alicerces do poder, a classe senhorial.³⁰⁸ Para expressar o grau de coação, a representação feminina era mais condizente com o momento de pouca autonomia diante de poderes truculentos e antidemocráticos, como o imperialismo britânico e os escravistas e latifundiários brasileiros.

Nas crônicas de *Badaladas*, mais do que apoio ou renúncia ao projeto do gabinete Rio Branco, o autor expressava certo ceticismo diante das opiniões fervorosas da imprensa e daqueles que se colocavam pró ou contra a Lei. Numa das edições da seção, reproduzia-se diálogo entre o Dr. Senso Comum e o Filósofo amador do *status quo*, que expressava o deboche frente à mesmice das discussões. Na disputa, o Dr. Senso Comum lembrava que a casa apodrecia e estava prestes a desmoronar caso não se fizessem reformas, enquanto o Filósofo retrucava que o edifício poderia sim manter-se, com destaque para seu excelente quarto que superava eventuais comprometimentos de outras partes da residência.³⁰⁹

Aprovada a Lei, a revista saudou o Gabinete Rio Branco e o Imperador, tornados heróis e mentores do grande feito. Apesar de agradecer as assembleias provinciais, às associações emancipadoras e ao espírito filantrópico dos brasileiros, a gratidão foi para o Gabinete, que lutou contra interesses feridos e ideias retrogradadas, e para o Imperador, por seu

³⁰⁷ Sobre o tema ver: DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

³⁰⁸ Para Ricardo Salles: “O poder imperial foi o poder da classe senhorial”. Ver: SALLES, Ricardo Henrique. O Império do Brasil no contexto do século XIX. Escravidão nacional, classe senhorial e intelectuais na formação do Estado. *Almanack*. Guarulhos, n.04, p.5-45, 2º semestre de 2012, p. 38/39.

³⁰⁹ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 546, p. 2, 28 de maio 1871.

“generoso empenho de fazer realizar a grandiosa ideia da libertação do escravo”. Segundo a revista, esses eram os grandes responsáveis por dissiparem a única nuvem que ofuscava o brilho do horizonte brasileiro, “marco miliário na estrada da civilização e do progresso”.³¹⁰



Figura 79 – *Semana Ilustrada*, nº 565, p. 8, 8 de out 1871.

28 de setembro de 1871.

Vincula servituti tandem sunt saeva remissa.

Na gravura, a figura feminina destruidora das correntes que escravizavam os filhos dos aprisionados trazia na gola do manto o nome *Gabinete*.³¹¹ A ilustração que celebrava a aprovação da lei institucional atribuía, novamente, o mérito para o gabinete conservador presidido pelo Visconde de Rio Branco. Dando a tais políticos o status de “anjos da liberdade”, a data também foi comparada à Independência, numa cronologia histórica que colocava a aprovação da Lei como mais uma etapa de emancipação do país, levada a cabo pela monarquia:

O mês de setembro, o mês da primavera e das flores, é duplamente lisonjeiro ao grande Império Americano.

O dia 7 raiou para registrar na lista das nações independentes a autonomia do nascente Império.

³¹⁰ O dia 27 de setembro! *Semana Ilustrada*, nº 564, p. 2, 1 de out 1871.

³¹¹ Além do ventre livre, a Lei de 1871 reconhecia legalmente vários direitos que na prática já eram costumes conquistados pelos escravos. Entre outros, o direito de conseguir a liberdade por meio de pecúlio sem o consentimento do senhor, por exemplo, dividia a autonomia do senhor sobre o cativo com as leis e regulamentações jurídicas, já que, depois de 1871, o senhor não era o único a ter o domínio de libertar. As disposições da lei, segundo Chalhoub, “foram ‘arrancadas’ pelos escravos às classes proprietárias”. CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p. 157/160.

O dia 27 dissipou do horizonte brasileiro a única nuvem que lhe ofuscava o brilho.

O primeiro consagrou a independência de um povo.
O segundo veio alumiar a liberdade em sua plenitude.³¹²

O periódico de Fleiuss amenizava as desconfianças e os clamores por mudanças e não era por acaso que insistia no papel do gabinete conservador e do monarca enquanto arautos no avanço rumo ao fim da escravidão. Noutros termos, a publicação parecia confiar na capacidade do poder estabelecido para realizar as reformas necessárias, de modo a esperar que a administração monárquica ainda colocasse a nação “ao lado das mais importantes e civilizadas nações do mundo”.³¹³

Com um tom quixotesco em relação aos ácidos republicanos e às novas tendências políticas que ganhavam repercussão no momento, a *Semana* idealizava as reformas por um viés mais conservador. Se os escritos revoltosos e os ideais abolicionistas e republicanos não eram difundidos nas páginas da *Semana Ilustrada*, essas não deixaram de acatar ideais reformistas por um país sem as algemas e atrocidades do cativo. No momento que se delineavam vários caminhos e ideários a seguir, propostos por diferentes grupos e segmentos sociais, a revista ainda apostava na ação do poder público como meio de transformação da sociedade brasileira. Entretanto, por mais diversas que fossem as posições, a *Semana Ilustrada*, a exemplo de liberais republicanos, abolicionistas positivistas e federalistas científicos, convergiam quando o tema era a importância da educação e da universalização do ensino básico.³¹⁴

Em 1871, em meio às acaloradas discussões sobre a questão do elemento servil, um colaborador anônimo da *Semana* lembrava que, além da emancipação, seria “de boa política instruir os libertos”. Para realizar o projeto, acreditava-se em iniciativas como a dos estudantes baianos, que dispunham de biblioteca, escola noturna e professores de português e de filosofia para transmitir aos escravos e libertos ideais da boa moral. A crônica fazia menção ao relatório do francês Sr. Hippeau, impresso pela Tipografia Nacional, que estudou como nos Estados Unidos deu-se o processo de instrução dos emancipados, tido como grande fator que garantiu a formação de cidadãos úteis à república. Segundo o articulista da *Semana*, aqui as gerações futuras sofreriam “terríveis calamidades” se o cenário não mudasse de modo a fazer do governo representativo e da opinião pública mais do que meras metáforas.³¹⁵ Já em

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

³¹⁴ ALONSO, Angela. Apropriação de ideias..., p. 109/111.

³¹⁵ Um bom exemplo. *Semana Ilustrada*, nº 551, p. 2, 2 de jul 1871.

Badaladas, o redator recusava-se a gastar tinta e papel para afirmar que “a instrução é necessária ao povo”, preferindo recorrer à bela definição de um poeta cearense:

Daí ao povo um livro! Sim!
Quem n'um livro há muita luz!
Quem ao povo nega um livro
Cospe lama sobre a cruz!³¹⁶

Cobrava-se providências do Estado, que deveria garantir os alicerces da instrução pública. Apesar de ver com bons olhos os projetos na Câmara para criação de uma universidade, as reformas para criar o verdadeiro povo e, transformar aqueles que não sabiam ler em efetivos eleitores, passava pela criação de “um vasto sistema de instrução popular”.³¹⁷

Estudos, academias, *ciência*, escolas e instituições de formação para as novas gerações ganhavam espaços nas publicações no semanário do Moleque e do Dr. Semana. A revista divulgava impressos de cunho científico e apregoava a necessidade de instituições de ensino básico como elemento de transformação do país. Fora do contexto fluminense, por exemplo, foi saudada a abertura do Colégio Vassourense que, com vagas para alunos internos, externos e meio pensionistas, tinha todo o necessário para que o aluno ingressasse numa academia no Império.³¹⁸ Na seção *Badaladas*, as notícias vinham da província de São Paulo, com críticas à atitude de uma folha de Itu que não apoiou escola noturna para operários da cidade: “É realmente singular que, quando se trata de instrução, certos homens façam uma legião de obscurantismo, como se da luz esperassem todos os males”.³¹⁹

A eminência do fim do regime escravista e da ascensão de novos conceitos de organização social transformava os olhares acerca de caridade e pobreza e redefiniam percepções sociais no âmbito do civilizar e disciplinar. O mundo senhorial, pautado na hierarquia, autoridade, dependência e no encobrimento das solidariedades horizontais, desfigurava-se como forma de controle por novos antagonismos.³²⁰ Agora, intervir nos hábitos e no comportamento das classes populares, muitas vezes intituladas no período de “classes perigosas”, significava a *regeneração* por meio da moral, da religião, do trabalho, da economia e do núcleo familiar. Princípios esses embutidos na *educação*.³²¹

Nas décadas de 1870 e 1880, os debates acerca do processo de abolição e (re) ordenamento das relações de controle estimularam ainda mais projetos de *instrução pública*,

³¹⁶ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 544, p. 3, 14 de maio 1871.

³¹⁷ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 555, p. 2/3, 30 de jul 1871.

³¹⁸ Collegio Vassourense. *Semana Ilustrada*, nº 453, p. 7, 15 de ago 1869.

³¹⁹ Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 529, p. 2/3, 29 de jan 1871.

³²⁰ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 44.

³²¹ GRONGA, José Golçalves. & SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 75.

que deveriam atingir maior parcela da população. Mesmo na primeira metade da década de 1870, a temática já tomava conta da *Semana Ilustrada* que enaltecia as instituições acadêmicas e as publicações científicas e literárias, além de declarar seu apreço quando se tratava da construção e abertura de escolas e colégios. O *Terceiro livro de leitura* de Abílio Cesar Borges, foi muito saudado e o autor caracterizado como um homem que se dedicava ao progresso da sociedade brasileira por sua vocação em acreditar na educação e na infância como um ornamento futuro da pátria. Segundo a revista, Abílio Cesar Borges, na função de educador e diretor do Ginásio Baiano, era reconhecido do norte ao sul do Império, contudo, o feito que recebia grande atenção era a abertura do Colégio Abílio, na Rua do Ipiranga nº 4, que oferecia todo o conforto para a formação dos jovens das famílias fluminenses.³²² Os labores dos estudos poderiam ser a chave para a inflexão da história de incivilidade do país, daí a inquietação com a formação de sistemas escolares.

Na década de 1840, a criação em Niterói da Escola Normal, destinada à formação de professores, e a Lei provincial de 1837, mostravam que há tempo o governo se interessava em regular a educação no Império. Entretanto, os primeiros “palácios escolares”, ou seja, prédios destinados às escolas primárias, só foram construídos a partir de 1871. Nesses anos, sob a iniciativa da Câmara Municipal, edifícios com capacidade de abrigar cerca de 600 crianças foram erguidos, caso da Escola de São José, na freguesia de mesmo nome, e da Escola de São Sebastião, na Praça Onze, região de significativa população negra.³²³ Na *Semana Ilustrada*, foi o Colégio Brasileiro, construído no bairro das Laranjeiras nº 95, que chamou atenção. Dirigido por D. Florinda Fernandes e voltado somente para a educação de meninas, o espaçoso colégio disporia de professoras treinadas na Inglaterra, França e Alemanha. Admitindo só pensionistas, apostava na regularidade dos estudos, da alimentação e das horas exatas de sono como os melhores meios para garantir a saúde e a higiene. Sem as distrações em casa e das idas e vindas do colégio, o “ótimo estabelecimento de educação” seria indispensável para aqueles que se interessavam pelo progresso moral e intelectual das jovens, que deveriam aprender “a ser verdadeiras mães de família”.³²⁴

Ademais os colégios caros e elitistas, a *Semana* parabenizava também a escola noturna gratuita para adultos aberta pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, na Rua do Hospício, nº 268.³²⁵ Longe de ser uma iniciativa isolada, a Sociedade Propagadora da

³²² Badaladas. *Semana Ilustrada*, nº 555, p. 6, 30 de jul 1871 e Colegio Abilio. *Semana Ilustrada*, nº 556, p. 3, 6 de ago 1871.

³²³ GRONGA, José Golçalves & SCHUELER, Alessandra. *Op. cit.*, p. 75.

³²⁴ Collegio Brasileiro para educação de meninas. *Semana Ilustrada*, nº 525, p. 7, 1 de jan 1871.

³²⁵ Parabens. *Semana Ilustrada*, nº 400, p. 7, 9 de ago 1868.

Instrução pelas Classes Operárias da Lagoa, criada em 1872, e a Associação Comercial do Rio de Janeiro, em colaboração com órgãos públicos, criaram, na mesma época, cursos noturnos para trabalhadores no Colégio São Clemente, em Botafogo, e modernos prédios escolares para instrução primária e profissional na cidade. A partir dos esforços de particulares e do Estado, a educação de adultos trabalhadores integrava um movimento em prol da modernidade.³²⁶

Com “palacetes” escolares, colégios internos e cursos noturnos voltados para trabalhadores, a *Semana Ilustrada* apostava na ampliação dessas instituições de ensino para transformar em *povo*, paulatinamente, a população marcada pela cor da pele, pobreza, escravidão e distância das linguagens e comportamentos da elite letrada. O impresso periódico de Henrique Fleiuss não compactuou e bradou por muitas das mudanças políticas sonhadas pelos reformistas mais radicais, todavia, compartilhava-se a crença de que medidas visando a formação escolar e a *instrução pública* substituiriam o mandonismo, a violência e as relações paternalistas de um mundo pautado na mera expansão da vontade senhorial sobre escravos e subalternos.³²⁷

O novo vocabulário que figurava nas colunas da revista (*instrução do povo, senso comum, opinião e instrução pública*) indiciava que, além da jovem aristocracia erudita, pensava-se na formação de um contingente mais amplo que servisse ao avanço da nação. Menos preocupado com o nivelamento social e mais angustiado com o controle das “classes perigosas”, tratava-se de alertar para as consequências ruins de uma população livre das amarras da escravidão. Dessa maneira, ao invés do simples desvencilhar-se dos escravos, a ideia de civilização do país incluía a intervenção por meio da *instrução*, capaz de difundir os princípios do trabalho, da moral, da *ciência*, da indústria, da higiene, da família e do patriotismo.

³²⁶ GRONGA, José Golçalves & SCHUELER, Alessandra. *Op. cit.*, 73/76.

³²⁷ Sidney Chalhoub esclarece que o paternalismo “trata-se de uma política de domínio na qual a vontade senhoril é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana. Além disso, e permanecendo na ótica senhorial, essa é uma sociedade sem antagonismos sociais significativos, já que os dependentes avaliam sua situação apenas na verticalidade, isto é, somente, a partir dos valores ou significativos sociais gerais impostos pelos senhores, sendo assim inviável o surgimento das solidariedades horizontais características de uma sociedade de classes”. CHALHOUB, Sidney. *Machado de...*, p. 47.

CONCLUSÃO

Inspirada em Molière, que fazia a corte francesa rir dos seus vícios e tipos, a *Semana Ilustrada* também precisava agradar a Corte instaurada nos trópicos e a instá-la a rir de si mesma. Os jovens dissimulados, as jovens namoradeiras, as velhas tias, os velhos gaiteiros, os perdigueiros, pavões e jacarés na porta dos estabelecimentos, os maus maridos e as esposas adúlteras eram exibidos ao público semanalmente. A *Semana Ilustrada* e suas caricaturas atuavam como uma *lanterna mágica* que se projetava para os embaraços de suas vidas cotidianas, com seus ritos, juras mesquinhas e posturas cínicas.



Figura 80 – Semana Ilustrada, ano 1, nº 26, p. 4, 9 de jun 1861.

- Que desgraça, meu amo! Venha depressa... elas caíram...
- Ai de mim! Que infelicidade! Pois caíram as ações do banco!
- Não, senhor; foi minha ama e sua filha que rolaram pela escada abaixo.
- Louvado seja Deus; que susto me pregaste! Ainda bem, vai ajuda-las.

Nas ruas da cidade, marcadas pela pobreza, trabalho duro, relações e práticas derivadas da escravidão urbana, a *Semana* denunciava a sujeira, o mau cheiro, as enchentes, a falta de arborização, praças e passeios públicos considerados indignos da capital de um Império. Os precários serviços do correio, da alfândega, do policiamento e dos fiscais da Central da Higiene confirmavam a incapacidade dos poderes públicos em ordenar o espaço urbano. Assim, a chamada “boa sociedade” precisava dividir espaço com carroceiros, pretos de ganho, pretos tigres, moleques, mendigos, lavadeiras e ratoneiros. Sociabilidade indesejada, registrada nas crônicas da revista, que clamavam por providências, que eram saudadas quando encontravam eco nas ações do Estado.



Limpeza publica das ruas e praças da cõrte.
Caridade do Sr. Capitão Pimentel, que encarregou-se da affanosa tarefa de dar occupação a quem não a tem.
 (Continue, Sr. Capitão, continue, que faz bom serviço ao seu país.—O MOLEQUE DA SEMANA).

Figura 81 – Semana Ilustrada, ano 3, nº 130, p. 4, 7 de jun 1863.

Caridade do Dr. Pimentel, que encarregou-se da afanosa tarefa de dar ocupação a quem não tem.
 (Continue, Sr. Capitão, continue que faz bom serviço ao seu país – O Moleque da Semana).

A limpeza das ruas, que também se estendia ao mundo social, era aplaudida pela *Semana*, que também apregoava o engrandecimento da nação via indústrias, melhorias nas técnicas agrícolas, escolas e dedicação às ciências. Apesar de discutir fatos políticos e mazelas que, supostamente, impediam a nação de entrar decididamente no caminho do Progresso, a revista nunca abandonou o humor, inspirado nas ruas do Rio de Janeiro, temática recorrente nos textos e caricaturas do semanário.

Na *Semana Ilustrada* a política partidária não se constituía protagonista principal. Os grupos, os partidos, os candidatos e os boatos do mundo do poder ganhavam espaço nas crônicas e nas imagens do impresso. Contudo, a publicação, espectadora atenta que trazia para suas páginas as discussões da Câmara, também dava abrigo às notícias que agitavam os cafês, as beldades dos bailes noturnos e observava outros cenários e movimentações sociais, sem omitir a cidade negra, das quitandeiras, dos vendedores ambulantes e dos barbeiros.

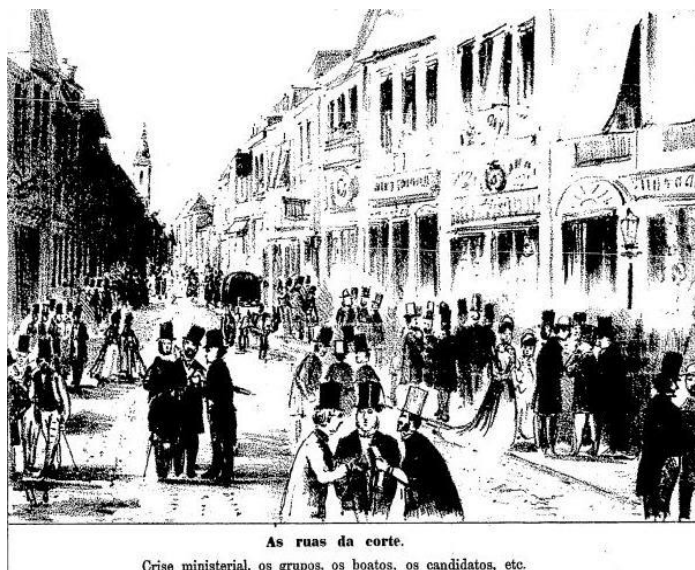


Figura 82 – *Semana Ilustrada*, ano 6, nº 296, p. 5, 12 de ago 1866.

Crise ministerial, os grupos, os boatos, os candidatos, etc.



Figura 83 – *Semana Ilustrada*, ano 8, nº 376, p. 8, 23 de fev 1868.

Por causa do câmbio,

Custa agora um caju, 500rs; uma barba, 320rs; uma tampa de camelô, 400rs; um figo, 200rs; um ramo de flores, 2\$000. Carne seca, feijão, milho, arroz, enfim tudo quanto vem de fora o triplo e o quádruplo.

E viva a especulação.

O compromisso era com o cotidiano de um espectador que parecia querer abarcar os múltiplos nuances da vida social, razão pela qual a *Semana* não só flagrava cativos e negros pobres em espaços públicos, mas em estabelecimentos comerciais, salões, restaurantes, cafés e no interior das casas. As sessões da Câmara, os discursos dos senadores e, ainda, os

camarotes, teatros, cafés, bailes e reuniões requintadas, embaladas pela boa música, bebida e charuto, não satisfaziam os responsáveis pela revista, que gostava de esgueirar-se pelo corredor, para as vielas e cantos, para flagrar, quem sabe, o namoro de um casal de serviçais ou a astúcia de um moleque levado.



Figura 84 – Semana Ilustrada, ano 5, nº 247, capa, 3 de set 1865.

Em passant.

- Mucho lo quieres,
- Poco pedi,

- Quieres um beso?
- damelo – si!



Figura 85 – Semana Ilustrada, ano 7, nº 336, p. 5, 19 de maio 1867.

Lavadeira e cozinheiro.

Faz vestido – a lavadeira
Dos sobejos – da *gamella*;

Faz casaca – o cozinheiro
Dos sobejos – da *panella*.



Figura 86 – *Semana Ilustrada*, ano 8, nº 369, p. 4, 5 de jan 1868.

A boca que fala.

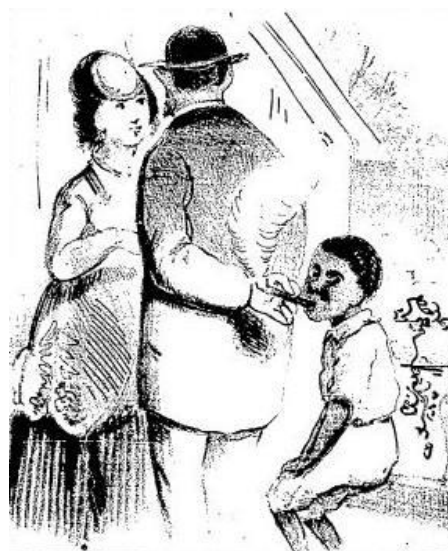


Figura 87 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 453, p. 4, 15 de ago 1869.

O Sr. Havanah di Trabuco
e o seu
SOCIO Moleco da Carioca.

É inegável que a zombaria caricatural de *Fleiss* pautava-se pela moralidade e boa dose de oficialismo, bem ao gosto da corte de D. Pedro II. Entretanto, os personagens principais da revista atuavam enquanto guias errantes e irônicos, sem seguir um plano determinado e que, não raro, revelavam-se atormentados, surpreendidos e atraídos pelo cotidiano atravessado por sujeitos sociais que possuíam visões de trabalho, de liberdade e de afeto que escapavam à hermenêutica da razão ocidental. Perante uma sociedade perpassada por regras marcadas pela onipresença da escravidão, sonhos de progresso e civilização, a *Semana* oferecia uma imagem que contradizia expectativas e provocava o riso. Essa chancela

marcante do humor do periódico está em consonância com a análise de Laura Nery que alerta para a ambiguidade curiosa da revista, capaz de mesclar em algumas de suas caricaturas elementos de insubordinação e provocação, num flerte com as vicissitudes do grotesco.³²⁸

Mesmo sem comportar traços humorísticos que afrontassem a escravidão e as tradicionais práticas de coação contra sujeitos e grupos subalternos, as caricaturas da *Semana* expressavam antagonismos sociais, raciais e sexuais, camuflados e contidos, muitas vezes, nos desejos íntimos da mentalidade da época. Tal característica do riso, mais voltado para o grotesco romântico possibilitou que a *Semana* diversifica-se o sentido da comicidade de costumes, que teve em Molière um de seus representantes mais importantes, e ampliasse o olhar para além dos limites convencionais de uma sociedade senhorial, pautada no poder quase absoluto sobre os subordinados.³²⁹

Mais do caracterizar sua labuta cotidiana nas ruas, casas, mercados e estabelecimento, aqueles sujeitos, que muitas vezes eram relacionados às “classes perigosas”, transformavam-se em personagens protagonistas das caricaturas, como na litogravura dedicada à uma jovem negra ou no beijo que enlaçava os grandes lábios do casal de negros. O cômico de costumes das caricaturas da *Semana* exibiu propriedades de corpos que não se coadunavam ao modelo da família patriarcal, ao culto da domesticidade e às características inerentes ao homem médio inglês, tido como o topo da pirâmide racial. O colo desnudo de uma meretriz, ou da “mulher leviana”, os lábios fartos dos cativos e os braços fortes de uma mucama masculinizada, traços de um possível travestismo, trazem um misto de derrisão e fascínio.

³²⁸ NERY, Laura. *Os sentidos do humor: Henrique Fleiuss e as possibilidades de uma sátira bem-comportada*. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 186.

³²⁹ Importante expoente dessa visão grotesca da época na Europa, Friedrich Richter (1763/1825), mas conhecido como Jean Paul, discutia em seus romances a defasagem entre o finito e o infinito, o nobre e o trivial e um humor prosaico e moralizador e outro niilista e subversivo. No grotesco romântico na Alemanha, a miséria, o sofrimento, a cisão e caos do mundo, provocam medo e a ironia seria uma vingança contra todos e a libertação a esses sentimentos. A essência dessa ironia não estaria ligada a este ou aquele aspecto da realidade, mas a ridicularização do mundo inteiro. O romance *Siebenkas* (1796) de Jean Paul, pode ser considerado o ponto de partida desse senso de humor grotesco. Numa tradição de dramaturgos e escritores, como George Buchner (1813/1837), Christian Grabbe (1801-1836), as personagens seriam como marionetes medíocres puxados por forças desconhecidas, um grotesco da existência e uma idiotia universal. MINOIS, Georges. *MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 529/530.



Figura 88 – Semana Ilustrada, ano 2, nº 61, capa, 9 de fev 1862.

- Oh! Caminho da vida nunca certo! Que venturas me trará o futuro!? O matrimônio tem seu lado belo, porém muitos espinhos crescem por entre as rosas que nos adornam!... Estou louca por ver o resultado do meu amor... Será moreno? Loiro! Deus me livre. Enfim... Entreguemos tudo à sorte e a minha boa estrela...



Figura 89 – Semana Ilustrada, ano 2, nº 91, p. 5, 7 de set 1862.

Se estes braços fossem meus, que magnífico par de pernas eu não mandava fazer!



— Ora, meu Deus! onde deixaria eu o meu coque?
 Estive em tantas casas.....
 — A quem não tem cabeça, de que lhe serve o coque?

Figura 90 – *Semana Ilustrada*, ano 9, nº 454, p. 4, 22 de ago 1869.

- Ora, meu Deus! Onde deixaria eu o meu coque? Estive em tantas casas...
 - A quem não tem cabeça, de que lhe serve o coque?

A motivação da *Semana* para ilustrar suas páginas com escravos, pretos, pretas, pobres, bêbados, mendigos, moleques, carroceiros, quitandeiros, meretrizes, lavadeiras e mucamas parece desnudar algo mais complexo, que na chave de Bergson denomina-se, “trote social” ou repressão social pelo riso. Apesar dessas imagens também expressarem relações de poder, domínio e domesticação, esses personagens mereciam atenção e despertavam a curiosidade, evidenciando certa atração pelas classes subalternas. As caricaturas que protagonizavam aqueles que, geralmente, só eram lembrados, retratados e vistos em seus momentos de servidão, deixavam de naturalizar e tender a compreender, pelo menos por alguns instantes, suas vidas, histórias e vontades, como meramente extensões e concessões do esforço em servir às classes brancas que sonhavam com o enobrecimento.

Apreciar essas iconografias da *Semana* faz lembrar outras formas artísticas contemporâneas que retrataram contextos semelhantes. Não foram poucas as pinturas e quadros relativos aos hábitos da população oitocentista e que tematizavam homens e mulheres negras. Ainda que figurassem como parte de um naturalismo exótico tropical, a inspiração para retratar esses sujeitos castigados pelas chagas da escravidão era tocada pelos traços de humanismo, dotados de sentidos plásticos não raro associados à adversidade. Assim como na

pintura de François Biard, *Fuga de escravos*, datado da época em que o pintor esteve no Brasil.³³⁰



Figura 91 – François Auguste Biard. *Fuga de escravos*, 1859.
Óleo sobre madeira 33 x 52 cm.³³¹

Henrique Fleiuss escolheu o humor como pedra de toque de sua publicação e fez de Molière seu grande mestre, mas entre caricaturas de serviçais, lavadeiras, cozinheiros e meninos de rua a *Semana* também produziu, assim como nas representações dos pintores viajantes, aspectos humanitários, não os circunscrevendo apenas aos traços pitorescos ressaltados em função da crença na incivilidade primitiva. Mesmo classificados pela literatura da época como povos sem história, devotos de pouca racionalidade e, ainda, integrantes do estágio infantil do desenvolvimento humano, Henrique Fleiuss, o Moleque, o Dr. Semana e a *Semana Ilustrada* pareciam reconhecer que, apesar da pobreza e do trabalho maçante, havia uma fortuna em sorrir, rezar, dançar e cantar, que nem mesmo a opressão proveniente da escravização não conseguia apagar.³³² Pelo número altíssimo de gravuras de negros, brancos pobres e mulheres, não necessariamente seguindo os preceitos do matrimônio e/ou da maternidade, o que se tem é uma relação intrincada nas caricaturas e textos da *Semana* que articula sujeira, impureza moral, irracionalidade e atraso, sem que isso implique ausência de

³³⁰ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994, p. 101.

³³¹ Coleção Sérgio Fadel: Rio de Janeiro. Brasil. Apud: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Op. cit.*, 102.

³³² Segundo Dagoberto Fonseca: “O riso e o sorriso do afro-brasileiro nascem com a intenção de agradecer a Deus, aos orixás, aos ancestrais, aos antepassados e aos antigos. Manifestam sua alegria pela vida e pela esperança de dias melhores e felizes para si e para os outros, apesar de todas as dificuldades. Essa relação com a vida não é alienante, mas o alegre e descontraído encontro do princípio da própria existência. Como diz a música, interpretada por Dona Ivone Lara, “um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade”. O riso e até mesmo a gargalhada dos afro-brasileiros é a expressão pura e simples de sua alegria de viver solto em seu movimento espírito-corporal, pois tem o básico: a vida”. FONSECA, Dagoberto José. *Você conhece aquela? : a piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 25.

humanidade, atração, astúcia, transgressão e fetiche.³³³ É certo que tudo não passava de uma piada, entretanto, cabe lembrar que uma piada nunca é somente uma piada.

Na década de 1870, a revista perdeu força e deixou de circular em 1876, circunstância que merece reflexão. Apesar de sempre demonstrar respeito e admiração pela família imperial, a revista nunca manifestou apoio deliberado a partidos, sistemas de governo, ideias reformistas ou de manutenção ao regime. Ideais hegemônicos do período, como progresso da nação, da lavoura, da indústria e da moral, ao lado da defesa da *instrução*, da *ciência* e da *educação*, que deveriam combater a incivilidade e os desvios do povo, sempre figuraram na *Semana*. Contudo, risos, ironias e humor, que muitas vezes pendiam para o grotesco, foram características constantes das crônicas e caricaturas, que sempre prevaleceram diante dos engajamentos políticos mais explícitos. Esse posicionamento político, imbricado no humor, que possibilitava que a *Semana* não se comprometesse com posições fixas, talvez já não conviesse para um momento em que os ideais de mudanças, reformas e transformações suscitavam paixões e discursos inflamados. As divagações do Moleque e o Dr. Semana, quem sabe, tornaram-se pouco compromissadas num cenário sócio político que exigia definições.



Figura 92 – Semana Ilustrada, ano 1, nº 42, capa, 29 de set 1861.

CAMINHO ESCABROSO DA SEMANA ILUSTRADA

- Ai! Nhônô! Tenha cuidado! Não vá machucar alguém! Olhe, olhe... por aí não... mais para a direita... Aí, aí... desvie o corpo, meu nhônô...
- Cala a boca, tolo; eu conheço este povo, e sei por onde hei ir indo... Bem vêes que até agora ninguém ainda se queixou, e, pelo contrário tenho recebido sempre aplausos!...

³³³ A vontade de caricaturar esses sujeitos, talvez, revele um fetichismo transferido para as ilustrações da *Semana Ilustrada*, uma contradição pessoal ou social deslocada para objetos, pessoas ou personagens. Residido entre psicanálise e história social, memória pessoal e memória histórica, o fetiche ganha credibilidade porque o indivíduo ao manipulá-lo libera prazer por controlar, simbolicamente, aquilo que na vida real foge de seu poder e de sua compreensão, o que ao todo configura-se um quadro de profunda ambiguidade de sentimentos. MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 276.



Situação política.
 DR. SEMANA. — Quero ver se escapo do caldeirão, sem cair nas brasas.
 MOLEQUE. — A empresa é difícil nhonhô; mas tente-a, porque a diligencia é a mãe da boa ventura.

Figura 93 – Semana Ilustrada, ano 9, nº 452, capa, 8 de ago 1869.

Dr. Semana – Quero ver se escapo do caldeirão, sem cair nas brasas.
 Moleque – A empresa é difícil nhonhô, mas tente-a, porque a diligência é a mãe da boa ventura.

Principalmente depois da Lei de 1871, o final da escravidão era uma questão de tempo e a necessidade de mão de obra para a lavoura colocava na ordem do dia a imigração. O Dr. Semana e o Moleque, o sensato senhor e o fiel escravo letrado, pareciam não ter lugar na sociedade que se almejava estabelecer. Parte do público fluminense clamava por um país sem escravos e um povo majoritariamente branco, livre de possíveis revoltas, a exemplo do sempre temido caso do Haiti. Uma nação livre, pautada por instituições democráticas, na meritocracia e no trabalho assalariado era o que estava na agenda das políticas consideradas progressistas. Não se aspirava mais um futuro harmonioso entre senhores e escravos, negros e brancos, assim, o Moleque e o Dr. Semana deixavam de ser figuras possíveis nos novos rumos do país.

A *Semana Ilustrada* foi, sobretudo, um impresso periódico das ruas da corte. Suas crônicas e caricaturas são, hoje, uma espécie de ponte para o cenário urbano fluminense nos anos de 1860 e 1870. De fato, parece que nada escapava à lanterna mágica do Dr. Semana: turnês estrangeiras, temporadas dos grandes músicos, atrizes e atores, Teatro São Pedro, Teatro Ginásio, Alcazar, Rua do Ouvidor, Campo de Santana, Clube Fluminense, Morro do Castelo, Alfândega, Câmara dos Vereadores, bondes, praias, passeios públicos, colégios, impressos e tipografias. Nesses cenários urbanos recriados pelo semanário, os mendigos, ratoneiros e pretos tigrados aos poderosos senadores, leões do norte e banqueiros, estavam sujeitos a esbarrar no esperto menino de *libré* e seu *ioiô* de cabeleira volumosa. Folhear as páginas da *Semana Ilustrada*, ainda que no século XXI, desperta sentimentos parecidos com que Machado de Assis descreveu em 1889:

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, - igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado, a maneira de Ebers, a alucinação erudita da vida e do movimento que parou.

Jornal antigo é melhor que cemitério, por esta razão que no cemitério tudo está morto, enquanto que no jornal está vivo tudo. Os letreiros sepulcrais, sobre monótonos, são definitivos: *aqui jaz, aqui descansam, orai por ele!* As letras impressas na gazeta antiga são variadas, as notícias parecem recentes; é a galera que sai, a peça que se está representando, o baile de ontem, a romaria de amanhã, uma explicação, um discurso, dois agradecimentos, muitos elogios; é a própria vida em ação.³³⁴

³³⁴ Machado de Assis. Bons dias! *Gazeta de Notícias*, ano 15, nº161, capa, 14 de junho 1889. Apud: CHALHOUN, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 164/165.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada no Império In NOVAIS, Fernando A. & Alencastro, Luis Felipe. *História da vida Privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ARENTED, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AZEVEDO, Silvia Maria. Brasil em imagem: um estudo da revista Ilustração brasileira 1876/1878. Tese de Livre Docência. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.
- BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Ângelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrechat, 1994.
- BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CARDOZO, Rafael. (org.) *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- _____. (org.) *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 /1960*. São Paulo: COSACNAIFY, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- _____. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras, a política imperial*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ: Relume-Dumará, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- _____. *Escrita da História* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

_____. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

COSTA LIMA NETO, Luiz. O teatro das contradições: o negro nas atividades musicais nos palcos da corte imperial durante o século XIX. *Opus*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 37-71, dez. 2008, p. 50.

DEAECTO, Marisa Midori; FILHO, Plínio Martins; RAMOS JR, José de Paula (orgs). *Paula Brito: editor, poeta e artífice das letras*. São Paulo: Edusp: Com arte, 2012.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. & AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação UNESP, 1999.

_____. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Introdução à bibliologia brasileira: imagem gravada*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.

FONSECA, Dagoberto José. *Você conhece aquela? : a piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GANTUS, Fausta. *Caricatura y poder político: crítica, censura y represión en la Ciudad de México, 1876-1888*. México, D. F.: el Colégio de México, centro de Estudios Históricos: instituto de Investigaciones Dr. José Maria Luis Mora, 2009.

GONDRA, José Golçalves & SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

GRINBERG, Keila & SALES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique M. Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na corte (1859/1882). *ArtCultura*, Revista do Instituto de História/UFU, v.8, n.12, p. 85/97, jan/jun 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, p. 3-27, 1988.

GUIMARÃES, Valéria (org.) *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IPANEMA, Rogéria Moreira de. Distinção do Poder: título de imperial, as razões pelas quais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 170, nº 442, p. 249/266, jan/mar, 2009.

KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

KOSSOY, Boris & CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpico, 1963.

LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843 -1845) e Guanabara (1849 – 1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978.

LUSTOSA, Isabel. (org.) *Imprensa, Humor e caricatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (orgs.) *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *No país da piada pronta*. Em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/no-pais-da-piada-pronta>. Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: Os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. Rio de Janeiro: ACEESS, 1994.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MENEZES, Lená Medeiros de. (Re) inventando a noite: o *Alcazar Lyrique* e a *cocotte comédiénne* no Rio de Janeiro. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 20-21, jan-dez, 73-91, 2007.

MOREL, Marco *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *O estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

NERY, Laura. *Os sentidos do humor: Henrique Fleiuss e as possibilidades de uma sátira bem-comportada*. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

_____. Henrique Fleiuss e sua Semana Ilustrada. Em: http://www.icgermanico.com.br/img/index/PDF/Educacao_em_linha_15.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2012.

_____. *A caricatura: microcosmo da questão da arte na modernidade*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: PUC, 2006.

_____. *Charge: cartilha do mundo imediato*. Em: http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem_10.html. Acesso em: 16 de julho de 2012.

PIRANDELLO, Luigi. *O humorismo, em Pirandello*. Do teatro ao teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

REIS, José Carlos. *Teoria e História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *A comédia urbana de Daumier a Porto Alegre*. São Paulo: Museu de Arte Brasileira - Fundação Armando Álvares Penteado, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Epoque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALLES, Ricardo Henrique. O Império do Brasil no contexto do século XIX. Escravidão nacional, classe senhorial e intelectuais na formação do Estado. *Almanack*. Guarulhos, n.04, p.5-45, 2º semestre de 2012.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855/1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí/SP: Paço editorial, 2011.

SCHWACZ, L. M. *As barbas do imperador: D. Pedro I: um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial. In: Secretaria Especial de Comunicação Social. *Cadernos da comunicação: série memória, 19*. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. Disponível em:

<http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria19.pdf>

Acesso em: 13 de set. 2013.

SANTOS, Renata. *A imagem gravada no Rio de Janeiro entre 1808 a 1853*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2008.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: A charge como arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

_____. (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Ilustrada (1860-1876)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*. Campinas: Unicamp; CECULT, 2002.

SOUZA Silvia Cristina Martins. Com um olho no entretenimento e o outro na política: história, teatro e cotidiano politizado no Alcazar Lítrico (Rio de Janeiro, década de 1860). *Baleia na Rede- estudos em arte e sociedade*. Revista virtual do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura. Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - Campus de Marília. Vol. 9, n. 1, p. 15-33 dez. 2012.

TAUNAY, Visconde de. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

TEIXEIRA, Luis Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Coleção Papéis Avulsos, nº 38, 2001.

_____. *Sentidos do humor, trapaças da razão, a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TELLES, Angela Cunha da Motta. *Desenhando a nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*. Brasília: FUNAG, 2010.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ZENHA, Celeste. O Brasil na produção das imagens durante o século XIX: a paisagem como símbolo da nação. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves (org). *Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: AnnaBlume, 2006.